

---

## MORTE NA PRAÇA DA REPÚBLICA

---

### INÍCIO

O Padre João tivera um dia muito cansativo. Antes, havia sido a entrevista na televisão que terminou muito tarde e, logo depois, pela manhã, os preparativos para a festa de São Jorge, finalmente, a missa na Igreja do santo, que se prolongou pela noite com as comemorações. Dera uma boa ajuda ao Padre Cirilo da Igreja de São Jorge, mas estava exausto. Olhou o relógio, enquanto caminhava pela rua dos Inválidos praticamente deserta, quase meia-noite. Apertou um pouco o passo. "Um bom banho e cama", pensou antecipando o descanso e, sacudindo a bolsa que carregava, continuou a pensar, "Amanhã trataremos disto".

Padre João estava em frente à Igreja de Santo Antônio dos Pobres quando foi fuzilado. Nem chegou a perceber o que acontecera. Alguém apossou-se de sua sacola, virou-o certificando-se de que estava morto e desapareceu.

Eram já passados quarenta minutos da meia noite quando o detetive Adamastor chegou ao local do crime, acompanhado por um carro-patrolha. Não fora uma viagem longa visto que o 4º Distrito Policial, na Praça da República estava a uns trezentos metros da Igreja. Havia um policial no local e alguns curiosos, em sua maioria mendigos. Não podia esperar muito deles como testemunhas. Com o policial estava um senhor que, pela aparência, obviamente não era mendigo. "Talvez uma testemunha", pensou, um pouco animado. O policial apresentou-o ao detetive:

- Padre Amílcar, da Igreja de Santo Antônio, que atraído pelos tiros à porta encontrou a vítima. Foi ele quem fez o chamado. Ele conhece o morto. - Completou o policial.

- É o Padre João, da Igreja de Santo Elesbão, ali na Rua da Alfândega. - Disse o Padre Amílcar visivelmente perturbado.

O detetive Adamastor percebeu que a situação não era muito comum e pediu ao Padre Amílcar que falassem sobre o assunto ali mesmo na Igreja após as diligências iniciais. Puxou o policial para um lado e perguntou-lhe o que apurara:

- Nenhuma testemunha, só mendigos... O Rabecão 'tá chegando. - Resumiu o policial logo interrompendo a inquirição do detetive.

Adamastor viu o veículo aproximar-se e pensou que aquilo fora um recorde do Instituto Médico Legal. "Afinal, quase duas horas para andar um quilômetro..."

### 2

O Delegado Arlindo Feijó, logo pela manhã, fechou-se em sua sala com o Detetive Adamastor e disparou:

- O Cardeal já me ligou, o Governador já me ligou, o Prefeito já me ligou, a imprensa tá na porta.

- Parece que ele era um cara bem relacionado. Um dia antes do crime, ontem né, ele foi até entrevistado na TV. Eu já pedi a fita à emissora. O detetive Camello já está em diligência. Mas não temos muitas pistas. Tá parecendo um assalto.

- Este caso tem prioridade total, você e o Camello ficam nisso 24 horas, temos de apresentar resultados logo, dá uma geral nos vagabundos da área, alguém deve saber alguma coisa.

Dois dias depois, à tarde, o Delegado Arlindo reuniu a imprensa, e comunicou:

- Prendemos o assassino do Padre. Os detetives Camello e Adamastor foram incansáveis e numa ação fulminante pegaram o meliante. Vocês poderão vê-lo daqui a pouco. É o "Cocada", um bandido do morro de Fátima, já anteriormente condenado por tráfico de drogas. Assaltou o padre e o matou, não temos dúvidas. Pedi sua prisão preventiva e o Meritíssimo Juiz a decretou.

- Doutor Arlindo - interrompeu um jornalista - Ele confessou o crime?

- Ainda não mas espero que confesse em pouco tempo. Não há como negar, encontramos em seu poder o crucifixo do padre.

- E a arma do crime? - insistiu o repórter.

- Ainda não foi achada. Acredito que ele sabendo a quem havia matado livrou-se da arma. Vocês podem vê-lo agora, mas devo declarar que este caso demonstra que a polícia é uma instituição de homens dedicados. Aliás, hoje de manhã, quando estive com o Secretário de Polícia....

Apesar do intenso interrogatório da imprensa, o bandido apresentado, José Fagundes da Silva, o "Cocada", praticamente não falou. E era melhor mesmo que evitasse falar pois qualquer declaração de inocência significaria mais porrada do que já levava. Quando veio a noite "Cocada" resolveu confessar o crime.

O detetive Camello pegou carona com o colega Adamastor e, no caminho, disse :

- Será que o neguinho matou mesmo o padre?

- E o crucifixo que achamos na casa dele? Não foi plantado. 'tava lá, 'cê viu. Tinha o nome do padre, data e tudo. O pessoal da Igreja confirmou que era dele. E aí, como que o negócio foi parar lá, no dia seguinte que abotoaram o padre?

- Cadê a arma? O cara não tinha nem faca em casa. Foram três tiros...

- Se não foi ele, foi o primo dele, o irmão dele ou a mãe dele. Mas quem vai em cana é ele. E o Dr. tá contente. Até o Governador ligou prá ele prá elogiar. Deixa rolar cara, o "Cocada" já ia mesmo por esse caminho. Mais dia menos dia... Tanto faz, são todos iguais. Ei, vamos parar prá tomar uma?

- É... 'cê tem razão; vamos sim.

### 3

Iasmina chegou cedo ao trabalho, como de costume, antes do início do expediente. Fazia parte de sua rotina diária, pegar uma carona com o marido depois de levar os filhos para a escola. Como quase sempre era a primeira a chegar tinha tempo de organizar-se para as tarefas do dia. Passou os olhos nos jornais e instintivamente percorreu com mais cuidado as páginas do noticiário policial. Lá estava a notícia do dia, a prisão do assassino do padre. Fechou o jornal e imediatamente procurou na sua mesa os processos novos. Sorriu com certa ironia quando achou o pedido de perícia das peças recolhidas referentes ao assassinato que acabara de ler. " Veio rápido, só três dias depois do crime ", pensou.

Durante o resto do dia esteve envolvida com o trabalho de perícia das peças encaminhadas. Não era muita coisa, roupas, objetos pessoais; nada aparentemente importante. Olhou os pertences e deu tratos à bola sobre o que deveria procurar. "É sempre o mesmo", pensou, "pedem a perícia mas não dão nenhuma pista do que investigar".

No final o que tinha? Alguns fios de cabelo retirados das roupas. Manchas de sangue.

Papeizinhos variados e uma jóia. Iasmina examinava a jóia com curiosidade. Pôs-se a descreve-la mentalmente: "Um medalhão de ouro - Seria mesmo de ouro? - retangular, bordas arredondadas, com um desenho em uma das faces cercado de inscrições. No verso algo bem pequeno escrito num canto. O desenho era de um candelabro judaico e as inscrições provavelmente em hebraico. Testou e verificou que era mesmo ouro. Pesava 38 gramas. Com a lupa identificou a inscrição da borda - "A. Laks - Rio de Janeiro - 1924 " provavelmente o ourives e a data de feitura da jóia. Tirou cópias ampliadas deste material e voltou sua atenção para os fios de cabelo que encontrara; não eram muitos mas de dois tipos diferentes. Buscou as amostras do cabelo da vítima e suspirou aliviada, ao menos desta vez não haviam esquecido de colhê-las. Correspondiam a um dos tipos encontrados na roupa, mas o outro era totalmente diferente. Finos e louros, enquanto os do padre eram grossos e negros, do tipo africano. Checou a descrição da vítima e as fotos, o padre era negro, 45 anos, "um homem bonito", constatou.

"De quem seriam aqueles outros fios?", pensou. " O assassino preso era negro. Haveria um cúmplice de cabelos louros e compridos? Seria de alguém que abraçara o padre ? Voltou à lupa. Poderia ser um cabelo de criança? Muitas perguntas e poucas respostas. Guardou as provas com cuidado, completou seu relatório, mas não decidiu-se por encaminhá-lo. Fechou-o na sua gaveta e fez uma ligação telefônica. Iria investigar aquilo um pouco mais.

Iasmina saiu mais cedo e foi para o restaurante dos pais, o Alepo, na rua Buenos Aires, aliás, fazia isto sempre pois era lá que aguardava o marido para voltarem para casa. Eram quatro e meia da tarde, um pouco mais cedo do que o costume, seu marido, Armando, deveria chegar lá pelas cinco e meia ou seis horas. O restaurante estava quase vazio, como era de se esperar; fechavam cedo já que não serviam jantar, o que nem teria sentido pois o comércio já preparava-se para encerrar suas atividades. Em geral após fecharem as portas apenas os amigos de "seu" Elias e Dona Munira ainda permaneciam proseando e, naturalmente, o tio Nicolau, irmão de sua mãe. Essas conversas fluíam até tarde, quando falava-se sobre assuntos do comércio, da pátria distante, misturando-se árabe e português o que as tornavam ininteligíveis para um ouvinte não oriundo daquela comunidade. Por este motivo Armando não gostava destas tertúlias, mas ficava às vezes, para atender ao desejo de Iasmina e comer a comida da sogra, "Isto sim, era muito bom", costumava dizer.

O assunto do momento era o assassinato do Pe.. João, membro ilustre daquela comunidade comercial do centro da cidade. Os jornais davam grande destaque ao assunto.

- O padre era um santo. - Afirmou D. Munira - Viveu em Roma, na Síria, em Jerusalém, sabia muitas línguas e além disso ajudava as vítimas da guerra. Eu mesmo dei muita roupa para a igreja dele mandar para Palestina. Lembra Elias quando ele esteve aqui? Como pode alguém tão bom ser morto desta maneira? Uma tristeza!

- Ele tinha uma obra. - complementou Elias - para meninos órfãos. Há um monte deles, vindos da Palestina, vivendo aqui, com famílias brasileiras de patrícios. Era um homem muito bom mesmo. Ainda no dia de sua morte o vi ser entrevistado pela TV. Você o conhecia, Nicolau ?

Nicolau sorveu a cerveja, limpou a espuma que ficara nos bigodes brancos e respondeu:

- Ele não era tão conhecido aqui quanto na Palestina. Agora mesmo recebi um pedido do "Al Ayyam" para uma reportagem sobre ele.

- Todo homem bom acaba cedo - aparteou D. Munira - como poderia um padre ameaçar alguém?

- Que ironia, - completou Nicolau - depois de viver tantos anos numa área perigosa em permanente conflito, é assassinado por um bandido pé-de-chinelo no coração do Rio de Janeiro e a 400 metros da delegacia!

- Foi o "Cocada" - interrompeu Iasmina - vocês não lembram dele ? Vendia doces por aqui. Eu lembro dele muito bem. Os doces da mãe dele eram famosos.

- Sim, eu lembro também - falou D. Munira - O Rodorfo era até conhecido dele. Rodorfo ! - gritou em direção ao fundo do restaurante - vem até aqui. Você conhecia o "Cocada" , não conhecia?

Da cozinha do restaurante veio caminhando lentamente um indivíduo com quase dois metros de altura e a complexão de um lutador . Parou à mesa onde todos conversavam e respondeu com uma voz pausada :

- Conhecia sim, o "Cocada". Duvido que tenha sido ele quem matou o padre. Ele conhecia o padre e nunca faria isto. O padre até ajudou ele quando a mãe dele ficou doente no início do ano. Isso é tudo armação da polícia.

- Mas Rodorfo - Iasmina disse - acharam o crucifixo do padre na casa do "Cocada", no dia seguinte do assassinato, ele não negou que a peça estava lá e não apontou nenhum cúmplice.

Rodorfo ficou olhando Iasmina sem falar nada.

Ele era filho de uma antiga cozinheira do Alepo, já falecida. Tinha atualmente trinta anos e era seis anos mais novo que Iasmina. Depois da morte da mãe continuou vivendo no restaurante e trabalhando para os Jamal, sem nunca imaginar que pudesse ter outra vida pois aquela era a sua família. Os Jamal também nunca haviam pensado diferente dele, nascera no restaurante, fora criado junto com os filhos do casal, porém, Rodorfo era lento da mente e mal conseguira se alfabetizar. Um gigante que adorava particularmente a irmã, Iasmina. Isto, para ela, tivera vantagens e desvantagens. Vantagem porque ninguém se atrevera a importuna -la nas redondezas e desvantagem porque Rodorfo era ciumento; alguns namorados de Iasmina perderam o interesse nela por medo.

Rodorfo falou e retirou-se:

- Num sei explicar, mas não foi o "Cocada".

Armando chegou no restaurante neste momento e juntou-se à conversa, inteirando-se dos fatos. Todos concordaram que, apesar da opinião de Rodorfo, o mais provável é ter sido mesmo o bandido preso que matara o padre. Nicolau aproveitou e perguntou a Iasmina:

- Você que é da polícia o que sabe?

Iasmina falou evasivamente sem acrescentar muito ao que todos já sabiam. Não gostava de tratar de assuntos da polícia quando estava profissionalmente envolvida. O tio Nicolau a conhecia bem e percebeu que a sobrinha estava disfarçando, mas não insistiu no assunto. Alguns minutos depois, quando os dois estavam temporariamente a sós na mesa ela lhe falou:

- Preciso lhe perguntar umas coisas, tio, mas em outro lugar, pode ser?

- Mas claro, Iasmina. Vamos marcar uma hora amanhã. Está bem?

Marcaram um encontro para o dia seguinte. O resto da tarde transcorreu como sempre, se despediram e partiram para suas casas.

#### 4

O Delegado Arlindo Feijó andava satisfeito nestes últimos dias. Recebera inúmeros telefonemas de gente importante, espaço na imprensa e até uma entrevista na TV. Fora um golpe de sorte terem encontrado o bandido tão rápido. Estes bandidos eram mesmo primários ao deixarem as provas a vista. "Ainda bem", pensou. Devia agora encaminhar o inquérito para a promotoria e torcer por um julgamento rápido. Era o que precisava para reivindicar a direção de um Departamento. Releu seu relatório; o suspeito, que por sinal já fora condenado uma vez, parecia-se

com o retrato falado de um punquista que andava atuando no bairro,. Feita a diligência fora encontrado na sua casa o crucifixo do padre. Decretada a prisão preventiva o elemento confessara. "Com uma certa pressão", pensou. Não fora achada a arma do crime, uma pistola 9 mm segundo a perícia. O padre levava três tiros, dois pelas costas e um na cabeça. As balas haviam sido recuperadas do corpo e vieram da mesma arma. Faltavam os demais resultados da perícia e isto poderia demorar, mesmo assim havia elementos para indiciar o "Cocada". Pegou o telefone e ligou para o Dr. Juvenal, chefe do Instituto de Criminalística.

- Dr. Juvenal, aqui é o delegado Arlindo. Sobre a perícia do caso do Padre...

Não gostou muito do que ouviu, a análise estava com a perita Iasmina.

- Juvenal - já num tom mais coloquial e levemente irritado - esta mulher é uma chata !  
Desculpe a expressão, mas ela é conhecida por complicar os casos...

O delegado Arlindo fora interrompido no seu desabafo pelo interlocutor e ficou repetindo monossílabos enquanto ouvia a cantilena do chefe da perícia. Por fim pode falar:

- Com certeza, Juvenal, que eu confio em você; foi só uma força de expressão, mas por favor fica de olho na moça. Este caso está resolvido e não vamos deixar um detalhe burocrático estragar tudo , não é? Sim, até logo, eu aguardo.

Desligou o telefone mas não ficou satisfeito, apesar da garantia do Dr. Juvenal que o laudo sairia logo, e que, pessoalmente, se encarregaria do assunto. Teria de aguardar mais para remeter o relatório à promotoria.

Iasmina, ao chegar ao trabalho, no dia seguinte, resolveu que não abriria nenhum processo novo que aparecesse em sua mesa. Reviu o caso do Padre João. Ele fora morto pelas costas e um dos tiros fora disparado a queima roupa em sua cabeça. Não tivera a menor chance e provavelmente nem percebera o que acontecera. Iasmina olhava as fotos e relia a ocorrência. Aparentemente nada fora roubado, exceto o crucifixo que aparecera na casa do "Cocada". Mas e o amuleto de ouro? Porque não fora roubado junto com o crucifixo? Talvez porque não estivesse numa corrente no pescoço mas dentro do bolso do paletó. O ladrão provavelmente não tivera tempo de revistar o corpo. Ela já vira um número incontável de casos semelhantes e aquele ali não se encaixava como um latrocínio típico. "Quem atirou, tinha a intenção de matar", concluiu mentalmente. Seria o "Cocada" um bandido tão violento assim? Enquanto conjecturava foi chamada ao gabinete do diretor. O Dr. Juvenal recebeu-a amavelmente, como não costumava ser e foi logo dizendo:

- Dr.<sup>a</sup> Iasmina, gostaria de saber como anda a perícia do caso do assassinato do Padre. Não a estou pressionando mas, o Delegado Arlindo tem uma certa urgência no assunto por motivos que imagino a Sr.<sup>a</sup> deva entender. Quando teremos o laudo final ?

Iasmina percebeu que não teria como reivindicar mais tempo para investigar melhor o caso, mesmo assim arriscou:

- Há alguns aspectos que demandam uma apuração mais cuidadosa...

- Algum destes aspectos traz mudanças radicais no caso ?

Iasmina hesitou um pouco antes de responder:

- Aparentemente não, mas gostaria de averiguar. Entretanto posso lhe dar o laudo agora mesmo.

O Dr. Juvenal nem ao menos perguntou quais seriam aqueles aspectos que mereciam maior investigação, o que não era próprio de sua conduta habitual, isto significava que fora pressionado a liberar o resultado da perícia, e certamente não apenas pelo Delegado Arlindo, por quem nutria uma disfarçada antipatia.

- Pois continue suas investigações, se quiser, mas está muito bom que me dê o laudo ainda hoje.

Horas mais tarde o Delegado Arlindo recebia o tão esperado laudo pericial. Iasmina saiu mais cedo para encontrar-se com o tio, levando numa pasta as cópias da perícia do caso. Haviam combinado de se verem num restaurante longe do centro, e quando Iasmina chegou seu tio já sorvia a segunda cerveja, o que significava que ela não se atrasara muito.

Após confraternizarem por alguns minutos e terem feito os pedidos ao garçom, Iasmina foi direto ao assunto. Mostrou o que tinha ao tio e perguntou-lhe:

- Sabe o significado deste amuleto?

Após estudar cuidadosa e silenciosamente as cópias disse:

- Claro que sei. É um "Shivit". - Olhou-a de soslaio e continuou, como adivinhando que teria de dar uma longa explicação - No caso com o desenho de uma "Menorá" e inscrito por dentro e por fora com o Salmo 67. Segundo a tradição judaica, foi o próprio Deus que revelou este Salmo a Moisés e posteriormente a Davi. Tanto um quanto outro tiveram uma visão na qual as palavras estavam gravadas numa folha de ouro com o formato da "Menorá", o candelabro sagrado. Deve-se recita-lo concentrando-se na forma da "Menorá"; e quem assim o fizer é como se estivesse frente ao próprio candelabro do templo, estará guardado de todo mal, terá sucesso na vida e herdará o mundo vindouro. Costuma-se rezá-lo em algumas ocasiões especiais, as quais não me lembro bem, mas acho que na páscoa. É um amuleto muito usado e considerado muito poderoso. No caso, como passo ver, trata-se também de uma jóia muito fina e cara. Foi feita por um artesão caprichoso, certamente o Sr. A. Laks, em 1924, no Rio de Janeiro, conforme está no verso.

Iasmina sempre admirara o tio pela sua erudição, Ele a olhava com um sorriso complacente, Iasmina era sua sobrinha preferida, aliás a pessoa da família que ele indisfarçadamente mais gostava. Ela então inquiriu-o:

- Porque um padre levava consigo um amuleto tão valioso e de outra religião?

- Certamente era uma peça de estimação que ele admirava.

- No entanto, o ladrão não a roubou. Provavelmente não teve tempo de revista -lo. Mas, como o padre obteve esta jóia?

Nicolau olhou outra vez para as fotos e demorou-se algum tempo para responder:

- Se acharmos o ourives talvez possamos descobrir que a comprou. Se me permite ficar com estas cópias tentarei descobrir. Uma jóia desta não é trabalho trivial, portanto este ourives deve ser conhecido. Mas, aonde? Talvez demoremos a achar -lo.

- O que mais você descobriu sobre o padre, tio?

- De ontem para hoje, nada, mas tomei a iniciativa de consultar algumas fontes que logo me darão mais informações. Devemos aguardar. Agora diga-me, porque todo este interesse num caso praticamente elucidado?

Iasmina não soube dar uma explicação razoável mas o tio fizera-lhe a pergunta apenas para reforçar a impressão de que ela, de alguma forma herdara o traço da curiosidade que também o caracterizava. Não havia necessidade de um motivo, era algo inato, uma aptidão para formular perguntas e tentar responde-las, ela, sem dúvida, era mesmo sua sobrinha preferida.

## 5

A Promotora Elsa Uomura estava antegozando mentalmente suas férias quando recebeu o processo do Padre João, mais um entre dezenas de outros que deixaria para seu substituto cuidar, no entanto, resolveu lê-lo. O assunto tomara grande vulto no noticiário, não só pela violência do fato como pela personalidade da vítima. Embora quase desconhecido no seu próprio país o Padre João tinha uma sólida reputação internacional. A Igreja, através do Cardeal, fizera pública sua

indignação com o ocorrido e mais uma vez houve o coro dos inconformados com a violência da cidade e o descaso das autoridades, a morosidade da justiça e tantas outras coisas. Algo mais surpreendente ainda fora a rapidez com que a polícia elucidara o crime, e a forma como ele ocorreu. O acusado conhecia a vítima e o matara a sangue frio para roubar um crucifixo. Com estes ingredientes o assunto rolava pelos jornais, ansiosos por notícias sensacionais. A cada telegrama de instituições humanitárias consternadas pela morte do padre era uma festa nas redações. Quando a Madre Teresa de Calcutá mandou condolências, e citou o padre numa entrevista, todos os jornais puseram o assunto na primeira página. A imprensa mitificava o homem. No entanto, ao terminar de ler o processo não se sentiu satisfeita com a investigação; não havia a arma do crime, mas o réu afirmou que se livrara dela, jogando-a no mar entre o Rio e Niterói. Mas porque, excluindo a hipótese de um assassino psicopata, teria ele escolhido assaltar e matar alguém que conhecia, e que, era evidente, não possuía bens? E porque roubara o crucifixo e o guardara? Certamente os estudiosos da mente humana teriam explicações a dar mas a Dr.<sup>a</sup> Elsa precisava de fatos e motivos mais palpáveis. Juridicamente o assunto parecia resolvido, e, pela indignação pública o júri não hesitaria em condena-lo. Era causa vencedora para a promotoria. Mesmo assim, finda a leitura dos autos, ainda persistia algum desconforto. Suspirou e escreveu um bilhete para seu provável substituto. Em 24 horas estaria de férias e pretendia esquecer a justiça por um bom período.

Um dia depois a promotora Elsa Uomura não só ainda estava trabalhando como também já não fazia previsão de férias. O caso do padre fora considerado prioridade na promotoria e ela fora instada a permanecer nele. Poderia considerar isto um prêmio à sua indiscutível competência, ou simplesmente uma vingança por causa deste mesmo fato? Não havia como recusar o pedido do próprio Secretário de Justiça. Foi pensando nestas coisas que a promotora Elsa Uomura entrou na sala do Delegado Feijó, que por sinal não parecia muito satisfeito com a situação, pois que, conjecturara ter a sua sorte uma contrapartida de adversidades, ou seja, não se consegue nada de graça neste mundo, nem os favores de Deus. Não que o Dr. Arlindo fosse propriamente um tipo religioso, mais adequado seria considera-lo susceptível à superstição, e esta Promotora, no seu entendimento, era uma "pé frio", e ele lembrava-se bem de alguns colegas seus que já haviam tropeçado com esta senhora... Embora não podendo compartilhar destes pensamentos a Dr.<sup>a</sup> Elsa sentiu um certo sobressalto no Delegado, mas teve uma recepção cordial:

- Dr.<sup>a</sup> Elsa, este caso tem para mim um significado especial, diria mesmo que é o mais importante de minha carreira, até o momento. Tudo que estiver ao meu alcance para facilitar o seu trabalho será feito. Aliás quando recentemente estive com o Sr. Secretário fui claro em dizer...

Assim, durante um bom tempo a promotora foi obrigada a escutar um breve de cabotismo do Delegado, tendo de manter uma atitude que não transparecesse o enfado que sentia. "Coisas da profissão", pensou resignada. Depois dos auto-elogios do Dr. Arlindo ela pode tomar o depoimento do acusado. Ficou numa sala envidraçada, por recomendação do Delegado:

- A Sr.<sup>a</sup> deve compreender a minha responsabilidade em deixa-la protegida de um criminoso tão perigoso. Não se preocupe que a privacidade de sua entrevista estará garantida, apenas os meus homens ficarão de olho. Por precaução, é claro. - E deu uma risadinha.

O "Cocada" não colaborou muito limitando-se a confirmar sua confissão. Mas a promotora insistia:

- Sr. José... "Cocada" - sentiu-se um tanto embaraçada em não conseguir a mínima empatia com o réu - haverá alguma coisa que queira me dizer que ainda não consta dos autos que acabei de ler? - Esperou alguns segundos sem obter resposta - Gostaria que eu fizesse alguma coisa?

"Cocada" levantou os olhos para a promotora, pela primeira vez, e disse:

- Pode me arrumar cigarros?

Não havia muita coisa a acrescentar e a Dr.<sup>a</sup> Elsa estava frustrada. Deu por encerrado o depoimento e retirou-se, deixando um dinheiro para que comprassem os cigarros. De volta ao seu gabinete redigiu a acusação.

O Juiz Rui Nonato, dois dias depois, recebeu a acusação, mas chamou a promotora e assinalou o seu desapontamento com a investigação:

- Dr.<sup>a</sup> Elsa, aparentemente o réu não esboça qualquer desejo de defesa, e não vejo nas considerações da promotora que o motivo desta atitude seja um profundo arrependimento, antes percebe-se no acusado uma evidente apatia e pouca vontade de colaborar com a justiça. Eu pergunto se não há algum indício, na sua opinião, de uma patologia mental.

- Meritíssimo, solicitei, como V.Ex.<sup>a</sup> pode constatar, uma perícia médica, entretanto, não me pareceu que o acusado estivesse alienado da realidade dos fatos. Dada a repercussão do homicídio achei por bem não protelar a acusação mas espero que durante o desenrolar do processo seja possível aprofundar as investigações.

O Juiz ficou em silêncio alguns minutos passando as folhas do processo mas evidentemente não lia, estava decidindo o que fazer. Por fim falou:

- Vou aceitar a denúncia da forma como está pois não há motivo para protelar, ademais, o acusado necessita de uma defesa que se dedique inteiramente ao caso. Está marcada a audiência de acusação para daqui a duas semanas. Determino também a constituição de um defensor público...

A promotora retirou-se da sala do Juiz com uma sensação ainda maior de frustração do que quando inquirira o "Cocada". Havia falhas no inquérito policial, ela percebera e o Juiz também, mas não conseguira vislumbrar como obter mais tempo para investigações. Precisaria de uma evidência irrefutável, sobretudo para neutralizar as pressões dos muitos interessados pedindo que se fizesse justiça, e rápido. Estava todo dia nos jornais.

No dia seguinte soube que a Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador fora designada como advogada do "Cocada". Ela era uma veterana do ofício, quarenta e quatro anos e nunca se interessara profissionalmente por outra coisa a não ser a defensoria pública e todos sabiam no Fórum que tinha competência de sobra para tornar-se Juíza ou política, como freqüentemente sugeriam. Se por um lado era admirada pela sua capacidade, por outro, granjeara muitas inimizades pelo fato de já ter destruído em juízo os casos de alguns promotores, policiais e advogados de renome e conseguido a absolvição de bandidos famigerados. A Dr.<sup>a</sup> Elsa ficou satisfeita com a notícia, o "Cocada" teria uma boa defesa, e ela a certeza de que participaria de um julgamento correto. Sorriu de si para si quando lembrou a possível reação do Delegado Arlindo. Gostaria de estar por perto para ver.

A porta do gabinete do delegado, na 4<sup>a</sup> D.P. abriu-se violentamente e de dentro da sala surgiu um senhor vestido num terno de linho branco, a calvície disfarçada pelos restos de cabelo penteados para cima, o bigode fino bem aparado, as unhas feitas e um enorme anel enfiado no dedo. Era o próprio delegado Arlindo Feijó, vociferando para os seus auxiliares:

- Sacanagem, isto é sacanagem comigo!

Toda delegacia voltou-se para ele. Um delegado furioso pode ser um perigo e cada um perpassou na mente se poderia ter sido o motivo de tanto destempero. O titular continuou sua diatribe:

- Camello, Adamastor, venham cá imediatamente!

Exceto os dois detetives, todos respiraram de alívio, para imediatamente se preocuparem de novo com o motivo da ira do delegado. Os dois policiais correram para a sala do chefe, que indiferente à porta aberta praticamente berrava:

- Sabem quem vai defender o vagabundo do "Cocada", sabem? - e sem esperar pela resposta - a Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador. Aquela vaca!

O detetive Camello teve vontade de rir, mas se conteve, fazendo inclusive uma cara de espanto e raiva, manteve-se calado enquanto Adamastor exclamava:

- Puta que o pariu, que azar! - Fora uma assertiva sincera, pois ele lembrava bem a humilhação que a advogada fizera o delegado passar há alguns anos, num caso, não lembrava bem qual, mas que fora um vexame. O Dr. Feijó pegou o mote:

- Azar? Não, azar não! Sacanagem, esta é que é a verdade! Querem foder comigo... este juiz de merda! Este Secretário de Justiça de merda! Primeiro aquela perita de merda, depois a promotora de merda ! E agora... - foi ficando vermelho e com a voz embargada, no que Camello completou, num impulso que depois se arrependeria:

- É muita merda junto... um verdadeiro penico!

As gargalhadas ecoaram fora da sala do Delegado, que perdeu completamente o controle e saiu dando chutes nos móveis e xingando quem estivesse pela frente. A muito custo o subdelegado conseguiu acalma-lo, auxiliado por alguns funcionários. Levou-o para passear longe dali. Mais tarde, ao retornar, o Dr. Arlindo parecia o mesmo de sempre. Sua única atividade foi solicitar a transferência do detetive Camello. Adamastor conseguiu, a muito custo, convencer o chefe a desistir da idéia. Mais tarde a sós com o colega piadista lhe falou:

- Você e esta sua boca enorme ainda vão se dar muito mal. Quando quiser fazer gracinha enfia a cabeça na privada e dá a descarga.

- 'Tá legal, obrigado pela força, mas qual é a do cara? Não foi nada ofensivo.

- Escuta aqui, o delegado ficou na geladeira, atrás de uma escrivania, durante anos anotando recados, por causa dessa advogada. Ela fez dele gato e sapato na frente do júri, e ele ainda pegou um inquérito disciplinar. Dá prá entender agora?

- Eu não sabia que tinha sido tão barra pesada assim.

- Pois foi e pelo visto este caso vai pelo mesmo caminho. Está mulher não é mole.

- Não dá prá trocar ela? Quer dizer, alegar qualquer coisa...

- Impossível. Ou foi uma puta coincidência ou o Delegado tem razão, tão arrumando prá ele.

- Mas quem, e porque? O caso é moleza. Ninguém tem interesse neste neguinho e todo mundo quer acabar logo com o assunto.

- 'Cê tem razão, mas a gente não sabe também em que calos o Doutor andou pisando. O melhor é esperar pelo pior. Prá começar o crioulo tem de ser "trabalhado" , mas sem porrada, entendeu? Nós vamos botar um cara com ele na cela, prá garantir que ele não mude a história. O cara é um preso e vem de outra delegacia, é um acerto.

- E se falhar?

Adamastor sorriu meio soturnamente enquanto respondia:

- Aí o Doutor vai ter de apelar prá ignorância...

O detetive Camello não estava na polícia há tanto tempo quanto seu colega, nem pretendia continuar neste emprego. Vinha se preparando, logo concluiria o curso de direito e tentaria um concurso público. Sabia que com um pouco de sorte e esforço poderia progredir nos seus planos, mas precisava de tempo para estudar e a vida de detetive era muito atribulada, por isso lamentou o episódio pois se não contasse com a benevolência do Delegado ia ser muito mais difícil. Não gostava dos métodos do Dr. Arlindo mas teria de agüentar, só não queria se meter em fria, mas era para isto que pressentia as coisas caminharem. Adamastor era um bom sujeito que se acomodara à idéia de ser um policial o resto da vida e já arrumara alguns esquemas escusos que lhe complementavam o salário, como de resto quase todos faziam. Camello não criticava ninguém, só queria outra coisa para si.

## 6

Iasmina recebeu logo cedo o recado de seu tio pedindo-lhe que o encontrasse em determinado lugar. Era o jeito do tio, fazer as coisas com um certo mistério. Pensou que, na verdade, ele cultivava este modo de ser talvez para diminuir a dureza com que a vida o tratara. Sendo o filho mais velho de uma tradicional família síria tivera de arcar com a responsabilidade de mantê-la após a morte de seu pai. Fora dele a decisão de emigrar quando, após um golpe de estado, tomaram tudo que tinham, e havia sido seu o maior sacrifício nos primeiros anos da mudança. Nicolau tivera uma educação esmerada, e inteligência e cultura era sua maior fortuna. Anos depois, voltara à terra natal e numa vã tentativa de reconstruir o passado, casara-se, tivera filhos, estabelecera-se no comércio e entrara para a política. Num lustro, perdeu novamente tudo. A esposa, oriunda de uma classe conservadora e abastada, em troca de conforto e segurança para ela e os filhos, recusara-se a acompanhá-lo para o exílio político. Nicolau voltou só para, uma vez mais, recomeçar. Munira recebeu-o sem fazer perguntas e desde então, todos esses anos a vida do irmão enfumou-se em discrição. Constava que era jornalista, comerciante, escritor e professor. Dizia-se que nunca abandonara a atividade política e clandestinamente combatia o governo sírio. Viajava muito mas nunca se sabia ao certo para onde. Não tinha problemas financeiros nem aparentava riqueza. "E acima de tudo", pensou Iasmina, "era um grande contador de histórias". Antes de rumar para o encontro procurou inteirar-se das novidades. Fora a rotina, o assunto era o ataque de fúria do Delegado Arlindo, que ultrapassara o ambiente da delegacia, trazendo à tona, em meio a comentários sarcásticos, os problemas que tivera no passado. Iasmina foi encontrar-se com o tio.

Ele recebeu-a com muitos elogios, como era costume, o que muito agradava Iasmina fazendo-a retribuir-lhe a altura. O tio era muito vaidoso, principalmente dos elogios femininos. Estavam no salão de um clube tradicional da cidade, muito freqüentado por empresários da colônia portuguesa, e isto queria dizer que Nicolau não pretendia ter seus conterrâneos por perto, ouvindo-o. Asseverou-se disto quando ele falou-lhe em árabe. Iasmina tinha no árabe sua segunda língua embora não lesse tão bem e escrevesse pior ainda, mas compreendia perfeitamente o tio:

- Iasmina, tenho algumas informações muito interessantes sobre o caso do padre, e muito inquietantes também. Em primeiro lugar, encontrei o ourives que fez o amuleto, na verdade o neto dele pois o próprio já faleceu. Por sorte nossa ainda estão no ramo, são os Laks, ourives judeus há décadas. É verdade, o Sr. Nahum, neto de Aaron Laks, o artista que cunhou esta obra prima, me fez passar a tarde toda ouvindo a história da família, com direito inclusive a ver o álbum de fotografias. Realmente interessante. É claro que me apresentei com outra identidade, de judeu, e pelo fato de termos entremeado a conversa com hebraico deve ter -lo feito pensar que eu era autêntico. Prá dizer a verdade foi muito fácil porque o hebraico dele era sofrível, tanto que continuamos em português. Pois você acredita que ele não parece ter notado o meu sotaque?

- Mas o seu sotaque é quase imperceptível.

- Não para um ouvido treinado, o que graças a Deus, não era o caso do Sr. Nahum. Bem, contei-lhe uma história comprida sobre uma avaliação que fazia das jóias de uma família cujo nome preferia manter em sigilo, e que surpreendi-me ao ver aquela peça pois não sendo judeus, como a teriam obtido. Visto o valor religioso, custava a crer que um judeu, a não ser por extrema necessidade venderia tal relíquia, etc., etc. e tal. O sujeito engoliu minha história e, em resumo deu-me uma lista com os nomes das pessoas que compraram originalmente as únicas quarenta peças que Aaron Laks produziu. Aí estão!

Nicolau passou às mãos de Iasmina a lista com os nomes. Ela havia se interessado mais na história engendrada pelo tio do que pelo resultado. Afinal, o que faria com aquela lista? Como se

adivinhandando os seus pensamentos o tio retomou a fala:

- Se o amuleto estava com o padre, certamente foi um presente, e um gesto muito íntimo e significativo pelo que representa esta jóia. Todas elas foram vendidas para famílias radicadas aqui. De fato, as primeiras vinte foram encomendadas por um grupo de famílias que emigraram juntas, como cumprindo uma promessa, e fez tanto sucesso que vieram outras encomendas, logo, isto reduz o número de famílias para quinze. Pela data o Sr. Nahum me deu certeza que, no meu caso, era um amuleto do grupo original feito em 1924, mostrou-me inclusive os desenhos do avô. Incrível como são organizados. Assim, restam apenas 8 famílias. Agora é só descobrir nestas oito famílias quem conhecia o padre e o admirava tanto a ponto de lhe dar este amuleto.

Mesmo fascinada pela verve do tio Iasmina argumentou:

- No entanto, tudo isto não muda em nada este caso. O ladrão não roubou o amuleto, provavelmente porque não o encontrou, e achar o dono original apenas nos dará mais informações sobre vida do padre e não sobre o assassinato. De qualquer forma, é intrigante a origem deste amuleto.

- Há mais - complementou Nicolau, com um ar levemente misterioso, como era sua especialidade - sobre a saída do padre de Jerusalém. O nosso prezado padre chegou naquelas paragens em meados da década de 70, vinculado à Irmandade de S. Abdula, uma instituição voltada para o amparo dos cristãos palestinos, e por causa do seu trabalho em favor dos órfãos dos conflitos palestinos, em 1990 o Pe. João recebeu um prêmio da Cruz Vermelha Internacional. Não há dúvidas que era uma celebridade, isso foi bem noticiado na época, embora com pouca repercussão aqui. Sua "Obra dos meninos-órfãos cristãos" gozava de prestígio, reconhecida por todos os governos e facções locais. Pois, de repente, em maio de 1993 o Padre João embarca para Roma, fica lá dois meses e vem para o Rio de Janeiro, não retornando mais a Jerusalém. Você me perguntará - e apontou um dedo para Iasmina - porque um homem larga, sem a menor explicação, uma causa à qual se dedicou mais de vinte anos? E eu lhe respondo: Não sei!

Nicolau tinha um certo pendor para teatralizar suas histórias, propositadamente tentando deixar as pessoas em suspense ou confusas e por isso que, após um brevíssimo silêncio, completou:

- Ainda não sei!

Iasmina percebeu que seu tio incorporara o caso no rol dos seus interesses imediatos, pois seus olhos brilharam ante o desafio em descobrir mais sobre a vida deste trágico personagem, havia um mistério maior a ser revelado. "Talvez", pensou ela, "pelo fato de envolver a cultura a que pertencia, ou porque era correspondente dos jornais de lá, ou por qualquer outro motivo, mas o certo, e ela bem o conhecia, é que ele iria esmiuçar a vida do Padre João. Mesmo considerando que a curiosidade do tio pouco acrescentaria ao seu trabalho sentia-se compelida a anima-lo, imbuída, é claro, daquela mesma característica genética. Sendo assim, e pouco mais importava a questão policial envolvida, enlevou-se nas expectativas do tio:

- Eu assisti à fita da entrevista do Padre na televisão um dia antes de sua morte...

- Eu também - ajuntou Nicolau sorrindo.

- Então - continuou Iasmina - lá pelas tantas perguntaram a ele se tivera problemas políticos com as autoridades israelenses, e a resposta que deu foi evasiva, apesar do entrevistador ter insistido. Você poderia apurar isto.

- Sim, e devemos agradecer à moderna informática e às facilidades eletrônicas. Veja você mesma o que me mandaram de lá. - E sacou do bolso do paletó um calhamaço de papéis escritos em várias línguas. Eram notícias de jornais que Iasmina compreendia muito mal e pediu-lhe que explicasse:

-- Bem - continuou Nicolau - ele esteve naquela região por mais de vinte anos, e nunca fora

perturbado pelas autoridades israelenses, ao contrário, sempre obteve certo apoio para sua obra. Saiu em um jornal local que alguma coisa acontecida mais recentemente, por volta de meados de 1992, o levou a ser vigiado pelas autoridades israelenses. Diziam que ele estaria ajudando ativistas palestinos. Você sabe, aquela região é muito visada, qualquer deslize e vira-se um suspeito. Acho que de algum modo, talvez mesmo sem se dar conta, o Padre pode ter interferido em algum assunto melindroso. Certo é que o retiraram de lá e o puseram aqui, na rua da Alfândega, numa igreja sem expressão. O meu faro diz que realmente houve alguma coisa e queriam que ele se afastasse por uns tempos. Continuarei investigando e estou certo que receberei novas informações.

Iasmina havia quase esquecido a hora, tão animada estava a conversa pois nem comeu a sobremesa e deixou o tio no restaurante, ele certamente não estava com pressa e comeria as duas sobremesas. Ao retornar ao trabalho recebeu um recado da Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador pedindo que marcassem um encontro. Iasmina conhecia a advogada pois participara de algumas perícias de casos defendidos por ela e sentiu-se satisfeita de poder colaborar outra vez. Admirava a defensora. Outro recado, da Universidade, dava conta que os exames genéticos que pedira dos fios de cabelo estavam prontos. Abriu a agenda, telefonou para responder os recados e marcou os dias para os encontros.

## 7

Mariana Salvador era uma mulher singular, começara profissionalmente um pouco tarde, aos 32 anos, depois de ter criado três filhos, se divorciado e resolvido retomar à profissão. Decidira-se pela defensoria pública mesmo sabendo que poderia obter mais sucesso financeiro em outras áreas; oportunidades não faltaram. Pensou-se, no meio em que militava, que sua ambição era a política, o que seria natural pelo sucesso que conseguiu na profissão, no entanto, motivos mais intrincados a levavam a abraçar o seu ofício com a determinação que a distinguiu dos outros. Tais motivações faziam parte de seus pensamentos mais íntimos e por ser uma pessoa reservada ao extremo ficavam desconhecidas por todos. Às vezes, como naquele momento, pegava-se pensando nestes motivos, mas foi interrompida pela chegada do Juiz, que imediatamente a saudou:

- Dr.<sup>a</sup> Mariana, é um prazer revê-la. Bem, imagino o motivo que a fez me pedir este encontro.

- Excelência - seguiu falando a advogada após retribuir os cumprimentos - há uma situação delicada nesta minha designação. Talvez V.Ex.<sup>a</sup> não tenha conhecimento dos episódios que envolveram a mim e o Delegado Feijó.

- Sei perfeitamente Dr.<sup>a</sup>.

- Pois então, Excelência, isto poderia trazer problemas para a defesa visto que de alguma forma a minha presença não suscitaria muita boa vontade do Delegado. Caso V.Ex.<sup>a</sup> concorde creio que outro defensor seria mais apropriado para o caso.

- Dr.<sup>a</sup>. Mariana, certamente está no seu direito se recusar à defesa do acusado, e creio que por um motivo relevante, mas dada as circunstâncias que envolvem o processo julgo que devo buscar o melhor para a defesa. Faço um apelo para que reconsidere sua posição e da minha parte haverá todo apoio necessário. A bem da verdade a sua indicação foi muito bem aceita em todos os escalões. Creio que o Dr. Arlindo Feijó já deve ter tomado ciência disto e certamente não deixará de colaborar, em que pese as questões passadas.

O diálogo estendeu-se por muitos minutos e Mariana Salvador foi percebendo que a sua insistência em sair do caso não seria vista como uma atitude ética mas como uma fraqueza, e isto ela não tolerava. Estava claro também que o caso assumia proporções maiores do que em princípio aparentava. O Juiz não estava convencido dos resultados da investigação, muito menos a

Promotora, mas não havia muito com que trabalhar, ainda mais tendo de contar com a boa vontade do Dr. Feijó. Recuou de seu intuito original e aceitou a indicação, pelo visto para alívio geral. Imediatamente pôs-se em campo e solicitou uma entrevista com o Delegado. Dias depois encontravam-se em terreno neutro, no gabinete da promotora. Estavam lá sentados frente a frente, em silêncio que só foi rompido pela promotora:

- Já que conversamos preliminarmente sobre o caso com cada um, vou deixar -los por uns instantes, como combinamos. - e retirou-se pedindo mentalmente a ajuda de Deus.

- Dr.<sup>a</sup> Mariana - o Delegado estava muito constrangido e irritado - saiba que não pretendo ser humilhado novamente, eu não esqueci! Tenho amigos e meios para me defender e não hesitarei em usa -los! - seu tom de voz elevou-se um pouco e seu rosto ficou ligeiramente ruborizado.

- Dr. Feijó, desconsiderarei sua raiva a meu respeito, estamos, de um certo modo, no mesmo barco. Há um julgamento a ser feito e cada um de nós deve cumprir a sua parte; só espero que todas estas coisas do passado não interfiram na defesa do meu constituído. Estou tão pouco a vontade nisto quanto o senhor, contudo redigi alguns itens que gostaria que lesse e refletisse sobre eles, assim evitaremos muitos problemas. - Em seguida entregou ao Delegado uma lista de procedimentos que deveriam ser aceitos por ambas as partes. O Delegado leu-as e percebeu imediatamente que estava sozinho naquela reunião, suas piores suspeitas confirmavam-se, era um complô. Ponderou de si para si que não poderia dar um troco ali mesmo, naquela mesma hora, pois certamente seria afastado do cargo. "Uma armadilha destas duas víboras" pensou, "preciso ganhar tempo":

- Pois bem, concordo. - Ato contínuo levantou-se. Neste momento a promotora entrou na sala perguntando:

- Então ? Chegou-se a um acordo ?

O Dr. Feijó deu um sorriso de desdém, e retirou-se. A Dr.<sup>a</sup> Elsa olhou para sua colega, deu de ombros e disse:

- Ao menos isto.

Alguns dias depois o "Cocada" foi transferido de Delegacia, e isto provocou uma pequena mudança nos estratagemas do Dr. Arlindo, já que não poderia colocar o "companheiro" que arranjava para o "Cocada" na mesma cela, por outro lado, pedir muitos favores especiais aos colegas delegados provocaria comentários indesejados. Avaliou a situação e achou que deveria mudar de métodos, mostrar-se colaborativo e tentar desarmar o espírito da defensora e da promotora. O fato de não ter feito nenhuma resistência à transferência do bandido fazia parte desta sua nova atitude. O caso era político, com certeza, e era neste terreno que deveria atuar.

A Dr.<sup>a</sup> Mariana releu várias vezes os autos e mesmo assim não sentiu-se satisfeita. Havia, é claro, muito campo para a defesa, mas as condições do caso tomavam um aspecto preocupante. Se as provas para condenação pareciam fracas em compensação o clamor público era muito forte, e seria um júri que daria o veredicto, as razões técnicas da defesa poderiam ser insuficientes para sobrepor-se a isto. Ela logo percebeu que não tinha um caso comum nas mãos e disto também devem ter se apercebido as muitas autoridades envolvidas. Mas para que lado iriam os ventos? Quem queria a condenação, não importando a verdade, para dar apenas uma satisfação política à sociedade? Quem queria a verdade, e mais do que isto, qual era a verdade? Deveria começar conhecendo melhor o seu cliente, julgar o seu caráter, ganhar sua confiança e saber sua verdade. Um primeiro passo fora dado quando conseguiu a transferência de delegacia, era hora, portanto, de verificar o efeito desta medida no réu. Dr.<sup>a</sup> Mariana dirigiu-se à 1<sup>a</sup> DP, na Praça Mauá para onde fora transferido o "Cocada". Era um local tão ruim quanto o outro mas ao menos o Delegado-Titular era um homem correto e certamente seria mais colaborativo do que o Dr. Arlindo. Fora

arranjada uma sala para que ela pudesse falar com o seu constituído, não era grande coisa, mas permitia alguma privacidade. Dr.<sup>a</sup> Mariana esperou um pouco antes de falar, tentando captar o estado de espírito do seu constituído, sabia, pela sua ficha criminal que ele não era um novato, já fora condenado uma vez embora nunca tivesse enfrentado um júri. Tentando um gesto amistoso entregou-lhe um pacote de cigarros e perguntou, embora já soubesse a resposta:

- Recebeu alguma visita?

"Cocada" que havia acendido um cigarro, balançou a cabeça numa resposta que tanto poderia ser sim ou não. Mariana achou que era melhor abordar logo o assunto que a trouxera ali pois não viu disposição no acusado em manter uma conversação casual. Explicou-lhe pausadamente a função que desempenharia dali para frente, os direitos do acusado, os procedimentos jurídicos e finalmente perguntou:

- Você sofreu alguma violência enquanto esteve preso na 4<sup>a</sup> DP?

Ela não esperava que houvesse alguma resposta imediata, apenas queria observar a reação dele. "Cocada" continuou em silêncio mas baixou a cabeça e deu um suspiro. Mariana percebeu a mudança de atitude e insistiu:

- Você foi obrigado de alguma forma a dizer coisas que não queria?

O rapaz voltou a agitar-se na cadeira. Ela continuou:

- Talvez você não tenha confiança em mim, ainda, mas é fundamental para sua defesa que eu saiba exatamente o que aconteceu com você e até aonde posso acreditar na sua confissão. Se não houve nada demais na fase do inquérito na delegacia basta que me diga e eu acreditarei e não lhe perguntarei mais nada.

Mariana aguardou uma resposta que não veio. Sentiu, por sua experiência, que aquele silêncio era uma indicação que deveria aprofundar o diagnóstico da situação, mas agir com cautela:

- Fui eu, como você já deve saber, que pedi que lhe trocassem de delegacia. Havia muitos motivos para isto, mas o principal é que não acreditei na sua confissão, nem na história do assalto. Não vou lhe explicar porque acho isto, mas tenho bastante experiência no assunto para saber o que acontece nestas ocasiões. Vou me explicar melhor. Consta que você conhecia o Pe. João, ele teria inclusive ajudado sua mãe em uma ocasião, ora, você sabia portanto que ele não tinha posses, porque o teria assaltado então? Você não teria motivos para mata -lo, mesmo que o tivesse assaltado. Estou certa ou a versão dada em sua confissão é mais correta? Você matou o padre temendo porque ele o reconheceria e o denunciaria?

"Cocada" apesar de permanecer em silêncio dava demonstração de uma certa inquietude. Dr.<sup>a</sup> Mariana percebeu que de algum modo estava no caminho certo. Resolveu insistir:

- Há o problema do crucifixo. Ele foi realmente encontrado em sua casa e neste caso como foi parar lá? Você roubou-o do padre em outra ocasião ?

Ao ouvir isto o rapaz agitou-se na cadeira, levantou os olhos espantados e passou a mão sobre a cabeça. Começou a balbuciar alguma coisa. Dr.<sup>a</sup> Mariana percebeu que não podia perder aquela oportunidade, insistiu que seu representado falasse alguma coisa, até que finalmente ele falou:

- Dona, a barra pro meu lado tá muito pesada, não vou mudar nada do que disse pro Dr. Delegado, mas vou dizer prá senhora uma coisa, eu num matei o Pe. João não. Agora num sei de mais nada.

Mariana estava satisfeita. Não era o melhor depoimento que já obtivera mas esclarecia algumas hipóteses que lhe perpassaram à mente; o "Cocada" estava sob tão grande ameaça que assumira um crime que não cometera. As provas teriam sido forjadas e todo inquérito era uma farsa. Esta poderia ser a linha da defesa, mas havia muita coisa ainda a desvendar, de fato, não possuía nada de concreto exceto uma intuição e a declaração privada de um meliante.

## 8

Iasmina chegou ao laboratório da Universidade um pouco atrasada, a Dr.<sup>a</sup> Suzy fora almoçar, contudo, deixara o laudo para lhe ser entregue. Esperou-a retornar enquanto lia o laudo e conjecturava sobre os acontecimentos. Fora procurada por um jornalista que a ocupara toda uma tarde com perguntas. Iasmina, inicialmente colaborativa, logo entediou-se com a insistência do repórter em tentar extrair dela alguma coisa "sensacional", como ele mesmo definira:

- Não há nada sensacional na perícia - reafirmava ela - está tudo nos laudos que você já deve ter lido.

- Mas a Senhora pode ter alguma informação que não conste dos autos, alguma conversa, alguma coisa. Pode ter certeza que eu não revelarei a fonte...

Este diálogo, com variações, levou Iasmina a tornar-se mais cautelosa pois revelava que o assunto estava quente nas redações. Arriscou um palpite:

- Eu acho que você sabe mais do que eu sobre o caso, tal a sua insistência.

- Talvez - respondeu o repórter - e se eu lhe contar o que sei você me ajuda?

- Talvez, se for uma boa informação.

Cleto Peixoto, o jornalista, não era um profissional conhecido pela competência mas já trabalhava na cobertura policial havia algum tempo para perceber uma boa história, e aquela poderia ser a chance de melhorar seu conceito na redação. Deveria ser muito cauteloso na resposta, apenas não sabia o que dizer. Sem querer, no entanto, com sua hesitação, dera a resposta certa. Iasmina julgou que ele talvez tivesse realmente alguma informação a mais e isto despertou sua curiosidade. Precisava julgar agora o que diria em troca, assim, insistiu:

- Vamos, o que você me tem a dizer?

- Bem, eu soube - e não direi a fonte - que o Vaticano mandou um emissário para acompanhar as investigações.

Iasmina sentiu que, se fosse verdade o que ele lhe dizia, valeria à pena dar-lhe algo em troca, mas procurou saber mais do repórter:

- Ora, isto é natural, afinal, ele era uma celebridade internacional.

Cleto arregalou os olhos e perguntou:

- Como assim?

Iasmina vinha acompanhando o caso pela imprensa e lia todos os noticiários que podia. A biografia do padre estava por toda parte de modo que não era crível que aquele repórter não tivesse conhecimento disto. Ainda assim resumiu o que sabia, para satisfação de seu entrevistador, e temendo que mais tarde ele percebesse que fora apenas informado do que seus colegas já sabiam acrescentou alguma coisa que seu tio descobrira:

- Há este fato de que o Pe. João abandonou o seu trabalho subitamente após ter sido levantada a suspeita que estaria envolvido com atividades políticas.

O jornalista ficara muito satisfeito com a informação e nem ao menos insistira em saber mais. Despediu-se e certamente correu para a redação. Embora não fosse um furo de reportagem Iasmina dera uma informação a ele que ainda não saíra na imprensa. Perguntou a si mesma se a troca fora boa.

A Dr.<sup>a</sup> Suzy, chegando do almoço, interrompeu seus pensamentos, convidou-a à sua sala de trabalho, e foi direto ao assunto:

- Das amostras que me mandou duas eram geneticamente iguais e outra não. As do padre, são estas aqui - e apontou para as cópias das impressões da análise do ADN - e esta outra é de uma

mulher. Se você me der qualquer amostra de uma célula desta mulher eu posso identifica -la.

Iasmina, de volta ao trabalho, procurou juntar todas as informações que obtivera e concluiu que uma mulher estivera muito perto da roupa do padre pouco tempo antes dele ser assassinado, o que não elucidava nada no caso.

## 9

O Delegado Arlindo andava taciturno naqueles dias, fazendo ligações telefônicas para políticos conhecidos seus e outros colegas policiais. Procurara até um Juiz que lhe devia alguns favores, mas tudo que obtivera fora a certeza que uma enorme conspiração contra ele estava em curso, pois todos, inclusive o "panaca" do Juiz, haviam se esquivado de ajuda-lo. Seu mau humor fora sentido por todos na delegacia, principalmente pelo detetive Camello, que ainda maldizia sua piada fora de hora. Imerso em seus amargurados pensamentos foi interrompido pelo Inspetor Adamastor, o único que ainda gozava de alguma benevolência do Delegado:

- Dr. Arlindo, preciso lhe falar em particular. - Teve a devida permissão, fechou a porta e sentou-se a frente da mesa do chefe - Fui procurado pelo Deputado Carlos Carocino, e ele quer encontrar-se com o senhor, o mais breve possível, em um local discreto. Não me disse nada mas eu desconfio que é alguma coisa ligada ao caso do padre.

Aquilo despertou o Delegado Arlindo inteiramente de seus lúgubres pensamentos. O Deputado era muito conhecido nos meios policiais por suas ligações com o crime organizado, através de um tal de Marcos Ferrua, o "Beizola", tido como mafioso. O defendera, como advogado, por muito tempo, antes de se tornar político. O "Beizola" era filho de um mafioso italiano, já morto, que se refugiara no Brasil e se casara com uma negra. Era considerado muito perigoso e poderoso e a polícia nunca conseguira botar-lhe as mãos que, na maioria das vezes, ao invés, se enchiam de dinheiro. Se as suspeitas do Inspetor fossem corretas isto trazia novas e inquietantes perspectivas para o caso:

- O que o faz pensar assim? - inquiriu-lhe o Delegado.

- Soubemos que, há pouco, chegou aqui um cara quente da máfia italiana. Os "home" da Federal nos avisaram. Ao mesmo tempo o Vaticano mandou um cara só para acompanhar o caso do padre. Depois, há estes rumores que o padre teve problemas lá pelas arábias, e aí vem o Carocino com uma baba de quiabo. Não há nada aqui que seja do interesse dele, daí...

- Faz sentido, mas o que haverá por trás de tudo isto?

- Não custa ouvir o cara.

A conversa estendeu-se mais um pouco e acertaram o encontro. O Delegado Arlindo pode então dedicar-se a sua principal tarefa daqueles dias, lucubrando sobre a conspiração contra ele.

## 10

Alguns dias se passaram até que Iasmina fosse encontrar-se com a Dr.<sup>a</sup> Mariana. O tio Nicolau sumira praticamente do mapa, deixando apenas alguns recados no restaurante Alepo. Ela sabia que ele deveria estar numa febril atividade investigatória mas não imaginava que o assunto do assassinato do padre o tivesse interessado tanto. "Provavelmente outros assuntos o ocuparam", pensou. Marcara o encontro com a defensora no próprio restaurante, após o expediente, já que pela agenda das duas, nos horários disponíveis, nenhum outro local parecia mais apropriado. Iasmina chegou cedo para reservar um lugar discreto e pedir ao seu Elias que afastasse os habituais fregueses daquela hora da mesa em que ficaria. Feito os arranjos ficou trocando conversa com a

mãe quando ela lhe disse:

- O Rodorfo quer muito falar com você em particular, passou o dia todo perguntando a que horas você chegava. Não quis nem dizer o que era. Vai ter com ele logo senão o menino fica mais nervoso. Deve ter pego alguma doença com estas vagabundas que ele anda.

Iasmina foi para o fundo do restaurante, passando pela cozinha e encontrou o irmão empilhando caixas, beijou-o e disse rindo:

- A mãe acha que você pegou alguma doença venérea; qual é o assunto tão importante que você nem quis falar prá ela. Deixou-a enciumada.

Rodorfo encostou a porta que dava prá cozinha e conduziu-a escada acima até o seu quarto. Olhou pros lados e falou a meia voz:

- É sobre o "Cocada". Num foi ele mesmo que matou o padre. Teve de assumir na porrada. Eu falei com a mãe dele e cum pessoal aí. Tá todo mundo assustado. Ninguém sabe de nada. Foi gente de fora. Tem nego da pesada mandando todo mundo ficar quieto. Acho que você num deve nem falar no assunto. É gente má.

- Você pode me explicar melhor o que você tá dizendo?

- No dia que apagaram o padre o "Cocada" 'tava noutra parada, morou, mas ninguém vai dar guarida prá ele porque é fria.

- Mas e o crucifixo que acharam na casa dele?

- Isso eu não sei, mas que não foi ele, num foi não. O "Cocada" deu o maior azar e este "crucifisso" sujou a barra dele. Agora vão carregar tudo nele e deixar limpeza pros vagabundos que abotoaram o padre João. Foi coisa de bandidão mesmo. Só num sei o que que o padre tava devendo...Tem até um patrício do seu Elias aí perguntando um montão de coisa. Nego num entende o cara porque ele num fala direito o brasileiro e anda cum outro que só fala sírio. Aí disseram prá ele me procurar. Quis me dar uma grana pr'eu falar com a D. Alzira, a zeladora lá da igreja que era pra ela falar de alguém, mas aí eu fingi que num tava mais entendendo e cabei com o papo, mas eles tão por aí, e eu acho que isso tudo vai dar a maior merda.

Rodorfo entendia árabe razoavelmente, quase tanto quanto português, o que não era lá grande coisa, mas, se dizia tudo aquilo é porque se assustara com o que ouvira. Assegurou ao irmão que tomaria cuidado e pediu-lhe que ficasse atento, o que era redundante pois sabia que dali prá frente Rodorfo não desgrudaria dela. Preparou-se para receber telefonemas dele o dia todo.

Quando retornou ao salão do restaurante a Dr.<sup>a</sup> Mariana já havia chegado e D.Munira lhe fazia as honras da casa entupindo a mesa de comida. Iasmina explicou à mãe que Rodorfo estava bem e era apenas um problema sem importância, e voltou-se para Dr.<sup>a</sup> Mariana:

- Desculpe-me a indelicadeza, mas estava atendendo meu irmão numa pequena emergência familiar.

- Não se desculpe, sua mãe está me fazendo sentir como uma sultana, se é que existe uma.

As apresentações demoraram o longo tempo previsto por Iasmina. Todos da família e os agregados quiseram conhecer tão ilustre pessoa, o que significou que o propósito de um encontro discreto foi logo abandonado. Os homens principalmente eram efusivos nos cumprimentos à defensora, não fora ela uma mulher bonita. A conversa percorreu diversos temas mas Iasmina e a Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador conseguiram manter, com extrema habilidade, a morte do padre fora do circuito. Iasmina entendeu que aquele nunca seria o local adequado para a conversa que pretendia ter. A sua interlocutora já dava sinais que não insistiria em abordar assunto e talvez aproveitasse para usufruir daquele descontraído e simpático ambiente. Mas o Alepo era assim mesmo, tinha seus mores, tanto que passado algum tempo diminuíram os circunstantes até que, longe das duas, ficou o restrito grupo habitual, com Armando, que finalmente chegara, e sem Nicolau, que insistia em

manter-se ausente. Naturalmente a conversa de Iasmina e Mariana evoluiu para o crime da Praça da República e foi a advogada que tomou a iniciativa:

- Li seu laudo e gostaria de saber se você tem alguma sugestão a dar quanto à possibilidade de aprofundar a perícia técnica do caso, o que aliás é sugerido no texto.

- Não havia muito material mas pedi para anexarem os exames de identificação genética que foram feitos na Universidade. Eis a cópia deles, só prá adiantar.

A defensora pública pôs os óculos e leu com razoável atenção as informações. Não pareceu muito animada. Iasmina, antes que ela falasse alguma coisa contou-lhe o que seu tio descobrira sobre o amuleto, o que ao término fez a doutora expressar-se:

- Você parece que tem um esquema próprio de investigação. Gostaria de conhecer este seu tio.

- Ah - exclamou Iasmina - ele também adoraria conhece -la. Infelizmente anda meio sumido mas com certeza haverá uma oportunidade.

- Bem, eu agradeço sua boa vontade mas creio que não é suficiente para melhorar a defesa do "Cocada".

- Eu conheço ele - acrescentou Iasmina para nova surpresa de Mariana - desde quando vendia cocada nas redondezas. Eram doces muito bons; quem fazia era a mãe dele. Depois ela ficou doente e ele se meteu com uns vagabundos e deu no que deu. Aliás quem o conhece melhor é meu irmão que está convicto não ter sido o "Cocada" que matou o padre.

Mariana, já dando o encontro como agradável mas inócuo, recuperou seu interesse, e cautelosamente conduziu a conversa de modo a obter mais detalhes sobre aquela informação, no que foi plenamente atendida, sem constrangimento, por Iasmina. Assim ficou sabendo que dificilmente poderia usar o testemunho de Rodorfo, principalmente quando o conheceu pouco depois. Talvez pelo envolvente ambiente amistoso do local, ou pelas pessoas, tão francas e acolhedoras, a Dr.<sup>a</sup> Mariana deixou de lado seu costumeiro comedimento e revelou a Iasmina suas impressões sobre o caso, inclusive a declaração privada de inocência de seu constituído. Iasmina acompanhava o assunto com interesse cada vez mais vívido tanto que pouca atenção deu aos insistentes pedidos de Armando para que prestasse atenção às horas. Ele, que pensava conhecer bem a mulher, parou de insistir, por saber inútil naquele caso, suspirou resignado e se entreteve com seus parceiros de mesa. Sua mulher naquele momento interpelava a Dr.<sup>a</sup> Mariana:

- Se não foi o "Cocada" que matou o padre, quem foi então, e por que motivo? E como foi parar o crucifixo na casa dele" ?

- Eu acho que ele roubou a jóia antes do assassinato e por azar a acharam em sua casa. Não acredito que, mesmo que tivesse matado o padre, iria jogar fora uma arma valiosa, talvez escondido ou vendido, mas nunca jogado fora. Já defendi muitos casos de homicídio e este é um comportamento raro, exceto em crimes encomendados, portanto, se o "Cocada" confessou deveria ter apresentado a arma do crime.

- E porque o padre não comunicara o furto?

- Não tivera tempo, esquecera ou se resignara com a perda.

- Mas era uma jóia de valor estimativo, deve ter comentado a falta com alguém. A zeladora da Igreja, o pároco, eu o conheço... como é o nome dele - e virou-se para a mesa onde estavam os outros, pacientemente esperando as duas mulheres solucionarem o crime, e perguntou o nome esquecido - é isto, padre Abdias, e a zeladora, D. Alzira. Acho que devia conversar com ela.

- Certamente... Você poderia me ajudar, então, dê-me o endereço dela.

- É na Igreja. Ela mora lá. Onde mora também o padre Abdias.

Finalmente as duas acertaram que iriam juntas procurar tais pessoas. Uma certa cumplicidade

envolvia aquela decisão, contrariando totalmente os hábitos da advogada, mas não os de Iasmina.

## 11

O Delegado Arlindo não estava nem um pouco à vontade naquele local sofisticado onde o Deputado marcara o encontro, um clube de grã-finos, "Muito bandeiroso", pensava, "mesmo deputado, ainda é bandido". Procurou distrair-se destes pensamentos negativos olhando o luxo em volta, sempre muito discretamente para não chamar a atenção, o que pouco adiantou pois seu interlocutor, ao chegar, já de longe acenava e gritava seu nome:

- Dr. Arlindo !

O corpanzil do Deputado esgueirava-se pelos sofás e mesas do salão como uma locomotiva desgovernada vindo na direção do policial. À mente misógina do delegado veio a fantasia de abate-lo a tiros, punindo-o assim pela conspicuidade indesejada. O político, para piorar, estava circundado por dois guarda costas de igual e descomunal tamanho. A cena não poderia ter desagradado mais ao Delegado que se arrependia rapidamente por ter aceito o convite. O Sr. Carocino apesar de sua falta de modos apercebeu-se do constrangimento do agente da lei e tentou corrigir-se falando em voz baixa enquanto sacudia a mão do delegado como se a tentasse arrancar e esmagar ao mesmo tempo :

- Não se preocupe, Dr. Arlindo, este clube é meu e as pessoas aqui não querem mesmo ser reconhecidas - piscou um olho e deu um sorriso maroto - entendeu?

Arlindo não podia acreditar que se deixara levar para um encontro num bordel de abonados que pertencia a um conhecido contraventor; não que fosse um moralista mas, afinal, era a sua imagem que precisava resguardar, se ainda quisesse almejar a direção de um Departamento especializado, de mais a mais, ele era uma autoridade policial e acreditava que deveria ser temido e respeitado por isto. Foi por tais raciocínios que resolveu retribuir a efusividade do deputado-meliante secamente:

- Não é necessário tanto espalhafato. Mande seus homens andarem por aí e vamos direto ao assunto. O que o Sr. deseja?

Carlos Carocino fechou a cara, acenou com a cabeça para os capangas, sentou-se pesadamente no sofá e falou pausadamente empostando a voz:

- Digamos que eu possa lhe ajudar a superar algumas dificuldades.

- Estou ouvindo.

- Fiquei sabendo dos problemas surgidos no caso do padre assassinado e logo quando o Sr. brilhantemente o resolveu. O Sr. já deve ter pensado que estas coisas não são por acaso, pois não? - O semblante do Delegado respondeu a pergunta, para satisfação do obeso legislador - Pois me creia, não são mesmo por acaso. Há grandíssimos interesses por trás desta história. - completou com voz soturna e semblante misterioso.

- Se assim é, quais são esses interesses, e o que querem comigo?

O Delegado, apesar de ter lhe agradado ouvir pela primeira vez uma confirmação de sua teoria conspiratória, sabia que estava diante de um bandido e, portanto, alguém que nunca falaria a verdade a um policial, às vezes nem mesmo debaixo de porrada ou muita ameaça. No entanto seu instinto de tira lhe recomendava que ouvisse mais. Carlos Carocino não se fez de rogado:

- Dr. Feijó - ainda soturnamente - eu mesmo não sei exatamente de que se trata, para o Sr. ver como o assunto é delicado, mas o Padre João se meteu no meio de uma transação muito especial e, digamos assim, apoderou-se de algo que não lhe pertencia. Desafortunadamente aconteceu esta tragédia, o que dificulta a conclusão desta transação, como já disse. Bem, ainda é possível que tudo

se resolva a contento mas, quanto maior for a agitação em torno do assunto mais complicado. Percebe? Os meus amigos, assim posso dizer, desejam apenas que este caso se encerre o mais rápido possível. Ora, o criminoso foi preso e está para ser julgado, mas, como bem o Sr. percebeu, há interesses outros que desejam tumultuar este julgamento. Portanto o único motivo que me fez procura-lo foi para dar todo apoio que precisar. Naturalmente sabemos reconhecer os seus méritos e eu mesmo perei todo o meu empenho para ajuda á-lo politicamente, certo?

O Delegado estava mais do que surpreso. Intimamente não duvidava da conspiração contra si, mas nunca pensara que o motivo não seria por ele mesmo, e isto o decepcionava um pouco já que vinha se preparando psicologicamente para uma batalha pessoal. O Dr. Arlindo já há algum tempo transformara-se no seu próprio herói e estas revelações colocavam-no num papel coadjuvante, o que lhe era repulsivo dado o adiantado estado de sua crença na própria importância. Por isto, deu uma resposta fria ao Deputado, mesmo sopesando que poderia estar perdendo um apoio importante nas suas pretensões de promoção. "Há uma questão de amor próprio" pensava enquanto se despedia do rotundo político, contudo, não fechou completamente as portas. Aquele encontro fora revelador e o Dr. Arlindo era um policial experiente sabia que poderia precisar de qualquer apoio no futuro. "Tem mais coisa por baixo desse angu", continuou a pensar, filosofando, enquanto voltava para a delegacia.

## 12

Armando era um tipo quieto, de gostos simples e filosofia cartesiana. Era para ele um mistério insondável a maneira como funcionava a mente da própria mulher. Colocara o problema na categoria de diferenças de gênero, mas se isto lhe tranqüilizava quanto à taxonomia, continuava sendo um mistério:

- Porquê - perguntava para Iasmina - você tem sempre que correr atrás de encrenca? Já não bastam as outras confusões em que você se meteu? Quer que eu enumere aqui? Não é suficiente fazer o seu trabalho com honestidade?

- Mas eu estou fazendo o meu trabalho!

- Você é perita criminal, e não detetive.

- Mas é meu dever ajudar a esclarecer um crime. Se eu obtenho uma informação importante... ora, você sabe de tudo isto, já conversamos antes e ...

- E você disse que não ia mais se meter nas investigações.

- Mas eu não estou me metendo em nada, apenas esclarecer algumas coisas...

- E porque o tio Nicolau vive agora prá lá e prá cá vasculhando a vida do padre. Pensa que ninguém percebeu. É só o que se comenta no Alepo. Que você e ele estão numa "missão muito importante", como ouvi do seu Elias. E tem mais, o Rodolfo disse que ia passar o fim de semana aqui em casa prá soltar pipa com as crianças, e tá na cara que é prá ficar de olho em você.

Iasmina percebeu que não mudaria a opinião do marido e não se surpreendeu com a atitude de Rodolfo, de certo modo ficara um pouco apreensiva com o que o irmão lhe falara, assim, resolveu contar tudo para Armando. Conversaram longamente. Armando, a medida que a mulher falava, percebeu que aquele caso ainda renderia muita dor de cabeça e que era inútil tentar demove-la de suas investigações, assim, buscou um tom mais conciliatório e persuasivo:

- Pelo que você tá dizendo, não há nada que aponte para a inocência do "Cocada". Talvez faltem provas mais contundentes, como a arma do crime, mas a lógica diz que é provável que tenha sido ele mesmo o assassino. Agora, me prometa uma coisa, que você não vai sair por aí, sozinha, fazendo diligências por conta própria e não vai encorajar seu tio a continuar investigando o

caso. E por favor não traga toda polícia para comer no Aleppo, daqui a pouco aquilo vai virar uma delegacia. Não que eu tenha algo contra convidar quem quer que seja, mas tudo que acontece lá dentro no dia seguinte toda região fica sabendo. É só para evitar tumultos.

Iasmina concordou porque sabia a que o marido se referia. Fora um caso passado que, por causa de uma perícia sua, um comerciante havia sido acusado de falsificação e resolveu tomar satisfações pessoalmente, invadindo o restaurante. Por sorte ela não estava lá e o Rodorfo sim e se não fosse a polícia chegar logo o irmão teria matado o homem de pancada. Foi assim que Armando ficou sabendo que no dia seguinte ela e a Dr.<sup>a</sup> Mariana iriam interrogar o Padre Abdias e a D. Alzira:

- Vê - disse Iasmina - Não vou sozinha e prometo que não levo a advogada pro Aleppo.

Armando suspirou, resignado.

O padre Abdias foi muito simpático com as duas mas limitou-se a se queixar dos modos modernos. Gostava do Padre João mas o recriminara várias vezes por sua liberalidade excessiva:

- Ele - dizia Pe. Abdias - era um intelectual brilhante, sinto muito sua falta, mas apesar de demonstrar paciência me ouvindo, não levava muito em conta os meus conselhos, achava-me antiquado, "Da velha guarda" como dizia. Pode ser, mas, ao final, são as mais simples e antigas tradições da Igreja que permanecem. Pe. João tinha a inquietude do saber, era um homem apaixonado pelo que fazia e tudo que fazia era bem feito, estudado, minucioso. Era generoso e empreendedor, pois vejam que o pouco tempo que permaneceu aqui na Igreja de Santa Efigênia e Santo Elesbão, o quê, 10 meses, conseguiu movimentar toda comunidade para sua obra com os órfãos. Aliás, nem sei como poderei substituí-lo nesta tarefa. Ele tinha este dom da comunicação, até os judeus da sinagoga da Henrique Valadares ajudavam. Era um bom padre mas, vaidoso, como todo sábio, deslumbrado com a sua própria inteligência. Creio que com o tempo ele saberia colocar o seu saber e a fé em equilíbrio, mas infelizmente para nós, Deus o quis a seu lado. .

- Pe. Abdias - interrompeu-o Iasmina - porque o Pe. João foi mandado para cá e não para um outro local onde seus dotes fossem melhor aproveitados? Sem desmerecer, é claro, a nossa comunidade e sua igreja, mas parece aquém do que ele podia.

- Minha filha - o Pe. Abdias conhecia a família de Iasmina havia décadas - a burocracia da Igreja vem se aperfeiçoando há quase dois mil anos, portanto esta sua pergunta vai continuar sem resposta; o que importa é que um padre deve cumprir o seu papel onde estiver, e isto o Pe. João fazia, o que era ótimo para nossa pequena comunidade. Vou me antecipar a você; também pouco sei dos problemas que ele teve no oriente médio, conversávamos muito sobre tudo mas nunca perguntei nem ele me revelou nada sobre este aspecto, preocupava-se sinceramente com as crianças que lá deixara, e, tinha uma atenção especial pelo pequeno Rachid que veio para o Rio de Janeiro pouco antes do Pe. João.

A conversa foi percorrendo os mais diferentes aspectos da vida do padre assassinado, visto pelos olhos do Pe. Abdias. Notava-se uma enorme ambigüidade na opinião do velho pároco, da admiração profunda pelo saber e erudição do Pe. João à indisfarçável irritação pela independência intelectual e liberalidade dos hábitos. Iasmina e Mariana Salvador ouviram tudo com muita atenção, e foi esta última quem interpelou o Pe. Abdias:

- Sr., eu poderia conversar com a D. Alzira agora ?

- Mas claro - E foram acha -la.

D. Alzira era uma mulher pequena e magra certamente com mais de 60 anos embora fosse difícil precisar quanto mais, praticamente trabalhara a vida toda para a irmandade tanto que morava na casa paroquial da Igreja, um sobrado puxado atrás do templo que dava para um pátio mínimo. A casa era ocupada pelo Pe. Abdias há anos, eventualmente por algum raro hóspede, e nem daria para

mais pois eram instalações modestíssimas. Foram encontra-la na cozinha, no térreo, junto à área de serviço. Iasmina conhecia muito bem a senhora, que eventualmente trabalhava no Alepo, auxiliando na cozinha, nas épocas de maior movimento. Fizeram-se as apresentações de praxe, comentou-se um pouco por alto alguns assuntos até que o Pe e. Abdias deixou-as, o que não foi do agrado de D. Alzira, como pode perceber Iasmina. A presença da defensora pública intimidava um pouco D. Alzira pois, para ela, era tudo polícia, menos Iasmina, a quem conhecia desde criança. Aos poucos o ar de inquérito foi se dissipando principalmente pelo tom coloquial que Iasmina ia empreendendo à conversa. Como Mariana integrou-se perfeitamente ao clima D. Alzira foi falando mais livremente:

- Custa crer mesmo que esse menino o "Cocada" tenha feito uma maldade dessa. Ah, a mãe dele como deve tá sofrendo. E tá tão doentinha, coitada. Pois o menino teve aqui uns dias antes pro mod'e pedir ajuda ao Pe. João, prá D. Aurora, a mãe dele, né, e o Pe. até mandou o menino procurar o Dr. Antônio, ali no INPS da Treze de Maio, que ajuda sempre o povo aqui da irmandade, homem muito bom o Dr. Antônio, eu até já me tratei com ele, e depois, ficou ainda aqui prá comer alguma coisa. Ele andava em más companhias, desacertou na vida mas num dá prá imaginar um desatino deste...

- D. Alzira - interrompeu Mariana - a Sra. cuidava das coisas do Pe. João, limpava o quarto dele, lavava e passava sua roupa, portanto conhecia o crucifixo do padre que foi achado na casa do "Cocada", isto a Sra. declarou à polícia, mas eu lhe pergunto se a Sra. não deu falta do crucifixo antes do Pe. ser assassinado.

D. Alzira baixou os olhos e ficou olhando as próprias mãos que segurava um pano de prato, depois coçou a testa e murmurou:

- Num sei dizer, num lembro.

- D. Alzira, - foi a vez de Iasmina - veja esta foto, a Sra. lembra de ter visto esta jóia antes, com o padre?

D. Alzira olhou a foto do amuleto e pareceu mais confusa do que antes:

- É, vi sim, não faz muito tempo que o Pe. João apareceu com este negócio aí... Engraçado a Sra. ter perguntado... Não tenho certeza mas acho que depois que o Pe. apareceu com este cordão aí, num vi mais o "crucifisso".

- Então D. Alzira - voltou a perguntar a Dr.<sup>a</sup> Mariana - o crucifixo pode ter sumido antes do padre ter sido morto?

D. Alzira não respondeu, ela parecia estar tentando ajeitar suas lembranças, e foi Iasmina que a tirou dessas conjecturas:

- D. Alzira, o "Cocada", numa dessas vindas aqui poderia ter roubado o crucifixo do padre? Isto é, entrado no quarto ou surrupiado a peça do Pe. João sem que ele percebesse?

- Não! O padre nunca se separava do "crucifisso", só quando ia dormir ou tomar banho e aí sempre o guardava numa caixinha, Eu sei disso porque às vezes ele me pedia para lustrar o "crucifisso"...

D. Alzira interrompeu o que falava como se algo a tivesse chamado a atenção. As duas interrogantes perceberam mas foi Iasmina quem fez notar o lapso:

- Que foi D. Alzira? Alguma lembrança?

- Pois é, então, agora eu me dei conta, a Sra. tem razão, uma vez, foi antes da festa de São Jorge, quando o Pe. morreu, que Deus o tenha, ele me pediu prá que eu lavasse e passasse umas roupas, disse que depois da festa ia tirar uns dias de descanso e viajar, então me pediu também para limpar aí esta jóia. Quando abri a caixinha não achei o "crucifisso", mas pensei que estivesse com ele .

- A Sra. tem idéia de onde veio a outra jóia do Pe. João, quer dizer, ele nunca comentou nada?
  - O Pe. João nunca falou nada, mas eu sei que ele tinha muito gosto por este cordão porque sempre usava ele por dentro da roupa.
  - Mas ele nunca, mesmo, comentou da falta do crucifixo?
  - Não, nunca.
  - Então, já havia tempo que ele usava este outro amuleto e não dera falta do crucifixo...
- Iasmina não terminou a frase e emendou outra pergunta:
- D. Alzira, o Pe. João recebia ou fazia muitas visitas, telefonemas,?
  - Muitas telefonemas. Saía às vezes e o Pe. Abdias num gostava muito quando ele às vez chegava tarde, né. Preocupava. Visitas só as da paróquia, principalmente as crianças. Ele gostava muito das crianças.
  - O Pe. Abdias falou que um menino, Rachid era muito querido por ele.
  - Ah, o Rachid, tadinho, deve tá sentindo muito a perda do padre. O Padre João trouxe ele lá das arábias. As vezes ele ficava o dia aqui com o padre. Falavam lá na língua dele, o menino no começo num falava nada de brasileiro, agora o moleque tá falando tudo, o padre ensinava a ele.
  - E onde mora o menino?
  - Cuns tios aí, o Pe. Abdias sabe onde é.
  - Havia alguém que fosse amigo mais chegado ao Pe. João?
- D. Alzira ficou outra vez embaraçada e começou a desconversar do assunto mas Iasmina insistiu e ela respondeu:
- Havia uma moça que veio aqui umas vezes. Era da sina... sinagu...
  - Sinagoga
  - É, isto. Eles ajudavam com as crianças. Mas o Pe. Abdias num gostava muito dela não.
  - Porque ? Porque ela era judia?
  - Num sei não... A senhora me perdôa, que eu num gosto de falar assim, mas o Pe. João era um homem bonito e essa moça era uma beleza de moça e a gente percebe né que há uma tentação e ela num era nem católica, acho que o Pe. Abdias num gostava do jeito que ela falava com o padre.
  - Que jeito?
  - Assim muito cheio de ousadia. E as vez falavam numa língua estranha e ficavam conversando um tempão. Ela telefonava muito pra ele.
  - A Sra. acha que os dois tinham alguma coisa, assim uma intimidade?
  - Deus meu, não, t'esconjuro, o Pe. João era um homem sério, mas sabe como é né, se deixar o povo dana a falar. Um dia o Pe. Abdias falou sobre isto com o Pe. João, eu percebi. O Pe. João parece que ficou aborrecido e ela parou de vir aqui.
  - O Pe. Abdias se dava realmente bem com o Pe. João?
  - Ah, sim, mas o Pe. Abdias tá velho né, cheio de manias. O Pe. João sempre brincava com ele dizendo que rabugice era pecado.
- A conversa seguiu ainda por algum tempo até que o Pe. Abdias chamou D. Alzira. Todas perceberam que o velho pároco não estava vendo aquela tertúlia com bons olhos. Despediram-se e foram embora.

Dom Carmine entrou na sala do Cardeal acompanhado pelo Pe. Lupércio, assessor de Sua Eminência. Após as honras costumeiras os três passaram a conversar. O assunto que D. Carmine trazia era da mais alta importância, não fora ele enviado pelo Vaticano especialmente para isto. O

Cardeal ouvia atentamente e vez por outra fazia alguma pergunta. O enviado abriu sua pasta e mostrou a V.Em.<sup>a</sup> alguns papéis ao mesmo tempo que auxiliado pelo Pe. Lupércio. explicava o seu conteúdo. D. Carmine por fim concluiu:

- V. Em.<sup>a</sup>. creio, tem os elementos para julgar a importância do assunto. Era do interesse de Sua Santidade que V. Em.<sup>a</sup>. estivesse inteirada do caso antes mesmo do Pe. João ser deslocado para cá, entretanto como pode depreender do que vos relatei, foi necessário agir de acordo com alguns fatos e, lamentavelmente o infortúnio abateu-se sobre nosso querido Pe. João. Agora teremos de agir com redobrada cautela.

O Cardeal estava estupefato com o que ouvira e, mesmo sem deixar transparecer, bastante contrariado com o rumo que as coisas tomavam. Por certo que o Vaticano tem suas razões de Estado ao tomar as decisões, mas deixaram-no numa situação constrangedora. E isto ele faria o enviado notar:

- D. Carmine, não é hora para recriminações ou queixas mas peço-lhe que transmita à Santa Sé que se desejarmos levar a cabo esta missão terei de ser informado com minúcias sobre o que está acontecendo. Digo-lhe isto porque, pelo visto, logo este segredo será revelado, ou parte dele. Por exemplo, a sua chegada já está na imprensa, vinculada ao assassinato do Pe. João. - D. Carmine ficou boquiaberto - e não poderia lhe dizer se a notícia é apenas uma coincidência ou não. Temos uma situação por demais complexa na qual devemos nos envolver profundamente e guardar discrição. Numa cidade como a nossa isto pode ser quase impossível dada a conotação do caso. O Pe. Lupércio está encarregado de acompanhar o assunto, com plenos poderes e ele será o seu único canal de informações, além de mim, é claro. É possível que o Sr. venha a ser procurado pela imprensa, portanto, considerando a forma como nossos periodistas trabalham, sugiro que tenhamos uma boa explicação para sua presença em nosso país que não seja a apuração deste infeliz acontecimento. Obrigado pela sua visita.

D. Carmine sentiu que não teria muita mobilidade para agir, o Cardeal acabara de atar-lhe as mãos e os pés, talvez não se tenha feito entender com clareza mas deixaria o assunto pendente até inteirar-se adequadamente sobre a situação. Deveria rezar para que o Pe. Lupércio fosse mais colaborativo. Terminada a audiência D. Carmine voltou para a residência oficial do episcopado onde se hospedava, havia um recado para ele, o pedido de um jornalista para entrevista -lo sobre o assassinato do Pe. João.

Depois de despachar o jornalista com uma desculpa qualquer Pe. Lupércio aguardou que D. Carmine o encontrasse na biblioteca como houvera combinado. Os dois conversaram em voz baixa enquanto examinavam os papéis espalhados na mesa. Pe. Lupércio juntava recortes de jornais e outros documentos numa pasta organizando-os de alguma maneira. Havia uma miscelânea de línguas naqueles papéis mas os dois pareciam perfeitamente a vontade ao lê-los. Pe. Lupércio fechou a pasta de papelão onde na capa lia-se " Pe. João", em seguida colocou a cabeça entre as mãos, como se pensasse, e disse para D. Carmine:

- Teremos muitos problemas pela frente, e a contrariedade do cardeal é o menor deles. O senhor deve ter percebido, pois não?

D. Carmine assentiu com a cabeça já um tanto aliviado pois o Pe. Lupércio estava disposto a colaborar. Pe. Lupércio continuou:

- Não podemos aparecer de jeito nenhum envolvidos neste caso e ao mesmo tempo devemos investigar o assunto profundamente. Vamos precisar de ajuda.

- E você tem alguma idéia de como faze -lo?

- Sim, mas não sei se vai funcionar. Não faremos nada diretamente mas acompanharemos e até mesmo auxiliaremos no processo do tal de "Cocada" , o Sr. sabe - e apontou vagamente a pasta -

talvez assim possamos chegar aonde queremos. Enquanto isso vamos arrumar umas visitas para o Sr. fora da cidade.

D. Carmine suspirou resignado pois não havia muito o que fazer, portanto aproveitaria a estadia; e completou:

- De preferência em lugares frescos, por favor.

## 14

Iasmina recebeu um bilhete de seu tio Nicolau pedindo-lhe que se encontrassem imediatamente no Aleppo. Isto queria dizer que estaria lá como de hábito, no fim da tarde. Em seguida telefonou para Dr.<sup>a</sup> Mariana e pediu-lhe que fosse ao restaurante, assim poderia apresentá-la ao tio que, com certeza, ficaria encantado. Foi somente quando, mais tarde, viu Armando entrando no restaurante é que lembrou-se da promessa que lhe fizera, mas, pensou, ele já deveria ter se acostumado com o jeito dela...

Desde o primeiro momento em que conheceu a defensora, Nicolau ficou embevecido, tanto que pediu a Munira um vinho especial, o que fez Iasmina pensar que seu tio alimentava interesse também especial pela doutora. Mariana não se fazia de rogada e aceitava os galanteios sutis de Nicolau com visível satisfação. O ambiente era caloroso e descontraído o que fazia Mariana relaxar um pouco de sua rotina e permitir-se apreciar as histórias que Nicolau desfiava para alegria de todos, por vezes soltando sonoras gargalhadas. O tempo passou rápido e já todos haviam se retirado do restaurante exceto aqueles usuais freqüentadores da colônia, que, como sempre, formaram uma pequena reunião à parte, para onde se dirigiu Armando quando chegou. Nicolau não perdeu tempo ao surgir a oportunidade de uma certa privacidade:

- Tenho novas informações. Muito interessantes mesmo.

Os semblantes das duas mulheres demonstraram o interesse que Nicolau esperou despertar e ele continuou:

- Bem, nem sei por onde começar... Vamos lá, em primeiro lugar porque o Pe. João saiu tão de repente de Jerusalém?... - Puxou uma caderneta de anotações do bolso e pôs-se a consultá-la - Em maio de 1992 nosso padre viaja para Roma onde fica até julho do mesmo ano, quando retorna para o Rio de Janeiro. Até aí nada demais, exceto que, em fevereiro, fora intimado pelas autoridades israelenses para depor sobre algum assunto pouco esclarecido. Os jornais na época noticiaram que era alguma coisa ligada à política local.

Nicolau levantou os olhos do caderno olhou suas atentas interlocutoras e conjecturou:

- Faz sentido, tendo em vista que o Pe. João era um ardente militante pacifista.

- Mas isto não faz dele um ativista partidário - replicou Dr.<sup>a</sup> Mariana.

- Por certo que não! - ajuntou Nicolau - O que eu quero dizer é que se alguma coisa acontece, é sempre pretexto para a detenção de alguém por motivos políticos pois as autoridades começam a investigar entre aqueles que lidam com o assunto, esta é a lógica, mas, há outras coisas intrigantes. Para começar ninguém sabe exatamente sobre que o padre depôs e seria surpreendente que um homem ficasse vinte anos num lugar, se tornasse uma figura reverenciada por todos e subitamente se revelasse um reles agitador, não o Pe. João. De qualquer forma esta foi a versão que ficou sobre a saída do padre e, nem ele nem o Vaticano fizeram qualquer esforço para desmentir o assunto, ou seja, se resignaram a ver ruir uma reputação internacional sem esboçarem a menor defesa. Não é

estranho?

- Ou ele era mesmo um agitador e a polícia israelense tinha provas irrefutáveis, o que obrigou o Vaticano e o Pe. João a engolirem a língua, ou o assunto era outro, ainda mais grave. - completou Dr.<sup>a</sup> Mariana para contentamento de Nicolau e a oportunidade para mais alguns galanteios à inteligência da advogada. Iasmina já tinha resolvido deixar o espetáculo por conta dos dois e ficou calada.

Nicolau continuou, num tom mais baixo, criando uma aura de suspense em torno do assunto:

- Houve no entanto uma outra pessoa, que privava da amizade do padre, também chamada a depor na mesma época e que conta mais detalhes sobre a história. - Após breve silêncio programado como anticlímax de surpreendentes revelações - Trata-se de uma certa senhora de nome Leila que vinha a ser, e ainda, é a governanta da obra do Padre João na Palestina.

O efeito imediato foi a interpelação simultânea das duas mulheres:

- E o que ela disse?

- Bem, não foi fácil fazer-la falar... Mas eu consegui. - disse Nicolau em tom de triunfo enquanto levantava a taça de vinho sorvendo-a num gole como brindando a si mesmo e aguardando a pergunta que esperava ouvir feita por Iasmina:

- Como você conseguiu falar com ela.. Não me diga,,,

- Sim... - respondeu o tio, semicerrando os olhos, sorrindo e abrindo as mãos como se agradecesse antecipadamente as congratulações - eu fui até lá.

Seguiram-se exclamações de júbilo das duas de tal forma que chamou a atenção da outra mesa e um olhar preocupado de Armando antevendo suas preocupações futuras.

- Calma - continuou Nicolau - uma coisa de cada vez. Como eu dizia, esta senhora Leila, foi interrogada pela polícia israelense e no seu depoimento fez uma veemente defesa do Pe. João, por quem ela tem verdadeira veneração, mas o que me contou foi outra coisa. Disse-me que, algum tempo antes dos fatos que culminaram na inquirição ao padre, ele abrigara na igreja o filho de uma palestina chamada Samiha, e que o despachara para o Rio de Janeiro logo em seguida. Até aí nada demais pois esta era a função de sua obra, exceto que ele era filho de um procuradíssimo ativista palestino, marido desta Samiha, que fora morto pela segurança israelense na mesma época. Pouco depois de entregar o menino ao padre ela desapareceu. Daí em diante começaram os interrogatórios do Pe. João. Consegui descobrir pelo relato desta senhora que o menino se chama Rachid Abbas, filho de Samiha e Jamil Abbas, este, pertencente a um grupo radical palestino, cuja cúpula foi desbaratada pela polícia israelense em meio a uma transação com traficantes de armas. Jamil escapou da polícia mas morreu logo em seguida devido aos ferimentos sofridos. O assunto foi amplamente divulgado na imprensa local.

- Então - Mariana cortou a narrativa - você acha que o motivo do crime aqui no Rio tem a ver com terroristas palestinos, a polícia israelense e o tráfico de armas? Isto quer dizer que o envolvimento do padre com este assunto era muito maior do que se podia pensar?

- A princípio segui esta pista, que me pareceu lógica pelos fatos mas pouco consistente com a própria história do padre. Talvez os israelenses tenham pensado o mesmo, mas porque qualquer um deles quereria matar o padre? Em primeiro lugar ele era permanentemente vigiado principalmente pela sua atividade humanística, se é que isto é motivo de suspeita, e ademais, ninguém lá admitiu, nem mesmo os israelenses, que o padre pertencesse a qualquer movimento político, exceto, é claro, à Igreja.

- Neste caso o assassinato dele não poderia estar ligado às suas atividades na Palestina. - concluiu Iasmina - o que nos leva à estaca zero de novo.

Mariana completou:

- Acho que caminhamos numa falsa trilha. A história da vida do padre é muito interessante mas ele foi morto na Praça da República e o meu caso é defender o Cocada obtendo provas de que não foi ele o assassino, e dessas, não tenho quase nada. De qualquer maneira Nicolau, acho brilhante e tocante o seu interesse em ajudar.

Nicolau se sentiu um tanto ridículo por ter feito todo este esforço para um resultado tão pífio, pelo menos da maneira como a bela doutora apresentava. Os três afinal estavam decepcionados. Os efeitos do vinho acentuavam esta sensação mas surgiu entre eles uma certa auto-indulgência de que valera a pena. O encontro terminou levemente melancólico e Nicolau, para não dar tudo por perdido ofereceu-se para acompanhar a doutora até em casa, no que foi plenamente atendido. Armando fez o sermão de sempre para Iasmina que mal ouviu o que o marido dizia, pois repensava a história do tio buscando o fio da meada, se é que havia um.

## 15

Padre Lupércio entrou preocupado na sala da Promotora Elsa, pois na ante-sala encontrara o jornalista que dias antes procurara entrevistar o Monsenhor Carmine. O periodista não hesitou em aborda-lo com inúmeras indagações, as quais a muito custo tentara não responder.

- O senhor está muito reticente, Padre... - foi a última frase que ouviu do repórter.

A Dr.<sup>a</sup> Elsa recebeu polidamente o Padre, como era de seu feitio, notando entretanto a contrariedade do sacerdote que expôs sua indisfarçável ansiedade :

- Dr.<sup>a</sup> Uomura, como pode perceber estou muito preocupado com a repercussão deste julgamento assim como a Igreja, tanto que o Cardeal pessoalmente me designou para acompanhar o processo. O Pe. João era uma figura de destaque internacional e um dos mais conceituados cientistas da Igreja em sua área, além de ter sido um sacerdote exemplar. Estou aqui para poder ajuda-la no que for preciso, se assim desejar, pois acima de tudo queremos saber a verdade sobre o assassinato deste nosso querido irmão e visto que pairam dúvidas sobre o que ocorreu preocupa-nos a possibilidade de que se cometa alguma injustiça. Quero dizer que se este rapaz o "Cocada" for realmente o criminoso e não houver a menor dúvida sobre isto ficaremos resignados com a vontade de Deus e acataremos a decisão da justiça dos homens, mas, se houver alguma chance de que haja outras possibilidades na autoria esperamos que as autoridades não poupem esforços para desvendarem o caso.

A Dr.<sup>a</sup> Elsa conjecturava sobre os possíveis desdobramentos que este caso poderia ter quando a cúpula da Igreja se envolvia diretamente no assunto. O Pe. Lupércio trazia-lhe a informação que a cúria contratara um eminente advogado para auxiliar a Promotoria e abria as portas para usar todo prestígio da Igreja nas investigações. Despediram-se, após conversarem sobre a situação presente do processo.

Na saída o religioso reencontrou-se com o jornalista e teve a certeza que não se livraria dele facilmente, tanto que, horas depois, no Fórum, deu de cara com o tipo:

- Que coincidência padre. A Igreja pelo visto está muito interessada no assunto. Porque o Monsenhor Carmine não o está acompanhando, já que ele veio só para isso? O que há de verdade sobre o Pe. João ter sido detido em Jerusalém por envolvimento com terroristas?

Apesar de sua reconhecida habilidade e paciência em lidar com o público, e por isto assessorava o Cardeal, o Padre Lupércio irritou-se com o jornalista Cleto Peixoto a ponto de responder rispidamente:

- De onde você tirou semelhante tolice?

- Foi publicado nos jornais de lá na ocasião, eu tenho os recortes - disse o periodista,

mentalmente agradecendo a Iasmina ter-lhe dado as cópias, e desajeitadamente vasculhando os bolsos do paletó surrado. - Estão em árabe mas se o Sr. quiser traduzi-los lhe darei uma cópia. Porque o Pe. João saiu corrido de Jerusalém?

Lupércio percebeu que não deveria manter-se naquele local conversando aquele assunto quando algumas pessoas que passavam já viravam-se para ouvir o que falavam. Fez o que não queria:

- Olha, tenho um compromisso agora. Porque você não vai mais tarde até a Cúria e esclarecerei o que quiser.

Marcaram hora e cada um foi para seu lado num estado de espírito diferente, Cleto para um telefone público falar com Iasmina, querendo encontra-la imediatamente, e o Padre para o gabinete da advogada de defesa a Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador.

No fim do dia Pe. Lupércio encontrou-se na Cúria com o jornalista. Seu semblante estava carregado de preocupações, ainda menores do que as que teria depois da entrevista. A Dr.<sup>a</sup> Mariana fora reticente, mesmo depois dele ter assegurado a intenção de auxiliar na elucidação dos fatos. Era natural, pensou a princípio, visto que a Igreja nomeara um auxiliar para a promotoria, mas percebeu que este não era o motivo da cautela da advogada. Fora surpreendido com indagações sobre o passado do Pe. João semelhantes às que o jornalista lhe fizera. Estava prevenido que tais fatos poderiam vir à tona mas não que eles pudessem vir a ser usados no processo. Concluiu que o jornalista era a fonte principal de tais informações.

Cleto foi direto:

- O fato do Pe. João ter dado abrigo a um terrorista foi o motivo principal de sua fuga de Jerusalém?

Uma dor de cabeça súbita acometeu o sacerdote. Ficou em silêncio olhando aquele ser inconveniente à sua frente enquanto passava por sua dolorida mente as explicações que teria de dar ao enviado do Vaticano e principalmente ao Cardeal quando tais notícias fossem publicadas. Vendo a hesitação do Padre o repórter continuou:

- Este terrorista estava envolvido com tráfico de armas e era procurado pela polícia israelense, porque motivo um islâmico estava sendo protegido por um padre católico?

O Pe. Lupércio saiu de sua letargia corretamente avaliando que sua demora em responder aumentava a confiança do jornalista na veracidade daquelas informações:

- Acho que tenho de contar-lhe esta história com muitos detalhes para que você entenda porque não são verídicas. O Pe. João nunca deu abrigo a nenhum terrorista. O Padre abrigou, sim, o filho de uma mulher em grande aflição que acabara de ter o marido assassinado e via-se perseguida, temendo o pior, foi um ato de caridade cristã. Somente depois ele soube dos reais motivos que levava aquela mulher a gesto tão desesperado. Claro que foi inquirido pela polícia israelense e nunca se furtou a dar qualquer esclarecimento sobre o assunto. Tudo que aconteceu foi comunicado ao Vaticano e às autoridades locais para evitar qualquer mal-entendido. A acertada decisão de retirar o Pe. de Jerusalém, temporariamente, e reafirmo isto, foi apenas para poupa-lo da grande contrariedade que poderia passar caso viesse a ser envolvido maledicentemente naqueles assuntos, como de fato ocorreu. O Sr. deve saber que aquela região é grandemente conturbada e uma personalidade pública como o Pe. João está sujeita a todo tipo de intrigas políticas. O Pe. João saiu com o pleno conhecimento do governo local e se fosse o caso de algum envolvimento, como você disse, certamente o teriam impedido de sair. Ademais isto foi há três anos atrás e faz parte apenas de um desagradável episódio na vida do Padre. Infelizmente o trágico assassinato de nosso irmão interrompeu sua missão pois o Padre logo estaria de volta a Jerusalém, como queria.

Lupércio calou-se com um sorriso estudado achando que desarmara o espírito de Cleto, que

voltou a perguntar:

- Segundo os jornais locais, o terrorista Jamil Abbas e seus companheiros foram surpreendidos pela segurança israelense durante uma negociação com traficantes de armas, identificados posteriormente como membros da máfia americana, - Pe. Lupércio voltava a sentir uma pontada na frente - e, eis o ponto importante, o tal Jamil foi baleado mas escapou do local levando consigo o dinheiro. Foi encontrado mais tarde, morto, mas a grana desaparecera. Segundo as notícias da época, ele provavelmente entregou o "ouro" a sua mulher, uma tal de Samiha que vem a ser a mãe de um menino de nome Rachid, o qual foi abrigado pelo padre. A mulher foi presa e daí pra frente aparece o nome do Pe. João nos noticiários. O paradeiro desta tal Samiha é desconhecido mas o seu filho é enviado para o Rio de Janeiro. Logo a seguir o Padre viaja para Roma e, depois, é designado para uma paróquia inteiramente sem importância que nem pertence à sua congregação. Passado um tempo ele é assassinado por um pivete, que inclusive o conhecia, e fora por ele ajudado, supostamente para roubar um crucifixo sem valor. Bem, o resto o senhor sabe. O senhor não acha que esta história tem alguns pontos obscuros? Por exemplo, aonde foi parar o dinheiro? Onde está a mãe do menino? Como o Padre tão rapidamente mandou a criança para o Rio de Janeiro quando um processo de adoção pode levar anos?

Pe. Lupércio ainda tentou explicar da melhor maneira que podia, entre outros fatos, que o Pe. João nunca fora acusado de traficar relíquias ou qualquer coisa parecida e que, justamente por ser um perito em línguas arcaicas e arqueologia era freqüentemente solicitado a dar sua opinião sobre peças e documentos antigos e mais, por ser aquela região um importante sítio arqueológico são freqüentes as tentativas de contrabandear relíquias e possivelmente aqueles terroristas estavam envolvidos em algo parecido:

- O Pe. João era um cientista renomado e um dedicado membro da Igreja, jamais se envolveria em semelhante situação, isto é um completo absurdo! - Completou Pe. Lupércio enfaticamente.

- No entanto foi publicado e não houve desmentido.

- Eu estou desmentindo isto! A Igreja na ocasião não quis polemizar, tanto pelo ridículo da acusação como pelo fato de envolver vidas em perigo.

Cleto Peixoto estava satisfeito pois confirmara quase tudo que Iasmina lhe dissera; correu para a redação do jornal e fez a matéria. Pouco depois o chefe da redação chamou-o:

- O que você andou fazendo por aí que o Cardeal ligou para o patrão?

- Já leu minha matéria?

O redator respondeu balançando a cabeça e concluiu:

- Boa garoto. Vai com uma chamada na primeira página e se você conseguir que o Papa ligue prá redação o meu lugar é seu!

Tudo que o Pe. Lupércio não queria saiu pela manhã na primeira página do jornal:

"PADRE ASSASSINADO TINHA LIGAÇÕES COM TERRORISTAS PALESTINOS".

## 16

Nicolau Yosouf era um homem experimentado na vida e, por isso mesmo, ao ler o jornal ligou imediatamente para Dr.<sup>a</sup> Mariana. Após uma breve conversa foi ter com a sobrinha:

- Porque você passou as informações para aquele repórter?

- Porque não faria isto? - Redargüiu Iasmina. - Afinal, estavam todas nos jornais, só que em árabe, eu apenas traduzi. Aliás, você não me havia dito que houve suspeitas sobre o envolvimento do Pe. João com contrabando de relíquias históricas. Eu descobri quando pude ler com calma os

jornais, o meu árabe não é muito fluente mas entendi tudo.

- Havia realmente esta suspeita mas conversei pessoalmente com alguns jornalistas que cobriram o fato e eles não deram muita importância. O contrabando de relíquias, quase todas falsas, é uma das principais atividades ilícitas da região, e invariavelmente é a primeira coisa que vem à cabeça dos repórteres quando há um estrangeiro envolvido com a polícia. No caso os palestinos estavam comprando armas da máfia e não iam pagar com santinhos, não é? Ao que parece uma enorme soma em dinheiro desapareceu na refrega.

- Então pode-se supor que o Padre embolsou o dinheiro ?

- Não creio. O mais provável é que tenha ficado com a máfia, os palestinos ou mesmo com os israelenses. O interesse da polícia era num possível envolvimento do Pe. João com a organização. Aliás, há uma curiosidade aí, o movimento a que pertencia Jamil Abbas não era muçulmano, mas católico sírio. De qualquer modo, não achei prudente que você tenha informado o repórter, isto pode prejudicar a defesa do "Cocada", com o que concorda a Dr.<sup>a</sup> Mariana.

- Então vocês já andaram conversando ?

- Estou apenas sendo prudente. Como imaginei, tão logo li a notícia, ela ficou aborrecida achando que deveríamos ter consultado antes de divulgar tais fatos pois, como disse, pode prejudicar a defesa.

- Em que prejudicaria a defesa? Tais acontecimentos, pelo visto, são totalmente estranhos ao processo, pertencem ao passado e a outra realidade, a não ser que acreditemos na hipótese absurda do Pe. ter ficado com o dinheiro. Isto é uma boa história para vender jornal mas não para um tribunal.

- Bem, podem acusa-la de fomentar tais notícias para embaralhar o processo. Fale com ela.

Iasmina refletiu rapidamente sobre a situação e concluiu que o interesse do tio pela advogada era maior do que pensava. Sem comentarem ambos sabiam que a publicação daquela história não os desagradara.

- Pode deixar, vou fazer isto... mas, a reportagem não está mal feita, apesar de um tanto sensacionalista. O tal Pe. Lupércio não desmentiu os fatos. E se ...

- Um momento! - Interrompeu Nicolau - Vamos com calma, eu sei o que está pensando, que pode haver mais coisas por debaixo desta história. Também conjecturei sobre isto mas há muitas lacunas no que sabemos.

- Pois justamente tais lacunas é que me intrigam, e a principal é que não consigo deixar de achar que a morte do padre tem a ver de algum modo com seu passado. Foi um assassinato tão estúpido e sem sentido.

- Pode ter sido isto mesmo, afinal mata-se por nada hoje em dia nesta cidade.

- E há esse menino, Rachid. Será o mesmo Rachid que D. Alzira se referiu? Porque o Pe. João retirou-o tão rápido de Jerusalém para o Rio de Janeiro? Poderia ter mandado para outro lugar mais próximo, deixa á-lo com parentes ou com alguma família local. Afinal era apenas mais uma criança órfã. Estaria correndo tanto risco assim e porque?

- Podemos investigar. - Falou Nicolau ligeiramente pensativo.

Aquele era o velho tio Nicolau asseverou mentalmente Iasmina.

Horas depois conversou com Mariana e ela não pareceu nem um pouco contrariada. No Alepo, como de hábito às tardes, D. Munira lhe disse:

- Apareceu uma patrícia hoje cedo aqui no restaurante, uma tal de D. Fádua, estava muito nervosa e me contou uma história meio confusa que tem a ver com o Pe. João e o filho dela, um menino chamado Rachid. Bem, é um filho adotivo, e pelo que entendi o garoto veio de Jerusalém pelas mãos do Padre. Parece que um suposto parente do menino apresentou-se a ela e fez muitas

perguntas, e isto assustou-a de algum modo. Ela procurou a Igreja, falou com o Pe. Abdias e então na saída a D. Alzira disse pra ela me procurar e que você poderia ajuda-la. Eu não sei de nada mas acho que você e o Nicolau andam aprontando alguma. O Rodolfo ouviu a conversa e ficou todo agitado. Acho melhor conversar com ele. Pedi a D. Fádua que voltasse mais tarde para falar com você.

Iasmina foi atrás do irmão :

- Me conta o que andaram perguntando sobre o menino e o padre.

- Mais o que? 'cê num devia tá metida nisso, é fria, eu já falei. O Armando também acha.

- Você é um traidor, sabia? Agora deu de fuxicar com o Armando! Anda, fala logo, é pior eu não saber o que está acontecendo.

- Tá havendo muita zoeira. Um dos "sírios" qu'eu te falei achou essa D. Fádua, que é mãe do menino Rachid, e foi lá e disse que era tio do menino, o maior papo furado em cima da coroa e aí ela ficou cabreira e rodou por aí procurando ajuda e veio aqui. Os caras já vieram até aqui no Alepo umas duas vezes, mas eu não falei nada prá mãe.

- Quando?

- Já tem uns dias, mas acho que vieram só prá comer.

- Dá prá você saber quem são eles?

- Eu já sei. O que fala brasileiro chama Jorge e o outro chama Merhi Abdul e tá morando num hotel na Riachuelo. Pedi prá um amigo que trabalha no hotel prá ficar de campana nele. Quase não sai do hotel; mas ainda acho a maior rabuda você ficar dando bobeira.

- Eu não estou fazendo nada demais, só ajudando. E prá dizer a verdade nem ajudando muito porque o que sabemos até aqui não favorece a defesa do "Cocada".

Passados alguns minutos "seu" Elias veio chamar Iasmina, pois D. Fádua chegara. Cumprimentaram-se e imediatamente passaram a comentar sobre as respectivas famílias e possíveis conhecidos comuns. D. Munira desencavava nomes, datas e eventos até que acharam alguns fatos que confirmavam suas origens. Terminado o ritual de reconhecimento D. Fádua pôs-se a deslindar suas aflições:

- Sabe, o Padre João, que Deus o tenha, era muito amigo nosso e nos ajudou muito quando alguns de nossa família precisaram, lá na Palestina, né, e quando ele nos pediu prá acolher o pequeno Rachid, que foi uma bênção prá nós, pois o menino é um amor, nem pensamos duas vezes em ajuda-lo. Pouco depois o Padre veio pro Rio de Janeiro e nos contou a tragédia dos pais do coitadinho. Durante este tempo todo, o Padre ajudava muito, ensinando brasileiro ao Rachid, e sempre atencioso, como era o jeito dele. O Rachid adorava o padre e ficou muito abalado com a morte dele. A gente tenta poupar o pequenino mas não tem como esconder, né? Nunca ouvi o Pe. João dizer que o menino tinha parentes, mas achava que devia ter alguém, além do pai e da mãe mortos. Sempre pensei em perguntar ao padre mais coisas sobre o menino mas infelizmente não deu tempo. De qualquer modo fomos nos adaptando e o Rachid hoje é um filho verdadeiro e muito amado por todos nós. Aí aparece este homem, assim, logo depois da morte do padre, e vem dizendo que é parente do menino e que havia alguma coisa que pertencia à família e que eu devia saber porque o padre deveria ter me contado; aí eu perguntei o que era, se era dinheiro que ele queria. Porque, vocês sabem? O Rachid tinha um pecúlio, deixado pelos pais, uma espécie de seguro, eu acho, que depois do desastre que matou seus pais ficou para sustenta -lo. Aí eu pensei, deve ser algum parente atrás desse dinheiro. Mas eu não sei nada sobre isto porque o Pe e. João era quem havia tratado de tudo.

Iasmina interrompeu D. Fádua:

- Como foi que os pais do menino morreram?

D. Fádua custou uns segundos para entender a pergunta visto que seu curso de pensamento fora interrompido por uma indagação aparentemente, para ela, sem importância.

- Como morreram...? Não sei... Num desastre, num acidente, sei lá, o Padre nunca explicou bem o assunto e nós também não perguntamos, afinal, que importância teria? Porque, você acha que pode ser alguma coisa relacionada com a morte dos pais do Rachid?

- Não, só curiosidade... me passou pela cabeça que em algumas causas de morte os seguros não pagam... - Iasmina disfarçou.

- Ah! Bem pensado - continuou D. Fádua - Então eles podem ser agentes do seguro e querem o dinheiro do Rachid de volta! Mas eu tenho a documentação do banco e o dinheiro está lá no nome do menino, eles não vão tirar o dinheiro do menino, não senhor! Pela alma do Pe. João! Então é isso mesmo...

Dona Fádua começou a se exaltar e pelo nervosismo que aparentava, logo, logo, teria um ataque histérico. Iasmina e D. Munira levaram-na para um canto do restaurante que estava vazio, deram-lhe um suco de maracujá para tomar e, com uma conversa persuasiva, fizeram-na acalmar-se.

- Desculpem-me - Choramingou D. Fádua - Mas estou tão confusa e assustada. Meu marido nem sabe que estou aqui, e se ele souber vai ficar furioso.

- Fale-me um pouco mais da história que este homem contou-lhe, D. Fádua, talvez possamos achar uma pista para saber quem é. Como foi que ele achou-a? - Disse Iasmina.

- Bem, ele disse que era um primo do pai do Rachid. E eu não sei como que ele nos achou. Sabe, nós sempre fomos muito discretos a respeito do menino, ele tem o nosso nome e dizemos a todos que é um sobrinho órfão. Este tal de Sr. Mehri não fala nem o brasileiro e disse que quando o Rachid veio para cá trouxe um objeto da família e que era uma coisa assim de muito valor sentimental que deveria voltar para a Palestina.

- E que objeto é esse?

- Não sei, ele também não disse, mas eu afirmei para ele que as únicas coisas que o menino trouxera eram as roupas, e poucas. Foi então que imaginei que pudesse ter relação com o dinheiro do pecúlio.

- Ele deixou endereço, telefone ou uma forma de manter contacto?

- Deixou, mas o Calil, meu marido, ficou tão furioso com o sujeito que botou-o pra fora de casa e rasgou o cartão.

- Desculpe-me a impertinência D. Fádua, mas este pecúlio do pequeno Rachid é assim algo substancial? - Perguntou Iasmina.

D. Fádua ficou em silêncio algum tempo visivelmente embaraçada com a pergunta, mas respondeu:

- Sim, é algo bem substancial, como você diz.

- Este tal de Mehri, em algum momento deu a entender que sabia da existência deste dinheiro? Quero dizer, esta tal relíquia de família que ele falou não foi para disfarçar, não deu prá perceber isto?

- Ele não falou uma única vez em dinheiro, é verdade, mas queria que eu mostrasse as coisas do menino que vieram com ele de Jerusalém, cartas, documentos, brinquedos, malas, eu achei aquilo muito estranho. Depois como poderia saber que ele era realmente parente do menino? O único que conhecia bem o passado da criança era o Padre João. Fui até a Igreja falar com o Padre Abdias mas ele me disse que não sabe nada deste assunto. Foi a D. Alzira quem me falou de você. Agora me diga, o que fazer neste caso?

A conversa ainda durou um tempo e D. Fádua saiu mais calma do Alepo. Iasmina garantiu

que o pequeno Rachid não corria perigo e que ela mesma iria falar com uns amigos da polícia para localizarem e ficarem de olho no tal "primo" Mehri. Assim que a senhora saiu Iasmina foi conversar com Rodorfo:

- Rodorfo, preciso de sua ajuda, tente saber mais sobre este tal de Mehri e o companheiro dele.

Rodorfo concordou, resmungando as mesmas recomendações de antes.

No dia seguinte, Iasmina, ao chegar ao trabalho, imediatamente abriu o dossiê do caso do Pe. João. Repassou item por item o material, buscando juntar às conversas dos últimos dias os fatos do crime. Havia alguma coisa que chamava sua atenção mas não se mostrava. Finalmente levantou-se e foi para a custódia de bens da polícia. Com muito jeito e bons relacionamentos deixaram-na ver a caixa onde estavam guardadas as provas do indiciamento do "Cocada". Outra vez Iasmina passava e repassava os itens sem saber bem o que procurava. Virou-se para o policial que a acompanhava e perguntou:

- Está tudo aqui? Não tem mais outra caixa?

- Tá tudo aí. O que falta tá na lista. São os documentos roubados, devolvidos às pessoas.

Iasmina passou os olhos na lista; havia seis nomes, com endereço, dados pessoais e a assinatura de recebimento dos documentos. Iasmina conseguiu uma cópia e saiu agradecendo ao colega, jurando que ninguém saberia de sua bisbilhotice. De volta ao laboratório Iasmina não conseguia concentrar-se no trabalho e vez por outra abria a lista que obtivera na Custódia. "Tem que ter alguma ligação", pensava. Ligou para a Dr.<sup>a</sup> Mariana, ela não estava. Pegou a lista e começou a ligar para as pessoas. Aquilo não era nem um pouco recomendado mas Iasmina julgou que algumas perguntas não iriam fazer ninguém reclamar na delegacia. "Bom dia... desculpe o incômodo mas é preciso confirmar algumas informações... nada importante, apenas rotina... onde foi o furto, quando...? Obrigado... disponha!". Foi fácil, conseguira resposta de quatro pessoas. Faltavam duas cujos telefones não respondiam. Procurou pelos endereços e reparou que uma delas morava em Duque de Caxias e a outra ali perto. "rua Ten. Possolo nº 12, dá pra ir a pé", pensava Iasmina enquanto procurava no catálogo telefônico a confirmação do endereço. O telefone do catálogo coincidia com o da lista da polícia e, para sua surpresa, o endereço era da Sinagoga. Todas as campainhas de alerta tocaram ao mesmo tempo na cabeça de Iasmina. "Raquel Weissen, professora de história, 33 anos, nascida no Rio de Janeiro, carteira de identidade IFP 2.141.148-9". Iasmina vasculhou suas anotações à cata de algo familiar relativo àquele nome, então lembrou-se que não era uma anotação mas uma lembrança, "a amiga do Pe. João, da sinagoga, que D. Elvira lhe falara, será a mesma pessoa?" Ligou para a Sinagoga:

- Eu queria falar com a Sr.<sup>a</sup> Raquel Weissen. É a Sra. Iasmina do Instituto de Criminalística... Não está... Poderia me dizer onde posso achá-la, é importante... Obrigado.

Raquel só voltaria mais tarde, então daria tempo para encontra-la na Sinagoga. Enquanto isso ligou para a Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia e falou com D. Elvira. Ela lembrava o nome da amiga do Pe. João, era mesmo Raquel. Mais uma vez rebuscou seus apontamentos e separou alguns documentos que julgou importantes, colocou-os na bolsa e resolveu ir logo para a Sinagoga, a pé, e no caminho buscou engendrar uma história convincente para contar a tal de Raquel. Na Sinagoga Iasmina foi conduzida a uma sala de estar que se comunicava com uma biblioteca e alojou-se em um sofá de três lugares ladeado por duas mesas auxiliares encimadas por dois belos abajures cujas luzes amarelas davam um tom sombrio no couro desgastado do sofá. A sua frente uma mesa baixa repleta de revistas. Iasmina, para distrair-se, escolheu uma publicação sobre a própria Sinagoga não menos porque era uma das únicas em português. Era um histórico e um catálogo das famílias mais ilustres daquela comunidade. Não poderia ser apenas por mero acaso

que Iasmina folheava com vívido interesse aquelas páginas, seu subconsciente buscava alguma informação e, quando deparou-se com ela teve certeza absoluta do que iria conversar com Raquel. Abriu a bolsa, retirou um papel e nele encontrou escrito, "Sasha Frömen e Ruth Frömen", era uma das famílias que mandara fazer o amuleto, o "shivit" de ouro encontrado com o Pe. João, não menos do que os avós de Raquel Weissen, conforme constava do catálogo. Ainda agitada com a descoberta Iasmina foi interrompida em suas constatações pela voz de Raquel :

- Deseja falar comigo?

Raquel, como D. Elvira dissera, era uma mulher belíssima, e destacavam-se em seu rosto dois grandes olhos azuis.

Iasmina apresentou-se, sorriu e contou sua história, um tanto modificada desde que descobrira quem era Raquel. Fez um circunlóquio sobre a importância da perícia no caso do Pe. João, e da necessidade de toda informação possível até que perguntou:

- Você conhecia o Pe. João, não é, pelo menos ajudava-o na obra com as crianças, estou correta?

- Sim ? - Respondeu Raquel um tanto desconfiada.

- Bem, ótimo, Ah.... o fato é que o "Cocada", o acusado pelo assassinato, conhecia o Padre, e eu pensei que talvez o Padre João tivesse lhe dito alguma coisa...

Iasmina sentiu que não ia bem com esta história. Raquel também parecia achar o mesmo:

- Não, nunca comentou nada. E porque o Padre iria me contar qualquer coisa, nosso contacto era apenas informal, tratávamos tão somente dos donativos que a comunidade da Sinagoga fazia com uma certa regularidade à sua obra assistencial.

- Bem, acho que não... mas onde foi mesmo que você foi furtada, não teria sido na Igreja? O Cocada confessou que roubara algumas bolsas na Igreja - Mentiu Iasmina. Raquel ficou com o rosto muito rosado, e não dava para disfarçar pois sua pele muito alva mudara completamente de cor. Seus olhos tremeram de um lado a outro rapidamente e Iasmina notou que a voz de Raquel perdera por instantes a firmeza inicial:

- Talvez... Creio que pode ter sido... não lembro bem.

- Procure lembrar-se, afinal não se perde uma bolsa todo dia.

- É, é bem possível, mas o que isto tem a ver com a morte do Padre?

- Nada em especial, mas há o motivo do crime. O Cocada era um punquista, não um assaltante, e aparentemente tentou roubar o crucifixo do padre, o que é um comportamento pouco usual para um batedor de carteiras de senhoras. De qualquer modo o crucifixo estava com ele, mas talvez tivesse sido furtado ao padre antes dele ser assassinado e por infortúnio do Cocada foi encontrado pela polícia. Bem, é preciso considerar todas as possibilidades, não acha?

- Mas pelo que eu li nos jornais o rapaz confessou o crime.

- De fato, mas mesmo assim é preciso eliminar todas as dúvidas. De qualquer modo obrigado pela consideração em me atender. Só uma última pergunta, o seu endereço residencial não consta da ocorrência, poderia dizer-me qual é, já que talvez seja necessário mandar alguma correspondência. - Iasmina arriscou e conseguiu a resposta.

- Prefiro que mandem para cá, na Sinagoga, pois estou praticamente todo dia aqui, sou responsável pela biblioteca, mas vou anotar o endereço para você.

Iasmina saiu da Sinagoga e imediatamente conferiu o local da residência de Raquel; rua Carlross de Carvalho 33. Era ali perto. Desceu a Henrique Valadares, atravessou a Praça da Cruz Vermelha, entrou na Ubaldino do Amaral e na primeira transversal estava na rua de Raquel. Parou uns instantes na esquina, continuou pela Ubaldino até a rua do Senado, dobrou à direita seguiu pelo muro do Corpo de Bombeiros e na esquina com a rua dos Inválidos viu-se em frente à Igreja do

Santo Antônio dos Pobres. Parou, suspirou e pensou, "Aqui o Pe. João foi assassinado, indo na direção oposta à de sua Igreja. O que fazia ele aqui, àquela hora da noite? Simples, ia para casa de Raquel ". Os pensamentos voavam na cabeça de Iasmina; eram tantos que, ao voltar para o trabalho, teve de escrever todas suas idéias num papel. Depois tentou ordená-los. Precisava traçar uma estratégia para provar sua teoria, mas antes tinha de conversar com tio Nicolau e isto só foi possível mais tarde no Alepo, como sempre.

Nicolau ouviu atentamente a sobrinha, ficou pensativo uns momentos e falou:

- Acho que você deveria conversar com a Dr.<sup>a</sup> Mariana. Ela pode por meios legais obter as informações que você precisa. Por outro lado se você fizer alguma impropriedade poderá por tudo a perder. Depois, sua teoria pode estar equivocada.

- Não está, tenho certeza! Preciso ir até a casa dela e ver o que consigo.

- E porque motivo ela receberia você?

- Pelo "shivit". Aquele amuleto era dela e foi presenteado ao padre, aliás foi trocado pelo crucifixo, como uma prova de amor, por isso ele usava-o preso junto ao coração e ela mantinha a cruz na bolsa. O Cocada roubou a bolsa na Igreja e por isso acharam o crucifixo na casa dele!

- Portanto, o Cocada sabia do caso e pode ter tentado chantagear o padre, ele ameaçou denunciá-lo e foi morto por isso. Hum... faz sentido.

- Não, o Cocada sabia, ou desconfiava, mas nunca tentou chantageá-lo, apenas guardou a jóia pois não queria que o padre soubesse que fora ele quem roubara a bolsa de Raquel. Agora, porque ela não foi a polícia dizer isto sabendo que poderia livrar um inocente de tal acusação ou melhor, porque na ocasião do furto, ao dar queixa, omitiu a existência do crucifixo?

- Ora, Iasmina, se o que você diz é verdade, ela apenas não quis envolver o padre num possível escândalo. Afinal um padre enamorado por uma judia que ainda por cima trabalha na Sinagoga e trocam símbolos sagrados como se fossem "souvenirs d'amour"... Depois, com o assassinato... aí mesmo é que ela não iria falar.

- Ainda assim ela sabe que não foi o Cocada. E se não foi ele, quem foi? Será que ela não se pergunta isso?

Nicolau ficou pensativo outra vez e Iasmina sabia que o tio levava em conta a sua teoria, e tanta certeza tinha que não se surpreendeu quando ele falou:

- Talvez haja uma chance de ser verdade, mas será preciso muita habilidade para arrancar qualquer coisa desta mulher. Acho que se ela a receber é um bom sinal.

Iasmina em seguida traçou seu plano, com a ajuda do tio.

No dia seguinte ela ligou bem cedo para Raquel e de uma forma casual falou:

- Ontem eu esqueci de lhe mostrar umas fotos de objetos para reconhecimento, é uma mera formalidade mas acontece que são tantos itens reivindicados pelas pessoas que temos de checar um a um, se não fosse incômodo eu poderia encontrá-la agora mesmo e resolveríamos o assunto. É só um minuto... acontece que eu tenho de entregar o relatório nesta manhã, pra ser sincera eu já deveria estar com ele pronto. Ah, obrigado estarei aí em minutos. É, estou aqui bem perto.

Raquel abriu a porta, deu um sorriso formal e mandou Iasmina entrar.

- Desculpe mesmo o transtorno, mas foi um esquecimento imperdoável. Eis aqui as fotos. Por favor, posso usar o banheiro? Enquanto isso você vê se há alguma coisa que reconheça.

Iasmina entrou no banheiro, fechou a porta e imediatamente começou a vasculhar ao redor, e foi fácil achar o que queria, uma escova de cabelo. Cuidadosamente, usando uma lupa recolheu um chumaço de cabelo, colocou-o em um saco plástico, guardou-o e saiu. Raquel a aguardava na sala e tão logo viu a perita falou:

- Não há nada aqui que me pertença ou que eu conheça.

- Ótimo - completou Iasmina - Agora por favor, pode assinar esta declaração?

Raquel assinou, levantou-se e disse:

- Acho que isto é tudo, né?

- Claro, muito obrigado, e de novo desculpe o incômodo.

Iasmina saiu exultante e partiu imediatamente para a Universidade. A Dr.<sup>a</sup> Suzy recebeu-a imediatamente e quando viu o invólucro plástico disse:

- Bem, espero que você tenha tido sorte de ter conseguido algum cabelo com raiz, e neste caso vamos ver o que dá. Ligo para você assim que tiver o resultado.

Iasmina ligou dias depois para Dr.<sup>a</sup> Mariana e marcou um encontro para dali a algumas horas, no Alepo. No horário marcado lá estavam as duas numa mesa separada do burburinho. Iasmina esclareceu porque a chamara:

- Bem, aí vai uma surpresa - E passou um envelope com o timbre da Universidade para as mãos da defensora pública. Mariana leu, releu, olhou para Iasmina e disse:

- Não posso usar este resultado num tribunal. Não foi feito segundo os procedimentos legais.

- Mas pode requisita-los legalmente. O fato indiscutível é que o cabelo encontrado na roupa do padre é de Raquel.

- Preciso de uma justificativa razoável para pedir o exame genético.

- Pois aqui está. - Passou outro papel para Mariana, mas adiantou o conteúdo - o amuleto encontrado com o padre pode ser de Raquel, na verdade tenho certeza que é. Isto é razoável?

- Sim, mas preciso de algo que vincule esta mulher com o réu... Se ao menos ela declarasse que o crucifixo estava na bolsa furtada.

- Porque não vamos lá e falamos com ela, afinal temos muitas provas de que seu envolvimento com o padre era muito íntimo, por assim dizer, e de um jeito ou de outro o assunto virá à tona. Ela estará livrando um inocente da cadeia. Acho que isso não é pouco.

- Podemos tentar mas não creio que seja fácil.

- E o que se tem a perder a esta altura?

- Se vamos fazer isto, a promotoria tem de estar ciente. Preciso falar antes com a Elsa.

- É mesmo necessário?

- Indispensável. Onde é o telefone?

Dali a alguns minutos Dr.<sup>a</sup> Mariana disse para Iasmina:

- Venha comigo, a Elsa vai nos receber em sua casa.

Dr.<sup>a</sup> Elsa Uomura recebeu as duas de forma bastante amigável em sua residência, uma bela casa em Santa Teresa. Discutiram a situação e Iasmina explicou os detalhes técnicos do exame genético afirmando entusiasmada ao final:

- Não há como enganar o ADN.

Houve um curto silêncio na sala até que Elsa falou:

- Não há como negar a importância do fato mas mesmo assim como se poderia provar que o crucifixo foi furtado da bolsa dessa moça? O fato de ter dado o amuleto ao padre, ou que ele o tenha furtado dela também - sorriu pelo sarcasmo - pode ser facilmente deduzido, mas a troca não.

- Podemos convence-la a falar - juntou Iasmina.

- Isto é tarefa de vocês - completou Elsa - a promotoria pode convoca-la a depor mas não convence ê-la do que falar, mas concordo que se chegar a corroborar esta teoria o réu seria enormemente beneficiado.

Mariana estava pensativa e pouco falara até aquele momento. Buscava a sensação que deveria estar sentindo Raquel, caso essas hipóteses fossem verdadeiras. Seu amor, que não ousava expor, assassinado, e não se permitia nem mesmo o luto. Deveria estar só e amargurada se perguntando

"por que?". Sabia que poderia salvar um inocente mas não ia em sua defesa. Teria medo? Estaria sendo ameaçada por aqueles que mataram seu amado? Rompeu o silêncio:

- Vou apresentar as provas sobre o amuleto e pedir sua convocação para depor sobre isto. Em seguida será possível requerer um teste genético e, com sorte pressiona-la a contar o que sabe. Se houve realmente a troca isto beneficiará o "Cocada", se não houve, abrem-se outras possibilidades sobre o motivo do crime.

- Que possibilidades? - perguntou de pronto Iasmina.

- Talvez um crime passional, uma vingança religiosa, sei lá. O que acha Elsa?

- Não vou juntar-me às suas especulações, mas o caso tem realmente aspectos intrigantes. Há muita preocupação sobre o assunto em diferentes e poderosos setores da sociedade, independente do fato de ser um crime envolvendo uma figura eminente. Não descartaria nenhuma possibilidade.

Conversaram mais um pouco e saíram. Iasmina e Mariana marcaram um encontro logo cedo, no dia seguinte, para traçarem uma estratégia.

Pela manhã juntaram todos os dados que dispunham e chegaram a um plano. À tarde Dr.<sup>a</sup> Mariana foi entrevistar-se com seu constituído e Iasmina foi almoçar com seu Tio Nicolau, no Alepo.

Enquanto aguardava o tio, Iasmina teve uma conversa com Rodorfo, que parecia cada vez mais contrariado com as atividades de Iasmina.

- Ora, Rodorfo, você sempre exagera as coisas, aliás, você e o Armando que fica o tempo todo me enchendo os ouvidos de recriminações, porque eu tenho filhos, família e blá, blá, blá. Afinal o que você tem de novo prá me dizer, vai ajudar ou ficar do lado dos bandidos?

- O, mana, deixa disso...

Iasmina sorriu para o irmão pois sabia que ele poderia levar a sério mesmo uma brincadeira, era uma pessoa muito ingênua. Rodorfo entendeu e continuou:

- Cê vai ficar admirada, mas o tal Jorge é um padre também.

- Padre? Padre, padre, de batina, da Igreja? Que igreja?

- O meu amigo seguiu o cara. Ele mora numa Igreja que tem lá na rua Gomes Freire, igreja de sírios.

- A Igreja Ortodoxa síria?

- É isso aí. A mãe sabe porque perguntei a ela mas não disse prá que. Ele é padre sim porque meu amigo viu ele de batina andando pela Igreja.

- O outro, o tal de Mehri, será padre também?

- Deram uma geral no quarto do cara, não acharam nada. O amigo me deu um "xeróqui" dos documentos dele, tá 'qui".

- Legal, Rodorfo, valeu, continua de olho nos dois. Se tudo der certo acho que o "Cocada" se livra desta.

- É "mermo"?

- É, mas você tem de continuar a me ajudar e à Dr.<sup>a</sup> Mariana. Por falar nisso quero te pedir outro favor...

Tio Nicolau já estava na segunda garrafa de cerveja quando Iasmina veio juntar-se a ele. O restaurante fervilhava na hora do almoço, assim, eles foram para o segundo andar em um canto mais privativo. Iasmina colocou-o a par das últimas notícias.

- Um padre sírio? - Nicolau ficou surpreso e curioso - Eu conheço alguns deles, e são poucos aqui. Não me relaciono muito bem com estes tipos...

Iasmina lembrou-se que o tio, segundo ouvira de sua mãe, tivera problemas políticos e que de algum modo envolvera suas opiniões sobre a Igreja Síria. Deu-lhe as cópias dos documentos de

Mehri Abdul. Nicolau examinou-os e concluiu:

- Ele é Palestino mas tem um passaporte sírio. É, sim, padre da Igreja Síria. Além dos documentos oficiais, há uma carta do Metropolita de Jerusalém ao Bispo Ortodoxo no Rio de Janeiro credenciando nosso venerável irmão Mehri. Muito interessante. O que teria a ver a Igreja Ortodoxa Síria com o assassinato do Padre João? O elo de ligação é obviamente o menino Rachid. Esta história só poderá ser elucidada em Jerusalém.

- Pretende voltar para lá?

- Eu já tinha planejado, não apenas por causa deste caso, mas por negócios também. Vou antecipar a viagem.

Os dois continuaram conversando sobre os mais diversos assuntos até que se despediram já no fim da tarde, bem depois de Armando ter reclamado.

## 17

Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador teve uma entrevista de rotina com o "Cocada", ou seja, ele pediu cigarros e outras miudezas e demonstrou pouco interesse na conversa. Mariana guardou para o final do encontro as novas informações e possibilidades:

- Acho que temos alguma coisa importante para sua defesa, mas preciso que você me ajude - em seqüência colocou algumas fotos sobre a mesa - reconhece alguém?

"Cocada" hesitou em olhar as fotos, depois de alguns instantes pegou-as e estudou-as uma a uma, para finalmente dizer:

- Esta loura aqui. Era a mulher do padre.

- Então você sabia desde o início que o padre tinha um romance com Raquel, este é o nome dela. Que mais você sabe?

- O nome, eu já sabia. Ela mora na Cruz Vermelha, o padre ia sempre lá, eu vi ele várias vezes indo prá lá.

- E ele lhe viu alguma dessas vezes?

- Viu sim, até falou comigo. Ele num escondia não. Ela trabalha naquela igreja de judeu ali pertinho.

- E você alguma vez furtou alguma coisa dela?

"Cocada" ficou calado outra vez, baixou a cabeça e murmurou:

- Uma vez na Igreja, eu "ganhei" a bolsa dela. Mas eu num sabia que ela era a "dona" do Pe. João, senão num tinha "ganhado" a bolsa.

- O padre João alguma vez chegou a desconfiar de você?

- Sei não... Ele nunca me deu nenhum toque.

- O crucifixo do padre estava na bolsa? - arriscou Mariana.

"Cocada" suspirou, agitou-se na cadeira e respondeu:

- Tava sim.

- E porque você não devolveu?

- Fiquei cum medo que ele zangasse comigo. Ele tava ajudando minha mãe né?

- Porque você não falou logo com a polícia sobre isto?

"Cocada" deu de ombros e calou-se. Dr.<sup>a</sup> Mariana percebeu que não valia à pena insistir mais.

- Pois bem, eu descobri esta história sozinha e isto lhe dá alguma chance de defesa. Tentarei que esta moça, Raquel, deponha no inquérito mas você terá de ajudar mais, sustentando o que me disse aqui, portanto quero que se lembre de todos os detalhes que possa e na próxima entrevista me

conte tudo tintim por tintim. E não comente isto com ninguém ouviu? A promotora já está a par do assunto e concordamos que tudo será revelado apenas no interrogatório, para protege-lo. Se der certo, o processo será arquivado. Você me entendeu ?

"Cocada" balançou a cabeça afirmativamente mas seus olhos pareciam assustados.

No dia seguinte Mariana e Iasmina recapitularam os fatos. Iasmina animou-se com o depoimento de "Cocada":

- Eu não disse que eles trocaram as jóias? Coisa de quem está apaixonado.

- Mas há alguma coisa que me intriga nisto tudo. Se não foi o "Cocada", quem foi? E por que? Será que Raquel de alguma forma está ligada ao assassinato? E estes padres ortodoxos atrás do pequeno Rachid? E o enviado do Vaticano?

- Eu acho que estas coisas todas estão interligadas mas não temos ainda o fio da meada, e mais, o Pe. João sabia porque estava sendo assassinado e provavelmente por quem.

- Você está indo longe demais!

- Talvez, mas a história do pequeno Rachid que a D. Fádua contou não corresponde ao que sabemos. De duas uma, ou ela está mentindo ou o Pe. João lhe contou uma versão diferente da realidade. Ela não sabe nem como os pais do menino morreram e ainda há o dinheiro que ficou em nome da criança.

- Então você acha que o Pe. João ficou com o dinheiro dos palestinos?

- Por que não? Que faria qualquer pessoa neste caso? Devolveria o dinheiro para quem? Acho que ele depositou tudo, ou parte, em nome da criança e remeteu-a para o Rio. Quem matou o Padre estava atrás do dinheiro, portanto pode ser qualquer um que soubesse de sua existência.

- Isto quer dizer que os padres ortodoxos são os terroristas?

- Não disse isto, mas lembre-se o que o Tio Nicolau descobriu, que a facção política dos pais de Rachid não era muçulmana, mas católica ortodoxa, daí é possível que eles tivessem conhecimento da transação. Ora, isto é possível! Vieram atrás do dinheiro que o Pe. João embolsou, quero dizer, embolsou na opinião deles.

- Se você tiver razão este caso ainda vai dar muita notícia.

Alguns dias passaram até que a intimação para Raquel Weissen depor em juízo chegasse à sua casa. O oficial de justiça entregou-lhe a intimação bem cedo e Raquel com o coração acelerado leu o conteúdo. Há três dias dali teria de depor. Imediatamente ligou para alguém e transmitiu a informação. Algumas horas depois encontrava-se com Istvan Zoko numa sala comercial na Av. Rio Branco e na porta estava escrito "Milev - Representações Comerciais". Istvan era um homem ruivo, alto, com cerca de 50 anos, sempre bem educado e com um sorriso simpático. Recebeu Raquel com alegria e convidou-a a sentar-se e compartilhar um café. Estavam apenas os dois naquele recinto mas Raquel achou que deveria ter mais alguém em salas contíguas pois nunca conversara com Istvan sozinha. Ela mostrou-lhe a intimação e contou o que acontecera nos últimos dias. Ele anotou algumas coisas e disse:

- Vamos lhe arranjar um advogado. Ainda hoje lhe darei uma resposta.

- O que está acontecendo Sr. Zoko que talvez eu devesse saber? Por acaso estou em perigo?

- Não, absolutamente. Temos tomado todas as precauções. Gostaríamos que saísse da cidade mas, como imaginamos, cedo ou tarde descobririam sobre você e o Padre e aí sua ausência seria muito suspeita. Deve depor e contar a verdade, é o melhor a fazer.

- Mesmo sobre o crucifixo?

- Agora sim, se for perguntada. De certo modo o que foi um erro e uma fatalidade, e não entenda isto como uma recriminação, pode tornar-se uma vantagem. Há um movimento para incriminar ainda mais este rapaz, o "Cocada" e se ele for impronunciado o foco das atenções se

deslocará para quem queremos. O advogado a orientará sobre como se conduzir no depoimento. Nada disto estava planejado de modo que teremos de improvisar. - Istvan disse isso quase num desabafo. Fez-se um breve silêncio entre os dois até que Raquel falasse:

- Há mais uma coisa.

- Sim?

- Estou grávida e pretendo ter esta criança. - Raquel estava verdadeiramente tensa, e sentia raiva de toda aquela situação. Eram sentimentos muito contraditórios, saudade, tristeza, júbilo, tudo ao mesmo tempo. Perdera completamente o rumo de vida que viera seguindo nos últimos anos, principalmente desde que conhecera João. Não havia mais nenhuma certeza sobre o que fazia, seguia cumprindo um roteiro tentando se livrar da encenação. Ela sempre suspirava procurando resignação e apoio, mas em quem confiar se o único amigo estava morto? Istvan desde longe percebera aquela hesitação em Raquel de modo que a sentia ir-se pelos dedos cada vez mais rápido. A tragédia abalara-a de tal modo que não podia mais confiar nas reações dela. Era uma situação extremamente delicada e suas decisões iam se tornando cada vez mais difíceis. Usando de toda sua reconhecida prudência disse sorrindo para Raquel:

- Só posso desejar que seja feliz.

No dia do depoimento Iasmina aguardava ansiosa o que ocorreria na sala de audiências. Raquel trouxe seu advogado e quando passou por ela cumprimentou-a mas não sorriu. O Delegado Arlindo Feijó veio sozinho e carrancudo, nem cumprimentou-a. O Juiz Rui Nonato entrou no recinto e após as praxes processuais pediu à Dr.<sup>a</sup> Mariana Salvador que apresentasse sua petição. O assunto desenvolveu-se tediosamente encobrando a crescente ansiedade dos presentes. A defensora habilmente conduziu sua explanação evitando o que não fosse de aparência trivial numa investigação mas dispondo todos os dados que justificavam o testemunho de Raquel. Baseava toda a sua argumentação na identificação da origem do "Shivit" encontrado junto ao corpo do padre. Terminada a explicação o Juiz pediu a presença de Raquel.

- A senhora ouviu o que foi dito há pouco pela Defensora Pública, pode me dizer se há alguma veracidade no que foi relatado?

- Sim, há.

- Por favor dê-me a sua versão dos fatos.

Para surpresa de todos Raquel não só confirmou que dera o "Shivit" de presente para o Padre como dele recebera o crucifixo em troca, o qual fora furtado junto com sua bolsa no interior da Igreja. Acrescentou que fizeram aquilo como uma prova de amor pois vinham assim se relacionando já alguns meses. Finalmente declarou:

- Peço desculpas ao rapaz que está sendo indiciado por não ter me apresentado antes espontaneamente para depor mas estive sob imensa tensão estes dias, ademais, estou grávida do Padre João e tendo em vista as circunstâncias V. Ex.a. há de compreender os difíceis obstáculos que tive de enfrentar até chegar a esta decisão de revelar tudo isto.

Os soluços baixos de Raquel povoaram o silêncio constrangedor que se fez na sala. O Delegado Arlindo baixou a cabeça e sentiu um enorme peso sobre seus ombros e responsabilizou a cada um ali pela conspiração contra sua reputação. Estava acabado, seu caso mais importante desmoronava diante de si de maneira humilhante. A mesma defensora pública voltava como uma nêmesis implacável. Seu constrangimento podia ser confundido com o dos outros diante do emocionante depoimento de Raquel mas os motivos eram diferentes, Dr. Arlindo estava profundamente emocionado com seu próprio sofrimento.

Algumas horas mais tarde o advogado de Raquel, Dr. Petrônio, falava com Istvan Zoko:

- Raquel se descontrolou emocionalmente e falou mais do que combináramos, entretanto, as

coisas foram bem; o Juiz se deixou tocar pelo clima. Uma judia, grávida de um padre assassinado, defendendo um inocente... Este caso está no papo prá defesa, o réu será impronunciado e o inquérito policial reaberto; o Delegado Arlindo deve estar cuspidando marimbondos.

Minutos depois, Istvan, sozinho, meditava no que fazer. Discou um número telefônico e falou em hebraico alguma coisa com alguém do outro lado. Ouviu a resposta, desligou, colocou a cabeça entre as mãos e suspirou. Desejava estar em qualquer parte do mundo agora, menos ali, no Rio de Janeiro, naquele momento e com a ordem que recebera.

Iasmina, depois da audiência teve um dia agitadíssimo, principalmente por causa do jornalista Cleto Peixoto. Aonde quer que fosse havia um recado do periodista, finalmente, quando entrou no Alepo, um pouco mais tarde do que o costume, lá estava ele que imediatamente se dirigiu a ela:

- A Sr.<sup>a</sup> está ficando mais difícil de achar do que o Papa.

- Está bem, vamos conversar, mas daquele jeito, trocando informações, o que você tem a oferecer hoje?

Armando e Rodolfo, que já sabiam do ocorrido, como de resto toda comunidade da rua da Alfândega, olhavam o jornalista com indisfarçável contrariedade, cada um por um motivo que no fim vinha a dar no mesmo: problemas!

Cleto Peixoto não se fez de rogado:

- O Padre Lupércio não quis me receber de jeito nenhum, muito menos o Monsenhor Carmine, mas consegui que o Cardeal desse um depoimento. Bem, ele vai soltar uma nota oficial. Já é alguma coisa. Mas confirmei toda história com a zeladora da igreja D. Alzira, o porteiro do prédio de Raquel Weissen e uma vizinha que até conhecia o Padre. O Rabino não quer falar. Que mais? Ah!, sim, consegui uma biografia de Raquel, muito interessante, quer ouvir?

- Claro!

- Raquel Frömen Weissen, 33 anos, brasileira, de uma família judia que imigrou para o Rio de Janeiro em 1920. Formada em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestra em História Antiga e Arqueologia pela Universidade da Califórnia, Doutora em Arqueologia e Línguas Arcaicas pela Universidade de Jerusalém. Estudou em Jerusalém de 1989 até 1993, quando veio para o Rio de Janeiro trabalhar na Sinagoga como bibliotecária. Dá prá acreditar? Estudar tanto prá terminar na Ten. Possolo limpando livros? E mais, seus pais ainda vivem e moram aqui, mas estão viajando no momento. A família é rica e ela é a única herdeira, além do que é boa prá chuchu, Padre de bom gosto este, heim?

- Dispensou a gracinha - Retrucou Iasmina - Ela está sofrendo à beça, a pobrezinha.

- Foi só um comentário, poxa! Eu me pergunto, será que ela já não conhecia o Padre desde Jerusalém? Afinal estavam na mesma época lá e o Padre também era um arqueólogo.

- É possível, bem pensado. Porque não explora este ângulo da história?

- Vou tentar, mas preciso de algo mais consistente do que um especulação. Alguém que os tivesse conhecido na ocasião. De qualquer modo tenho material para publicar uns bons dias, fora que na delegacia deve estar um clima de velório e alguma coisa vai sair dali. E você, o que tem?

- Dois padres ortodoxos.

- Dois o que?

Iasmina deu-lhe todos os detalhes sobre os dois religiosos que procuraram D. Fádua e um pouco mais da história do Rachid, fazendo-o exclamar:

- Então aí está o que eu precisava! O motivo disso tudo, o dinheiro, sempre o dinheiro! Caramba! Não sei nem por onde começar a matéria.

- Porque você não guarda esta informação para mais tarde e investiga os dois palestinos,

posso lhe indicar alguém para ajuda -lo.

- Sério? Mas outro jornalista pode descobrir e meu furo vai pro brejo!

- Só mais uns dois dias, tem de arriscar. Os outros não sabem da existência deles e além disso estarão ocupados com a soltura do "Cocada".

- Um dia só! Quem é que vai me ajudar?

Iasmina sorriu e chamou Rodolfo à mesa. Cleto observou aquele gigante aproximar-se e sentiu um calafrio perpassar-lhe o corpo, principalmente por causa do olhar com que Rodolfo o fitava. Foi trabalhoso convencer aquele "Gorila abestalhado" - como pensava Cleto mas não ousava falar - que deveria colaborar com o repórter, que cada vez acreditava menos no sucesso da empreitada. Finalmente acertaram um plano para o dia seguinte. Quando Armando soube, por Rodolfo, ficou com um péssimo humor pois perdera um aliado. Rodolfo seria incapaz de deixar de atender um pedido da irmã. Resolveu compensar-se com as comidas da sogra.

No dia seguinte, no café da manhã, Padre Lupércio, que não conseguira dormir à noite, traduziu, para o Monsenhor Carmine, a manchete do "O Dia" com Cleto Peixoto assinando a matéria.

"PADRE ASSASSINADO TINHA AMANTE NA SINAGOGA"

Em seguida preparou-se espiritualmente para a audiência com o Cardeal.

## 18

Mariana Salvador, diante do Juiz Rui Nonato, ouviu-o proferir as conclusões que chegara após a audiência do dia anterior, e ato contínuo, assinar a liberação do Sr. José Fagundes da Silva, vulgo "Cocada". Preparou-se para acompanhar o oficial de justiça que iria entregar o mandado diretamente ao Delegado da 1ª D.P., onde estava preso seu constituído, numa manobra acertada com a Promotoria visando proteger o rapaz. A promotora Dr.<sup>a</sup> Elsa conseguira um local para onde o "Cocada" seria levado e permaneceria sob proteção policial durante algum tempo. Seria uma tarefa difícil driblar a imprensa que se acotovelava na porta do gabinete do juiz e certamente seguiriam à delegacia para entrevistar o recém liberado. A repercussão dos fatos havia sido imensa, muito maior do que se poderia imaginar. Havia inclusive correspondentes estrangeiros cobrindo o assunto. O telefone da promotoria não cessava de tocar com pedidos de entrevistas de toda parte assim como acontecia com o escritório e a casa da Dr.<sup>a</sup> Mariana. O tumulto durou quase o dia todo. A saída do "Cocada" da delegacia foi um espetáculo, com TV transmitindo ao vivo, empurra-empurra e até tapas nos repórteres. "Ao menos", pensou Mariana no fim do dia, quando se dirigia para o Aleppo, "o Cocada está livre e seguro".

No Aleppo o clima era de festa.

Logo pela manhã deste mesmo dia Cleto Peixoto, um fotógrafo do jornal e Rodolfo vigiavam o Hotel Veneza na Riachuelo onde Merhi Abdul se hospedara. Viram quando o Pe. Jorge saltou de um táxi - que estacionou, provavelmente para espera -lo - e entrou no hotel. Minutos depois saíram os dois sírios, tomaram o táxi e partiram. Os três espíões os seguiram em outro táxi. Depois de rodarem por poucos minutos os dois palestinos saltaram a frente da Igreja de São Nicolau na rua Gomes Freire, e apressadamente entraram num prédio anexo.

- Vamos entrar - afirmou decidido Cleto Peixoto enquanto descia do táxi. Foram os três tão rápidos quanto seus predecessores e Cleto entrou primeiro pelo escritório da Igreja e sem titubear, ao ser abordado pela única funcionária presente declarou:

- Sou jornalista do "O Dia" e queria conversar com o Pe. Abdul e ... Pe. Jorge... é isso? -

olhou um tanto displicente para um caderninho de notas no qual absolutamente não constavam tais nomes - Sim, é isso, Pe. Abdul e Pe. Jorge.

A funcionária já de pé e visivelmente perturbada tentou balbuciar alguma coisa mas não conseguiu completar principalmente diante do barulho da máquina que a fotografava e do olhar de Rodolfo. Só conseguiu soltar um gritinho abafado e sumir por uma porta nos fundos do escritório à qual fechou com estrondo. Cleto, imbuído do mais fervoroso espírito jornalístico seguiu a senhora enquanto ordenava a seus companheiros:

- Atrás deles!

Aquela não fora uma exclamação prudente, conforme pode deduzir a seguir, pois induzira os religiosos ali presentes, logo após a soleira da porta, a pensarem que se tratava de algum tipo de ataque e para Rodolfo que eles eram maus, sentimento que vinha alimentando já há algum tempo..

Além de Jorge Ramas, Merhi Abdul e a assustadíssima secretária estava no recinto um padre idoso de longas barbas e muita coragem que pulou à frente do grupo e, segurando uma tesoura, ordenou qualquer coisa que nem Cleto nem o fotógrafo entenderam, mas Rodolfo sim e isto confirmou suas suspeitas, eram pessoas más. Pôs a mão no bolso e rapidamente sacou uma formidável faca que, ao apertar de um botão, num clique relâmpago, fez surgir sua reluzente lâmina de aço do interior do cabo. Cleto sentiu um frêmito de pavor percorrer-lhe todo o corpo diante da cena que se formava a sua frente. Tivera a intenção de surpreender a todos e conseguir uma vantagem psicológica para extrair informações dos sacerdotes mas, infelizmente isto fora um plano particular desconhecido dos coadjuvantes que preferiram ficar apenas em pânico. Ao olhar o imenso Rodolfo armado de faca percebeu que desde o início qualquer estratégia de aproximação estaria fadada a tornar-se um ato de intimidação enquanto contasse com ele em suas fileiras. Sem perceber de onde lhe surgira tanta coragem Cleto jogou-se entre o venerando religioso e o brutamontes. Deu as costas para Rodolfo e gritou o quanto pode:

- Parem, parem !

Na verdade ninguém se movia e após os gritos sucedeu-se um silêncio constrangedor. Aos poucos, recuperando o controle da situação Cleto pôs para fora Rodolfo e o fotógrafo. Mesmo tendo largado a tesoura e falado alguma coisa para os outros Pe. Anastas suave muito e tremia. Com certeza era o principal daquele grupo e Cleto dirigiu-se a ele para esclarecer a situação. Não obteve muito sucesso até que Pe. Jorge passasse a traduzir a conversa. Percebeu que não iria muito longe com aquele pessoal pois só não o enxotavam dali por medo de Rodolfo. Precisava alguma coisa para fazelos falar, e disse:

- Serão publicadas amanhã no meu jornal provas que vocês tentaram seqüestrar o menino Rachid para ficar com o dinheiro dele, mas se falarem com meu editor e derem uma boa explicação pode ser que suspendam a publicação.

Pareceu surtir efeito. Os religiosos se entreolharam, conversaram em voz baixa e Pe. Jorge falou:

- Estamos dispostos a esclarecer este lamentável episódio se realmente pudermos falar com seu editor, mesmo considerando muito inconveniente sua atitude.

Cleto sorriu por dentro e pensou que talvez sua desastrosa tática viesse surtir algum resultado jornalístico. Sacou o telefone e ligou para Iasmina, quando contactou-a falou em voz baixa:

- Onde anda seu tio Nicolau ? Olha pede prá ele ... Me dá o telefone dele, é melhor, eu explico tudo depois.

Não foi difícil achar Nicolau que, no Alepo comemorava a soltura de "Cocada" aguardando a chegada da Dr.<sup>a</sup> Mariana.

- Senhor Nicolau - murmurava Cleto - preciso de um imenso favor seu...

Após a conversa Cleto desligou o telefone e comunicou aos ortodoxos:

- O Nicolau, meu editor logo estará aqui. Vou aguarda -lo lá fora, não deve demorar.

Cleto foi juntar-se aos seus amigos na frente da igreja, e rapidamente dispensou-os, o que parecia uma ótima idéia visto que já havia um pequeno grupo de fiéis reunidos à porta da secretaria com as caras menos amigáveis que podiam fazer. "Talvez não me deixem retornar, já que meu melhor argumento se foi", pensou injustamente Cleto, pois, pouco depois, chegava Nicolau com a expressão de máxima curiosidade. Cleto, enquanto caminhavam para a sala de reunião explicou o que podia da situação até que Nicolau o interrompeu:

- Já entendi, sou o redator-chefe do jornal, este assunto é de alta prioridade e tentarei extrair deles tudo que puder com a promessa de não publicar esta maluquice que você inventou.

- Bem, pode fazer a parte do chefe que eu me encarrego de arrancar uma história.

- Talvez deva lhe lembrar que também sou jornalista...

- Claro, mas eu quis dizer que não precisa fazer o meu trabalho, já que foi tão gentil em me ajudar.

- Ah... não se preocupe, será um prazer.

Assim que entraram na sala, depois de passarem pela pequena multidão de mal encarados à porta, Nicolau dirigiu-se ao mais velho e fez-lhe uma breve alocação, da qual Cleto não pescou uma única palavra. Parecia ter funcionado muito bem pois logo estavam reunidos em torno de uma mesa onde durante quase uma hora falou-se sem parar. Era uma situação um tanto patética para Cleto que precisava anotar sua história mas tudo que conseguiu foi ficar com o lápis na mão olhando cada um dos interlocutores tentando captar qualquer coisa plausível para seu bloco de notas. Súbito todos levantaram, houve uma despedida, Nicolau puxou-o para fora da igreja e enfiaram-se no primeiro táxi que apareceu rumo ao Alepo.

- Você deve ter uma boa história prá me contar - falou animado Cleto.

- Pode ser - respondeu Nicolau.

- Então ?

- Então o que?

- O que eles disseram ? Cleto virou a página de seu bloco de notas.

- Nada muito esclarecedor.

- Peraí, você falou quase uma hora com aqueles padres e não saiu nada? Tá tentando me enrolar? Essa não!

- Calma rapaz, vou lhe contar tudo que ouvi, mas antes preciso checar algumas informações para saber se eles falaram a verdade. Vamos ao Alepo dê-me ainda algum tempo e depois a história será toda sua.

- Não dá para adiantar alguma coisa? Tá pra fechar a edição, preciso ir pro jornal com alguma matéria.

- Pois bem, o pai do Rachid tinha um tio por parte de mãe que era padre ortodoxo. Pelo que me contaram, esse tio teria entregue à irmã, mãe de Jamil Abbas, o pai do menino Rachid, durante a guerra de 1947 uma relíquia do Mosteiro de São Marcos em Jerusalém. O tal padre morreu quando o mosteiro foi bombardeado e todos pensaram que a tal relíquia fora destruída até que há pouco tempo descobriu-se que poderia estar de posse de Jamil. Infelizmente o pobre rapaz também morreu numa refrega com a polícia como você sabe. Daí resolveram procurar o Pe. João, mas este não só saiu de Jerusalém como acabou assassinado, só restou a eles procurar o Rachid. Infelizmente a estratégia que usaram para saber o que queriam não foi adequada.

- E que relíquia é essa?

- Aí está o problema, eles não sabem ou não querem dizer. Mas não são os únicos atrás deste

tesouro. Justamente a pressa que têm é porque os judeus e o Vaticano tiveram conhecimento do assunto. Deve ser alguma coisa muito valiosa. Talvez tenha mais gente metida nisto.

- Mais gente, quem?

- Não sei ainda, mas descobriremos.

- Sem saber que relíquia é esta fica difícil montar uma história. Tem que ser algo mais real.

- É, claro, mas por enquanto aconselho a enrolar seu editor.

Cleto não ficou nem um pouco satisfeito mas, nas circunstâncias, era melhor aquiescer. Encontrariam muita gente no Alepo e talvez arranjasse uma notícia melhor, de qualquer modo, aquele dia já se fora, jornalisticamente falando. Telefonou para o seu chefe quando chegaram ao restaurante e "enrolou-o" sem muito sucesso.

## 19

Istvan Zoko encontrou-se com Raquel naquele dia mesmo da libertação do "Cocada":

- Raquel, durante estes últimos meses mantivemos um relacionamento bastante bom, amistoso, eu diria, apesar dos inúmeros e difíceis problemas enfrentados, e credito isto ao fato de termos consolidado uma mútua confiança. Pois agora estamos no auge de uma crise cujas conseqüências são imprevisíveis se não nos acautelarmos. Mais do que nunca precisamos desta mútua confiança que creio ainda persiste. Posso tentar entender o seu estado de espírito e por isso mesmo que reforço este passado pois teremos de tomar decisões que poderão ser desagradáveis, dadas as circunstâncias.

Houve um breve intervalo na alocução de Istvan como se esperasse uma manifestação de Raquel, o que não ocorreu. Ela manteve-se quieta, quase distante, o que não agradava muito a Istvan. Este suspirou e continuou a falar, transmitindo-lhe o teor da conversa telefônica que mantivera com seus superiores em Telavive:

- Não peço que você concorde com os motivos apresentados, mas procure se resignar com o fato de que sua segurança, e de seu filho são mais importantes do que tudo. Não terei condições de garantir isto se não seguir estas ordens. Serei obrigado a abandoná-la.

Raquel baixou a cabeça e as lágrimas rolaram pela sua face; era naquele momento a criatura mais solitária do mundo. Murmurou uma concordância e perguntou:

- Quando será?

- O mais rápido possível. Espero que em uma semana tenha tudo preparado para sua viagem. Até lá você será vigiada, de forma discreta é claro, mas quanto menos se movimentar melhor, isto é, mais segura estará.

- Então eu corro risco de vida, não é?

- Não temos certeza e a pior das situações é esta, a da dúvida. O assunto tomou um vulto inesperado exatamente pela falta de informações e talvez esta tenha sido a razão principal do infortúnio do Pe. João, uma informação equivocada.

Raquel olhou para Istvan com os olhos vermelhos e com certa indignação.

Istvan acabara de cometer uma enorme indelicadeza com Raquel, praticamente arruinando o cuidadoso discurso que tão diligentemente preparara para que ela aceitasse o que ele teria de fazer de um modo ou de outro. Suas ordens eram para retirá-la do país, dar-lhe uma nova identidade e mantê-la sob vigilância em algum lugar seguro por tempo indeterminado. Durante aqueles minutos constrangedores os fatos recentes passaram-lhe na mente. Istvan lembrou que a informação que Raquel lhe dera, dizendo quando e onde João entregaria a cópia do manuscrito, vazara de alguma forma. Isto o deixara mais constrangido porque supunha que Raquel o responsabilizara por tão

desastroso equívoco que causara a morte do padre.

Por um momento, ao ver-se admirando Raquel, em sua triste beleza daquela hora, relampejou uma fagulha de algo como... ciúme, em sua mente. Istvan afastou esta sensação de seu espírito como se espantasse uma vespa de seu corpo. Era um homem treinado pela profissão e pela vida para enfrentar perigos imensos e manter o sangue frio mas aquele era um do tipo insidioso, que lhe vinha pelas entranhas. Por fim admitiu que desejava Raquel mais do que imaginava e, retomando sua compostura interior, pensou, "aí está algo que nunca deveria ter sublimado e que pode ter sido meu pecado mortal. Terei de avaliar melhor isto".

Raquel pareceu aquietar-se. Ela retirou-se do encontro ainda mais deprimida do que quando chegara. Quando desabou na cama, em casa, o mundo veio junto com ela.

## 20

Nicolau queria conversar com Iasmina e Mariana Salvador mas o repórter não desgrudava dele. Não tinha muito tempo pois no dia seguinte bem cedo viajaria, precisava livrar-se daquele carrapato. Cleto desconfiava, e com razão, que ele é que fora "enrolado" pelo Nicolau, mas exceto ficar orbitando o veterano jornalista, tentando captar alguma coisa, que mais poderia fazer? Nicolau voltou-se para ele e falou:

- Qual seria a reação do enviado papal se soubesse que os ortodoxos estão atrás de uma relíquia e quase conseguindo obtém -la?

- Eles não engolem esta - respondeu Cleto e pensou "nem eu".

- Pense comigo. Ou é dinheiro ou algo que vale dinheiro que os trouxe, e não sabemos se estão aqui enviados pelo Patriarca deles ou por conta própria. Quem sabe? Nós os vimos na igreja, eu falei com eles mas em nenhum momento senti que tivessem alguma motivação assim profundamente religiosa. Depois, este negócio de relíquia sagrada já não convence muito, não é? Por outro lado o enviado papal é verdadeiro, logo, o assunto é muito importante para o Vaticano. Se fosse para apurar somente as causas do assassinato do Pe. João não precisava tanto, não é?

- Faz sentido.

Cleto começou a pensar que talvez ter ficado ali colado ao Nicolau fora uma boa tática. Nicolau continuou:

- E se eles estiverem atrás da mesma coisa que os seus irmãos ortodoxos vão querer qualquer informação possível, não é? Pois você tem uma chance de vender alguma coisa.

- O que eu tenho para vender? Você não me disse nada da conversa enorme que teve.

- Ah, não é verdade, eu lhe disse o essencial, o resto foi pura embromação de ambas as partes.

Depois, sempre se pode acrescentar alguma coisa.

- O que?

- Que há outros interessados, e isso não é mentira.

- Quem?

- Ora, a máfia, a igreja ortodoxa, os judeus, sei lá quem mais. Lembre-se que tudo isto tem ligação com o pequeno Rachid, trazido para cá pelo Pe. João e que o recolheu órfão de um pai terrorista morto pela polícia israelense numa transação com traficantes de armas. Alguém perdeu dinheiro ou bens e quer reparação daí...

- É um bom ponto, mas o que dariam em troca, quero dizer o pessoal do cardeal?

- Não sei mas que tal a manchete, "Vaticano disputa com Igreja Ortodoxa dinheiro da máfia que o Padre embolsou". Pro seu jornal não é nada mal, vocês já fizeram pior.

Nicolau intimamente pediu perdão ao Pe. João por ter sugerido tal ignomínia mas precisava

urgentemente despachar Cleto para longe dali. Pareceu ter surtido um efeito imediato a sugestão de Nicolau. Cleto, logo depois de um período de silêncio, pediu licença, pendurou-se no telefone e passou chispando por Nicolau enquanto dizia:

- Funcionou, Pe. Lupércio vai me receber agora.

Nicolau, ao ver o periodista partir célere, esfregou as mãos e juntou a sobrinha e a advogada numa mesa previamente reservada por sua irmã.

- E agora? Perguntou Nicolau enquanto servia vinho às duas.

- Esta cada vez mais confuso, eu acho. - Replicou Iasmina.

- Ora - interrompeu Mariana - hoje é para comemorar, pois livramos um inocente da cadeia.

- Pois brindemos a isto - sugeriu alegremente Nicolau, e sorveu sua taça com satisfação.

Limpou os lábios com um lenço e continuou a falar - Há verdade no que você disse Iasmina, mas se estamos confusos é porque não olhamos corretamente os fatos. A Dr.<sup>a</sup> Mariana cumpriu brilhantemente sua tarefa mas deixou uma pergunta no ar, afinal quem matou o padre e por quê? Nenhum de nós aqui tem oficialmente a obrigação de responder esta pergunta, no entanto, somos os que mais perto estamos da verdade.

- Nicolau - continuou Mariana - concordo com você mas mesmo assim isto não diminui a confusão a que se refere Iasmina. A polícia não tem pistas, há divagações sobre o possível envolvimento do padre com interesses estrangeiros mas nada concreto. Ele parece não ter deixado qualquer indício ou fato que justificasse seu assassinato. Afinal, ele retornou ao Brasil em 1992 e só foi morto em 1994, será que nestes dois anos nada aconteceu que deixasse alguma pista? Aparentemente não. O Pe. João não se escondia e não parecia temeroso do que fosse. Se a igreja sabia algo, nunca o apresentou, e talvez porque não tenha nada a acrescentar.

- A não ser o romance dele com Raquel - complementou Nicolau.

- Ora, tio - Iasmina exaltou-se um pouco - isto não chega a ser um problema. Padre com amante, hoje em dia, é o que mais tem!

- Mas Raquel é uma pessoa especial - Nicolau inculca mistério em sua voz - pois lembrem-se que ela estudava em Israel na mesma época que o Pe. lá vivia e era festejado como um sábio exatamente naquilo que ela estudava. Provavelmente eles se conheceram por lá. Há uma boa possibilidade.

- Vamos supor que tenham se conhecido lá. - Mariana interpôs-se - e que ela tenha voltado para ficar com seu amor. Isto não acrescenta nada para elucidar porque mataram o padre. É apenas uma história de amor, aliás, trágica.

- Vejamos os fatos supondo que tenham alguma ligação, a qual ainda desconhecemos. - Nicolau, didático. - Uma celebridade internacional, mas quase desconhecida por aqui, é assassinada na praça da república. Não foi um latrocínio, portanto, pode-se concluir que o assassino conhecia a vítima e tinha a intenção de mata-lo. Um crime passional? Certamente que não. O Pe. João não era um Don Juan, desculpem-me o trocadilho. A mulher que ele amava era solteira e o amava também como ela mesma declarou. Um acerto de contas? Um crime político? O padre vivia fora do país há décadas e desde que voltou dedicava-se quase exclusivamente a sua paróquia, logo seja qual for o motivo, não estava no Rio de Janeiro. A resposta está lá, em Jerusalém.

- Mas por onde começar? - Iasmina acrescentou - a vida dele foi vasculhada pelos jornais e não há nada que aponte para um crime político, por exemplo, o episódio do menino Rachid não justificaria um crime destes. Um acerto de contas? Pelo que se sabe o Pe. João não tinha inimigos, não devia nada a ninguém.

- No entanto, - continuou Mariana - temos dois padres ortodoxos importunando uma família e uma criança, um emissário papal que contrata um dos mais caros advogados do Rio para

acompanhar o caso. Falta alguma coisa?

- Eis a questão, - completou Nicolau - Falta alguma coisa, deveras. São os personagens invisíveis, pelo menos para nós. Eles existem e estão atuando na sombra por enquanto.

- Isto é um tanto especulativo, tio. Não deixe sua imaginação dominar seu raciocínio. Que coisa, sombras ameaçadoras!

- É isso, Nicolau. Até aparecerem os personagens sombrios sua explicação ia bem, mas ficou um pouco forçado. - completou Mariana.

- Tudo o que temos por enquanto é a imaginação, que aliás nos foi muito útil até agora. Prestem atenção incréus - Nicolau, profético - Se a igreja está nisto, e são duas, e mais ninguém, então é lícito supor que foi uma delas que matou o padre. No entanto o comportamento de cada uma é muito distinto. A igreja romana segue de perto as investigações, o que pode acobertar uma intenção de manter-se informada e agir para que não se descubra sua culpa. Eu sei que parece absurdo mas apenas por hipótese. A igreja síria menos cautelosa expõe seus sacerdotes de forma imprudente, o que não é um comportamento de quem acaba de cometer um assassinato que pode trazer funestas conseqüências no seu relacionamento com Roma. Por isso é menos provável que tenham sido os que mataram o padre. Roma, se queria o Pe. João eliminado não o teria feito desta forma, logo minhas queridas, não foram eles, mas eles sabem quem pode ter feito.

Houve um silêncio momentâneo até que Mariana, depois de beber um pouco de vinho, falou:

- Parece lógico, mas porque então não dizem o que sabem?

- Porque não querem que o verdadeiro motivo seja conhecido. Eles devem saber não só quem provavelmente matou o padre como o motivo também. Se não falam é porque o assunto ainda não está resolvido. - Nicolau falou e encheu seu copo.

- Se assim é, - continuou Iasmina - o padre tinha um segredo.

- Que Raquel pode saber. - disseram todos em uníssono.

- Por isso ela hesitou em depor a favor do “Cocada”. - Iasmina, com voz de espanto. - temia ter que revelar este terrível segredo. Ela pode estar em perigo.

- O mesmo que levou seu amante à morte. - Mariana, já enlevada pelos espíritos do vinho, com uma voz quase pungente, concluiu, embarcando nesta fantasia coletiva.

- Agora, me digam - Nicolau, misterioso - que coisa sigilosa é esta que pode levar alguém a matar por ela?

- Então, quem o matou também sabia do segredo e talvez o quisesse mantê-lo. O padre sabia demais. É isto? - perguntou Iasmina.

- Acho que sim. - respondeu Mariana. - Se descobrirmos o segredo, matamos a charada... Desculpe-me o pobre Pe. João pela piada infame.

- Este segredo, que encaixa todas as peças deste quebra cabeças... Estamos ficando por demais sarcásticos... Bem, como dizia, este segredo está lá, em Jerusalém, e eu pretendo descobri-lo.

Repentinamente a alegria tomou conta da mesa. Uma alegria sem algazarra, provocada pelos eflúvios da bebida e pela cumplicidade do trio. Era algo em comum que partilhavam e isto dava-lhes uma enorme satisfação. Mariana em meio a conversa falou:

- Estou até com vontade de conhecer Jerusalém.

Nicolau não teria melhor oportunidade do que aquela para o propósito que vinha pacientemente planejando, imediatamente falou:

- E porque razão você não poderia ir?

Iasmina conhecia bem o tio e sabia que aquele era um tiro certo, mas muito arriscado. Ela também sabia que Nicolau alimentava muita esperança que seu relacionamento com Mariana fosse

além da mera admiração platônica. Achou que poderia ajudar:

- É mesmo. Seria formidável.

Depois, considerou melhor calar-se pois não conseguia pensar em nada mais original do que sublinhar as vantagens turísticas da viagem, e não era nada disto que se decidia ali. Pensou em retirar-se discretamente mas julgou acertadamente que isto quebraria o encanto da ocasião pois ficaria parecendo algo planejado entre o tio e a sobrinha. Encheu o copo de vinho e deixou-os decidirem o caso.

- Não há assim nenhuma razão específica, - Mariana procurava encorajar Nicolau a ser persuasivo, mantendo-se discreta. - Foi uma idéia que me ocorreu.... - Sorriu e acrescentou - Não quero parecer frívola, mas toda esta história, estes mistérios...

- Você fez um trabalho maravilhoso, libertando um inocente.. Merece se premiar por isto. Se eu puder de algum modo participar deste prêmio me sentiria honrado.

- Ora, claro, Nicolau, vocês foram formidáveis e tenho certeza que em sua companhia teria certamente uma jornada inesquecível, mas acho que fui meio intempestiva. Sua viagem já está marcada e tem estes detalhes burocráticos, vistos e tudo.

Iasmina não se conteve:

- Acho que isto se arranja fácil. Não é tio Nicolau?

- Certamente, e ademais qualquer atraso na viagem seria de menor importância. Não tenho nenhum negócio impreterível.

Mariana sorria e parecia absorta com seus próprios pensamentos e apenas exclamou:

- Bem.... então... certo! - e balançou a cabeça que sim.

Brindaram mais uma vez e após as efusivas demonstrações de alegria perceberam que era melhor partirem antes de que a alegria quimicamente incrementada os levassem a cometer alguma futilidade. Nicolau acompanhou a Dr.<sup>a</sup> Mariana até a casa dela.

## 21

Cleto Peixoto foi o mais rápido que pode encontrar-se com o Padre Lupércio.

O Padre Lupércio não estava de bom humor, isto o jornalista percebeu imediatamente, mas assim mesmo resolveu ser incisivo, sem muita diplomacia, que de fato não era uma de suas características:

- Padre, se não foi o “Cocada” quem matou o Padre João, o senhor tem idéia de quem possa ter sido, quero dizer a quem interessava a morte dele?

Lupércio pisava em um terreno muito perigoso pois não tinha idéia do que o jornalista já sabia, procurou ser evasivo e apostou na pouca perspicácia do repórter:

- Não, não temos idéia do que possa ter motivado o crime. Estamos em contacto com a polícia e dependemos das informações deles. Tudo que sei foi o que saiu nos jornais.

- Então o senhor está a par que o padre João se envolveu, não digo que propositadamente, em uma séria escaramuça entre terroristas e a máfia, quando vivia em Jerusalém e pouco antes de sair de lá?

- Acho que este ponto nós já conversamos e eu lhe expliquei o que houve.

- Certamente, mas há certos fatos novos que precisam de algum esclarecimento.

- Que fatos novos? - Agitou-se um pouco o Padre Lupércio.

- Talvez não sejam novos para o senhor, mas a verdade é que a igreja... ortodoxa síria - consultou seu bloco de notas - também mandou uns emissários para cá, atrás de uma relíquia, dinheiro ou coisa parecida que eles dizem pertencer-lhes e que o Pe. João teria, digamos, se

apropriado inadvertidamente.

- Desconheço tal coisa.

- Verdade? Pois foram eles mesmos que me contaram, e mais, andaram assediando uma família que adotou o filho do terrorista, e segundo a mãe do garoto... D. Fádua - consultou outra vez o bloco de notas - queriam o dinheiro do menino, que por sinal parece ter herdado um fortuna.. Não é mesmo uma coincidência?

- Estou surpreso.

- Bem, depois tem esta judia, Raquel, que estudava em Jerusalém na mesma ocasião que o Pe. João vivia lá e pode ter sido professor dela, não é? Aliás esta Raquel é de uma família rica, tem os pais vivos, é doutora em um monte de coisas, mas tinha um emprego chinfrim e morava num prédio bem "ruinzinho" ali no centro. Teria sido só por amor Padre? E olha que ela é uma beleza, me desculpe assim a ousadia mas não dá prá deixar de perceber, certo?

- Éééé.... A vida particular do Pe. João não está em discussão neste momento.

- Certo, eu não queria mesmo aborda -la, mas se nós juntarmos todas estas evidências... O senhor não acha que tem muita coincidência junta?

- Realmente não entendi aonde o senhor quer chegar. Todas estas coisas não esclarecem nada sobre o infortúnio de Pe. João, por favor vá direto ao ponto.

- Certo. Depois que o Pe. João saiu de Jerusalém ele passou algum tempo em Roma. Acredito que ele tenha relatado o que aconteceu a seus superiores. O Vaticano soube então que havia dinheiro e preciosidades envolvidas naquele infeliz episódio? O Vaticano soube do menino Rachid? O Pe. João ficou com alguma coisa que não lhe pertencia ou deu-a para a Igreja? O Vaticano soube de Raquel?

Cleto Peixoto disse tudo isto lendo seu caderno de notas. Tentou dar um tom bombástico mas não conseguiu, embora tenha considerado satisfatório seu desempenho. Teve certeza disto ao olhar o Pe. Lupércio que suava profusamente e parecia bem nervoso. O fato é que não fora absolutamente o questionamento tatibitate do jornalista que o perturbara, mas o pensamento que havia alguém por trás daquele diarista atrapalhado, e que provavelmente sabia muito mais do que lhe informara. As implicações eram claríssimas; se negasse tudo, Pe. João se transformaria, nas mãos de um redator malévolos, num trãnsfuga hedonista, roubando e fugindo com a amante. Se confirmasse alguma coisa a Igreja poderia ser acusada de ter coonestado um roubo, protegido um meliante e depois "queimado o arquivo". Os acontecimentos dos últimos dias, principalmente a forma como a imprensa aproveitava os lados mais picantes do episódio lhe davam a certeza que qualquer que fosse a resposta o escândalo já estava pronto. Precisava agir com prudência.

- Sr. Cleto estas são ilações por demais vagas para que eu possa lhe responder. Certamente o Pe. João deve ter relatado o ocorrido aos seus superiores, mas como poderia eu saber o que ele disse? Seja lá qual for a resposta que eu lhe dê, será sempre uma especulação. A única pessoa que poderia lhe dar estas resposta seria o próprio João. De mais a mais o Pe. João era um homem pobre e sua vida foi vasculhada pela polícia de mais de um país, pela imprensa e sei lá mais quem. Se houvesse tais tesouros de que fala, e que absolutamente não se confirmam, o nosso querido João, mesmo que quisesse, não conseguiria ficar andando com ele por aí sem ser percebido.

- Então o senhor nega que a Igreja tivesse conhecimento destes fatos?

- Alguns fatos nós sabíamos, outros fomos informados pela imprensa, mas a associação deste conjunto é somente sua. Até o momento o único mistério é a identidade do assassino...

- Ou do mandante...

- Ou isto. Se não tiver mais nada a esclarecer...

Cleto sentiu uma ponta de descontentamento. Começara bem, assim ele achava, mas não

obtivera o que esperava. Pe. Lupércio parecia à vontade e ele não tinha nada. Despediu-se do religioso e foi para a redação do jornal. Enquanto Cleto Peixoto tentava localizar Nicolau, afinal fora idéia dele, o Pe. Lupércio, abriu uma cerveja bem gelada e foi assistir um jogo de futebol na TV, enquanto pensava que a maior felicidade da vida era vir a ser o pároco da pequena cidade em que nascera. “Lá, Cristo é mais simples”, pensou hereticamente.

Cleto não achou Nicolau, por isso procurou seu editor. Não confiava muito nele mas na hora não tinha prá quem apelar. Juntou todas as notas e relatou o que apurara. Menezes, o redator responsável, com os olhos semicerrados, ouviu e pensou, “Talvez eu devesse trata -lo melhor”, pois afinal, aquele rapaz o estava surpreendendo. Houve um breve silêncio até Menezes falar:

- Escreve tudo isto aí e deixa a manchete que eu faço. Ainda dá tempo de incluir uma chamada no primeira página.

Cleto disparou para o computador certo de que aquela primeira impressão de desapontamento era um engano. Ganhava pontos na redação. No dia seguinte o Jornal dava uma sub-manchete na primeira página:

### **“Padre assassinado pode ser pivô de conspiração internacional”**

Nicolau e Mariana levaram 48 horas para acertar a viagem, o mesmo tempo para que ela começasse como uma lua de mel. A última coisa que Nicolau verificou, antes de rumar para o aeroporto, foram os seguidos recados de Cleto na secretária eletrônica.

## **22**

Mariana olhava pela janela do hotel King David, em Jerusalém, um dos mais caros do lugar, e havia uma certa inquietude na alegria que sentia, como se estivesse ultrapassando o comportamento razoável. “Felicidade”, pensou, “Deve ser assim mesmo”.

No café da manhã, polidamente expôs a Nicolau sua preocupação com o luxo que usufruíam e que lhes sairia muito caro sem necessidade:

- Podemos ir para outro hotel mais em conta sem perder o conforto.

- Minha querida - respondeu Nicolau - você me inebria a ponto de me fazer cometer desatinos, mas se assim eu o fizesse deixaria de agrada -la, por isso não os cometo. Em primeiro lugar, nossa estadia aqui será paga pelo jornal, ou jornais melhor dizendo, para quem trabalho, e isto vou lhe explicar depois com calma. Em segundo lugar o gerente, Mr. Ligier, fará um desconto especial porque, entre outra coisas eu praticamente salvei a vida dele num episódio que também vou contar com calma. E tem mais, há um carro a nossa disposição e convites para uns dois ou três excelentes restaurantes da cidade. Cada uma destas ofertas está ligada a uma história, por isso teremos muito o que conversar. Aliás, a sua passagem será reembolsada, pois meu contrato permite que eu traga a minha esposa, se você permitir que eu diga isso, é claro.

- Mas eu não sou a sua esposa. Não que eu me importe que você me apresente assim, mas se eles souberem... não tem problema?

- Mariana, isto aqui é outro mundo. O jornal não quer que eu prove que você é minha esposa, apenas que eu declare isto. Como vê, pode-se casar por mais de um motivo.

Nicolau durante o resto do dia prestou contas de sua vida a Mariana. Coisa incomum para ele. Preocupava-se em não parecer afetado, demonstrando querer impressiona -la com benesses materiais. O fato é que suas explicações foram bem aceitas pela companheira, agora guindada a condição de esposa embora um pouco oportunisticamente. Foi contando uma coisa após outra enquanto faziam os roteiros turísticos tradicionais. Mariana não podia deixar de pensar que tudo parecia um pouco irreal, ainda mais com todas aquelas histórias de Nicolau, algumas

verdadeiramente excitantes. Nicolau, mais a vontade depois de tantas confissões mantinha o percurso recheado de citações históricas o que acabou mesmo por impressionar Mariana:

- Nicolau, se você perder o emprego pode trabalhar como guia turístico.

- Já trabalhei, ou você acha que eu sei tudo isto porque? Bem, acho que podemos pensar um pouco em trabalho. Amanhã vamos nos encontrar com o correspondente do jornal aqui em Jerusalém, a conversa será em inglês, para você está bem?

- Claro, mas e os seus negócios?

- Estes são os meus negócios. Informações. O que eu tinha de fazer para mim mesmo já o fiz pela manhã. Estou agora à disposição da aventura e do seu amor.

“Isto é que é lua-de-mel”, pensou bem secretamente Mariana enquanto sorria envaidecida.

## 23

Enquanto se dirigiam ao escritório do Al Ayyam passaram pela Igreja de São Marcos, da Igreja Ortodoxa Síria quando Nicolau comentou com Mariana:

- Aqueles dois padres ortodoxos que apareceram lá no Rio são daqui. Será uma das nossas missões checar a história deles, hoje saberemos.

Abu Ahmed, o correspondente do Al Ayyam em Jerusalém recebeu-os festivamente e antes que pudessem iniciar a conversa pediu todas as explicações possíveis sobre aquele casamento “tão extraordinário”, como se referira. Mariana sentiu-se um peixe num aquário e preferiu embarcar na atmosfera de recém casada embora começasse a desconfiar que toda cidade já sabia da história. Até que Abu Ahmed disse:

- Bem meus caros, esta história parece mais intrincada do que se pensava. Este padre brasileiro pode ter desencadeado uma verdadeira intriga internacional, e é bem verdade que morreu por isso.

- Você acha que ele tinha consciência da gravidade da situação? - Perguntou Nicolau.

- Difícil saber ao certo, mas tudo indica que sim. Falta-nos algumas informações, mas com o que você nos reportou foi possível traçar um rascunho do que houve, e mais importante, do que pode haver.

- Vocês podem me por a par do que está acontecendo? - Interrompeu Mariana.

- Oh, desculpe-me - apressou-se Abu Ahmed - é que eu falei com Nicolau pelo telefone e adiantei algumas coisas, mas claro, deixe-me instruí-la na situação. Mas antes você precisam saber que estão sendo seguidos.

Mariana arregalou os olhos azuis e olhou para Nicolau como se perguntasse alguma coisa. Nicolau achou que aquele olhar mandava que ele a mantivesse informada do que se passava para não perder-lhe a confiança e apressou-se a explicar, em português. Estava em jogo sua lua-de-mel.

- O Abu me falou pelo telefone mas não deu detalhes pois não seria prudente, não lhe disse nada pois queria que você ouvisse dele mesmo. Mas não se preocupe, aqui em Jerusalém quem não é seguido está seguindo alguém.

Mariana percebeu o constrangimento de Nicolau e embora ele estivesse errado quanto ao que ela sentia achou melhor deixar-lhe com esta impressão. O que ela sentiu de fato foi a excitação da aventura. As coisas pareciam cada vez mais irreais e ela mais feliz com isso.

Abu Ahmed falou:

- Tudo aqui em Jerusalém é controlado pela polícia de Israel. Eles têm espiões por toda parte. Aliás os palestinos também e..., bem quase todo mundo aqui é meio espião.

- Foi o que eu disse prá ela - Acrescentou Nicolau, em árabe.

- Ah. Sim. - Continuou Abu Ahmed. - Bom. O Nicolau é velho freguês. Toda vez que vem é seguido, se é que eles não desistiram ainda. Como tem o passaporte brasileiro, isto lhe dá muita vantagem. - E sorriu para Nicolau. Continuou - No caso específico houve alguma coisa que pôs a polícia em alerta.

- Como vocês sabem disso? Perguntou Mariana para logo depois perceber que fizera uma pergunta idiota. Não teve tempo de ela mesma responder pois Nicolau interpôs-se com uma explicação que fez voltar atrás quanto a sua auto avaliação da pergunta que fizera:

- O Abu está dizendo que obteve informações - e fez um gesto com o braço, descrevendo um arco como se dissesse, “por aí” - que não apenas a polícia está interessada em nós, o que é rotina para com quase todos os estrangeiros, mas, o Mossad foi notificado. Como você bem sabe, o Mossad é o serviço secreto israelense. O que pôde ser apurado é que a informação sobre nossa viagem partiu do Rio de Janeiro, portanto eles têm um agente por lá, e isto não é novidade, mas, o intrigante é que parece que isto tem a ver com a morte do padre. Não sabemos como, mas é isto aí. O que nos leva a concluir que além dos padres ortodoxos e da igreja católica, os israelenses também estão metidos nisto. Não seria de estranhar, pois o Padre João teve alguma coisa a ver com um fato importante acontecido aqui, só que parece ter sido mais importante do que se pensava, pois havia uma operação do Mossad em andamento, no Rio de Janeiro, quando ele foi assassinado. Não teríamos sabido de nada se ainda estivesse vivo mas a morte dele desencadeou uma tempestade de perguntas por toda parte que chamou a atenção. Enfim, estamos no meio de algo grande e pelo visto o assassinato do Pe. João foi acertado fora do Rio de Janeiro e o Mossad está no meio, de algum modo.

Mariana Salvador, cuja vida eram as leis, as audiências no Fórum, os filhos e toda ética social em que acreditava, procurou aparentar um certo temor diante desta história, mas na verdade estava adorando tudo aquilo, no entanto exclamou:

- Meu Deus, que perigo.

Nicolau se enganava com Mariana uma vez atrás da outra. Achou que deveria tranquilizá-la quando era isto o que menos a preocupava, o perigo:

- Ah, minha querida, não se preocupe demais. Nós somos apenas uma pecinha neste jogo. Eles não irão nos importunar.

Abu Ahmed, que a tudo prestava atenção, embevecido com Mariana - “sortudo este Nicolau” - pensava, percebeu a preocupação de Nicolau e resolveu ajudar a dissipar os possíveis temores da bela mulher:

- Claro, claro, não há o que temer. Isto é rotina, eles recebem um informe e têm de cumprir o dever. Muito burocrático. Ha !Ha!

Mariana Salvador se divertia muito com a preocupação dos dois. Pensou em estender mais um pouco sua encenação mas julgou que seria leviano de sua parte por isso esclareceu:

- Não estou nem um pouco com medo, se isto os tranquiliza. Cada vez gosto mais de estar aqui. Devemos ir em frente enquanto der, e deixem que nos sigam, ao menos estaremos mais protegidos.

- Oh! Nicolau, isto é que é esposa, disposta a enfrentar qualquer coisa! - Abu não perdeu a oportunidade de fazer um elogio disfarçado. E continuou - Como dizia o Nicolau, foi a morte do padre que trouxe a operação à tona e mais, mostrou que havia muita gente nisto. Todos se acusavam pelo trágico evento, tentando eximir-se de culpa. Nós aqui ficamos um tanto confusos até que o Nicolau passou-nos o que estava acontecendo lá na cidade de vocês. Daí foi fácil concluir.

Abu olhou para Nicolau como se pedisse permissão para continuar e emendou em seguida:

- A tal Raquel... é agente do Mossad.

Mariana ficou estupefata. Seus olhos arregalaram outra vez, para a satisfação tanto de Abu quanto de Nicolau, que pensava, “Lindos, lindos”. Passado alguns segundos da bombástica revelação Mariana julgou que aquele era um palpite óbvio e perguntou:

- Vocês têm certeza?

Nicolau respondeu:

- Bem, certeza absoluta, neste caso, não temos, mas as informações são bastante seguras.

- Dá prá saber mais detalhes de como se descobriu isto?

Abu, numa voz pausada que pretendia demonstrar uma cautela que absolutamente não tinha, pois lhe agradava enormemente contar a história que ele mesmo descobrira e se orgulhava do próprio tino jornalístico, contou:

- Quando soubemos da história, fui investigar sobre a vida dela aqui em Jerusalém. Conversei com um bocado de gente que a conhecia, ex-namorados, colegas de faculdade, professores e daí uma de suas amigas simplesmente me falou que seus últimos meses em Israel, antes de retornar para o Brasil, ela foi para um centro de treinamento militar, que nada mais é do que a escola do Mossad. Quando tentamos abordar o pessoal da escola recebemos um aviso para parar. Vocês sabem, quando esta turma manda algum recado é melhor obedecer. Mas eu fui em frente e, com um agrado aqui outro ali consegui uma documentação que mostrava que ela estava definitivamente freqüentando a escola de quadros. Divulgamos discretamente a informação de modo que o governo de Israel, temendo algum problema diplomático com o governo brasileiro, afinal ela é cidadã brasileira, acabou admitindo que Raquel freqüentara a escola, mas como professora de línguas e história. Resolvemos guardar a informação sobre seu envolvimento amoroso com o padre, até que ela mesmo revelou tudo. Vocês não podem imaginar a confusão que isto provocou. Botamos a manchete na primeira página. O Pe. João era uma figura muito conhecida nesta cidade. Tinha acesso as mais altas autoridades, realmente uma celebridade.

- É, - comentou Mariana - faz sentido. A indecisão dela em depor a favor do “Cocada” pode ter sido também por este motivo e não somente pelo drama de consciência que alegou, no qual eu acredito. A pobrezinha deve estar sofrendo muito, meu Deus. Que confusão!

- Isto é apenas o início da confusão - continuou Abu, com os olhos brilhando - O grupo a que pertencia Jamil Abbas, pai do pequeno Rachid, veio a público e acusou o Mossad de ter assassinado o Padre, com a ajuda de Raquel para se apoderar das relíquias que Samiha, a mãe do menino entregara ao padre.

- Então - continuou Nicolau - ficou-se sabendo que realmente havia alguma coisa de muito valor sendo transacionado na ocasião em que Jamil foi morto.

- Mas eles negaram que estivesse ocorrendo alguma transação com a máfia - complementou Abu - disseram que Israel atacou o grupo para roubar a relíquia e que a tal versão da máfia fora inventada para acobertar a besteira que fizeram.

- Até o Arafat se pronunciou, acusando Israel de querer saquear os tesouros históricos dos palestinos - Nicolau aparteou.

Mariana estava pasmada com o que ouvia. Percebeu que além da sensação de irrealidade que lhe assumia os sentidos vez por outra, suas expectativas sobre a vida estavam mudando rapidamente. Ela era obrigada a rever suas experiências e certezas existenciais diante dos fatos. Uma situação daquelas era inimaginável para ela há apenas alguns meses atrás. Via-se agora, casada, na lua de mel e metida numa trama internacional envolvendo assassinatos, roubo de relíquias arqueológicas escândalos religiosos, e agora mais essa, o próprio Yasser Arafat. Não sabendo o que dizer falou:

- O Arafat? Bem que eu gostaria de conhece -lo. Seria possível?

Nicolau sempre se gabara de seu apurado conhecimento sobre as mulheres, sem modéstia, considerava-se um tipo sedutor. “Nestas horas”, pensou, “é que eu vejo como ainda tenho de aprender”.

Abu esperava que Mariana, impressionada, se levantasse para cumprimenta-lo pelo excelente trabalho jornalístico. Ficou um tanto desapontado com o interesse dela pelo grande líder. Considerou, no entanto que era legítimo aquele entusiasmo, ele mesmo era um seguidor fervoroso de Arafat. Suas expectativas de que afinal ainda seria festejado pela sua argúcia foram retomadas, de qualquer forma respondeu a Mariana:

- Não é fácil, mas quem sabe, com um pouco de sorte podemos pensar... numa recepção talvez...

Nicolau percebeu a situação e já pretendia intervir quando Mariana, que sentiu o desapontamento de Abu mais rápido do que Nicolau, falou:

- Ora, isto não tem importância, Sr. Abu. Estou impressionada mesmo é com a sua perspicácia. Meus parabéns. Nicolau já havia me falado que o Sr. era mesmo um grande jornalista.

Abu sorriu de satisfação com o duplo elogio e mais ainda quando Mariana o cumprimentou com um aperto de mão, algo pouco usual para uma mulher fazer, entre os árabes. “Mas, afinal, ela não é árabe”, pensou Abu, enquanto sacudia a mão dela.

No caminho para o Mosteiro de São Marcos, para um encontro com o bispo ortodoxo, que Abu arranjara a muito custo, ele continuou explicando o desenrolar dos eventos.

- Está tudo acontecendo rápido demais. Recebemos informações de todo lado, mal temos tempo de verificar cada uma delas. Parece uma chaleira que começou a ferver jogando a tampa para o alto e deixando o vapor sair para todo lado. Veja só, o representante do Vaticano imediatamente declarou que o Pe. João jamais tomara posse de qualquer coisa referida pelos palestinos. Os israelenses acusaram os palestinos de criarem uma cortina de fumaça para acobertarem suas ações terroristas e negaram qualquer participação no episódio da morte do padre. Aí, há uns dias, recebi de um contacto a informação de que realmente existe tal relíquia e que ela pertence à Igreja Ortodoxa Síria. Procurei os chefes da Igreja local, para onde estamos indo, e pressionei para que confirmassem a história. Inútil. Foi quando o Nicolau me deu a informação sobre os padres ortodoxos no Rio. Assim eu consegui esta entrevista quando disse os nomes dos dois.

- O Cleto Peixoto, o jornalista. Eu lhe contei. - ajuntou Nicolau e Mariana aquiesceu com a cabeça e perguntou:

- Mas que relíquia é esta? E o dinheiro que disseram que havia sido perdido. Há o fato de que o Rachid tem um pecúlio milionário na Itália. A D. Fádua mostrou prá D. Munira os extratos. É muito dinheiro.

Abu não sabia deste detalhe e imediatamente seus sentidos se aguçaram. Se Nicolau sabia, e era óbvio que sim, e não dissera, então a informação era preciosíssima. Talvez Mariana tenha cometido alguma indiscrição. Ficou calado o tempo suficiente para que Nicolau se apercebesse da situação. Aquela era uma informação que ele guardara para um momento posterior mas já que fora tão intempestivamente revelada o melhor seria esclarecer tudo. Mariana, que já começava a ficar perita em entender as nuances do jeito de Nicolau, também entendeu indiscrição involuntária que cometera. Nicolau foi rápido:

- Sim, tem este dado, embora somente D. Munira é que tenha visto, ou pensou que viu. A gente não conhece bem a D. Fádua. É melhor ser cauteloso em divulgar certas coisas pois temos de pensar no garoto, isto poderia expõe-lo ao perigo.

Abu entendeu o recado mas ficou satisfeito que Nicolau não tivesse tentado encobrir a

informação. De certo modo ele estava correto e Abu provavelmente teria feito o mesmo, o que não correspondia exatamente às suas tendências de personalidade. Resolveu responder a Mariana sem referir-se ao dinheiro:

- Não sabemos exatamente o que possa ser. Em Jerusalém quase tudo é relíquia. Há um próspero comércio disto por aqui. Pode-se comprar um pedaço da cruz de Cristo em qualquer esquina, tanto que, se juntarmos todos, já deve corresponder a uma floresta.

- Como na história do Eça, “A relíquia”. Completou Mariana.

Esta pequena intervenção obrigou-os a contar de forma resumidíssima o enredo do genial romance de Eça de Queirós, o que agradou muito Abu, que afirmou:

- É isto mesmo, preciso ler este livro, deve ser muito bom. É sempre assim, as pessoas querem por tudo ter algo original e precioso para sua fé e acabam nas mãos de vigaristas. Quando se fala em antiguidades, aqui, todo ceticismo é pouco.

## 24

Os três foram recebidos com muita cortesia na Igreja de São Marcos. Padre Gamal, antes de leva-los à presença do Bispo Ignatius fez a vontade de Mariana, e conduziu-os a um breve rodada turística pela Igreja, recheando a visita com histórias sobre o templo. Mariana se deliciava.

O Bispo Ignatius era um homem de semblante severo que contrastava com suas maneira suave de falar. Deixou-os à vontade, ofereceu-lhes chá e bolinhos e até abençoou os recém casados, no que Mariana considerou uma delicadeza extrema. Nicolau agradeceu mas achou demagogia do religioso.

Coube a Nicolau abordar o assunto. Fez um breve histórico da situação para os dois, Bispo Ignatius e Padre Gamal, e em seguida relatou o episódio ocorrido na Igreja de São Nicolau na rua Gomes Freire. Abriu uma pasta e entregou-lhes as cópias dos documentos de identidade dos dois padres ortodoxos e uma transcrição da conversa havida na ocasião, algo que nem Mariana sabia que ele tinha. Discretamente disse para ela:

- Eu tenho a tradução no hotel. Depois eu explico.

Os religiosos leram o documento, que fora propositadamente resumido, entreolharam-se, conversaram baixo entre eles até que o Bispo falou, em árabe:

- Este é um assunto de tal forma delicado e importante, não só para nós, mas para toda a humanidade, que me permito revela-lo somente diante da iminência do assunto vir a público de maneira conspurcada.

O ambiente estava eletrizado, assim sentia Mariana. Ela ouviu todo o relato do Bispo sem entender uma só palavra, mas procurava captar cada expressão facial ou trejeito dos circunstantes. Sentia-se embriagada pelo surrealismo da situação. Ela não era a defensora pública da justiça do Rio de Janeiro, entrando e saindo das delegacias, defendendo a escória da sociedade num gesto quase quixotesco de compromisso social, acreditando que poderia levar a justiça e a civilização àquela massa de desvalidos e injustiçados. Não era aquela que acreditava na supremacia da razão e que o caminho para a melhoria moral e espiritual era o trabalho árduo contra as discriminações de todo o tipo. Mariana era uma criatura abduzida da realidade e levada para um mundo alienígena, que não existia senão na sua imaginação, onde o que é mágico é trivial e a vontade é dirigida por deuses desconhecidos. Mariana achou que caíra num livro de história antiga.

O que ela ficou sabendo, depois, quando Nicolau teve de repetir inúmeras vezes, detalhe por detalhe, o diálogo deles com os Bispo, foi uma história que confirmava sua atual vivência num mundo fantasioso.

### **Assim falou o Bispo Ignatius.**

*Em 1947 o venerável metropolitano Athanasius Yeshue Samuel, da Igreja Jacobita síria, do Mosteiro de São Marcos, na velha Jerusalém, onde segundo a tradição, teria ocorrido a última ceia, adquire rolos de manuscritos encontrados por beduínos em cavernas à beira do mar morto. Tais manuscritos ficaram conhecidos como "Manuscritos do Mar Morto".*

*Segundo a história, durante a guerra pela independência de Israel, que ocorria na ocasião, o metropolitano entregou os papéis, em maio de 1948, a um padre de sua congregação o irmão Butros Sowmy, para que este os guardasse em segurança fora da palestina.. Assim que cessaram os conflitos o metropolitano recuperou as relíquias e vendeu-as aos americanos tendo ele mesmo se mudado para os E.E.U.U. O irmão Butros morreu durante um bombardeio que atingiu a igreja de São Marcos em Jerusalém.*

*Butros ao esconder os documentos entregou-os à sua própria irmã, que morava fora de Jerusalém em um local longe do conflito. Com a morte de Butros, o metropolitano procurou-a para ter os pergaminhos de volta, no entanto, ela deixou de devolver um dos rolos, conforme revelou ao filho Jamil, pouco antes de morrer em abril de 1991. Fizera aquilo, disse, pensando que em caso de necessidade poderia vendê-los para salvar a família. Guardou total silêncio todos aqueles anos, em parte envergonhada pelo que considerava o maior pecado de sua vida. Nem mesmo seu marido, que morreu pouco depois, quando Jamil ainda era uma criança, soubera o que ela havia feito. Jamil, após a morte da mãe, tomou posse dos manuscritos e ao abri-los percebeu que deveriam valer muito dinheiro pois, sabedor das histórias sobre os pergaminhos do Mar Morto, teve certeza de que aquele era um deles. O pergaminho estava em excelente estado de conservação.*

*Jamil nesta ocasião militava num grupo radical de ativistas palestinos, tendo sua cabeça sido colocada a prêmio pelos israelenses.*

*O grupo a que pertencia fora parcialmente desmantelado pelos serviços secretos judeus e muitos foram presos ou mortos. Acuado e com um filho pequeno e mulher para criar decidiu vender aquele manuscrito e com o dinheiro financiar a fuga de sua família e alguns companheiros para local mais seguro.*

*Contou seu plano aos companheiros, à mulher e começou a negociar com um contato - que lhes vendia armas - e que de fato pertencia à máfia americana. Cortou uma fatia do manuscrito, como prova, e vendeu-a aos comerciantes. Pouco depois a máfia concordou em pagar-lhe o que pedia, US\$ 1.000.000.*

*Acertaram a troca para um determinado local, data e hora em setembro de 1991. Na ocasião houve um imprevisto, pois a espionagem israelense, interceptou a informação e irrompeu durante a barganha. Houve troca de tiros e Jamil foi ferido gravemente tendo conseguido escapar levando consigo o manuscrito e o dinheiro da máfia, cujos representantes foram mortos na hora.*

*Jamil, antes de morrer encontrou-se com sua mulher, Samiha, deu-lhe o manuscrito, o dinheiro e pediu-lhe que fugisse com o filho. Ela achou que teria poucas chances de escapar com o filho Rachid, pois certamente iriam procurá-la atrás do documento. Resolveu entregar o filho ao Pe. João que conhecera através da obra "Os pequenos cristãos da Palestina" à qual regularmente ajudava.*

*Em outubro de 1991 deu-lhe os pertences do menino Rachid, então com 8 anos de idade, e entre eles, os manuscritos. Samiha, contou tudo a uma prima, fiel de nossa igreja, antes de desaparecer e até hoje seu paradeiro é desconhecido. Bem como o dinheiro. Assim pudemos deslindar a história.*

*Acreditamos que Pe. João abriu os rolos e admirou-se com o que encontrou. Ele era um erudito em línguas arcaicas, e deve ter reconhecido imediatamente que eram parte dos manuscritos*

*do Mar Morto,. Desde então nunca mais se soube do manuscrito.*

*Algum tempo depois, o Pe. João começou a ser investigado pelos serviços de segurança de Israel e viajou para o Brasil, via Roma, em maio de 1992.*

*Talvez tenha contado a história para o Vaticano. Talvez tenha entregue os rolos à Santa Sé. O certo é que jamais voltou para a Palestina.*

*Agora sabemos que o serviço secreto israelense tinha uma agente brasileira recrutada para aproximar-se do padre João. A máfia com certeza o seguia também.*

*Acreditamos que os judeus ou a máfia mataram o padre para roubar os manuscritos, portanto, se for o caso, é plausível que Roma não os tivesse. Por isto mandamos nossos irmãos Jorge e Mehri ao Rio de Janeiro para investigarem o caso. O manuscrito continua desaparecido e por direito ele nos pertence. Agora que o assunto veio a público falaremos abertamente, para mostrar que não estamos implicados na morte do Pe. João, a quem conheci e muito prezava.*

Os dias que se seguiram foram de puro deleite para Mariana, entregue totalmente ao sonho. Achava que assim que tocasse o solo do Rio de Janeiro seria como o acordar de um longo sono. Nicolau desdobrava-se em cortesias, agora auxiliado por Abu Ahmed que virara um companheiro inseparável, à vezes até em exagero. As manchetes dos jornais ferviam com as notícias sobre o caso. Era agora uma questão de estado, saber que fim levou o manuscrito, a quem realmente pertencia, e mais, haveria realmente um manuscrito? Faltava a prova material. O único fato concreto era o assassinato do padre João, assunto ainda não resolvido. As autoridades acusavam-se mutuamente, judeus, palestinos, católicos, ortodoxos, e, aos poucos aquele episódio reacendia velhas rivalidades que passavam para o primeiro plano na disputa.

Nicolau percebeu que o assunto havia se esgotado em Jerusalém. Quem realmente poderia solucionar o problema permaneceria calado. E não havia mais pistas a serem seguidas. “Talvez, se descobrissem Samiha, caso ainda estivesse viva, ou, se acontecesse algum fato novo...”, assim pensava Nicolau quando percebeu que seu instinto lhe dizia para voltar rápido para o Rio de Janeiro.

Mariana fez a viagem de volta como uma espécie de reentrada no mundo real, aos poucos, readquiria seus parâmetros de julgamento. Repensava os fatos dos últimos dias em relação à vida que deixara em casa. Havia muita coisa para sopesar, principalmente sobre o seu “casamento” com Nicolau. Não estava intranquã, confiava nele afinal, só não queria alimentar esperanças inconseqüentes.

## 25

O deputado Carlos Carocino chacoalhou a mão de Paolo Nocce, daquele jeito peculiar, como se tentasse desmembra-la. Considerava isto uma forma de demonstração de apreço. O italiano era um homem forte mas não pôde deixar de sentir suas juntas estremecerem. Marcos Ferrua, o “Beiçola” saudou o visitante e todos se ajoelaram em torno da mesa à beira da piscina da casa de Carocino. A conversa fluiu mas a tensão que pairava naquele encontro aumentou. Nocce foi enfático:

- O Sr. Vincenzo está muito aborrecido. Toda este caso redundou numa enorme confusão. Ele perdeu muito dinheiro. É preciso apagar esta má impressão.

- Ele sabe exatamente o que ocorreu? - Perguntou Carocino, e antes que Nocce respondesse continuou - Ele não pode estar aborrecido conosco. Fizemos tudo certo. O erro não foi nosso, a informação que nos deram estava furada. Nós é que nos demos mal.

- Mas não é o dinheiro de vocês que está em jogo. - Rebateu Paolo Nocce - O Sr. Vincenzo lhes pagou muito bem.

- Não vamos discutir isto agora. - Intercedeu Ferrua. - Não tem sentido. Entendo o desapontamento do Sr. Vincenzo, e tenho certeza que ele entende a nossa situação. Se temos realmente de continuar agindo, preciso saber com detalhes qual é a situação atual, tudo, mas tudo mesmo que vocês sabem. E será ao meu modo agora, ou então nada feito, estamos fora da parada.

- As coisas ficaram mais difíceis desde que revelaram a história do manuscrito. - Continuou Carocino. - Agora que sabem da nossa participação não vai demorar muito para ligarem uma coisa com a outra. Será necessário algo bem ousado, se quisermos recuperar aquele documento ou o dinheiro.

Paolo Nocce estava em grande desvantagem neste encontro. Deveria mostrar firmeza, fazer-se comprometer com o problema, mas não tinha alternativa se seus parceiros pulassem fora. Reconheceu intimamente que muitos erros foram cometidos e que a turma do Ferrua não tinha culpa, mas agora estavam todos no mesmo barco. Por isso falou:

- O Sr. Vincenzo me autorizou a fazer-lhes uma boa proposta, caso recuperem o material. Creio que isto mostra que ele julgou adequadamente a situação. Se pegarmos o manuscrito, todos ganham.

Ferrua sabia o que Nocce estava dizendo, havia um bom negócio em vista. Por isso continuou a conversa:

- Em primeiro lugar, temos de ter certeza que o tal documento existe de verdade, quero dizer o real, o original. Depois, com quem está e aonde? E mais, onde foi parar o dinheiro? Dependendo do que você me responder iremos em frente. Então?

Paolo Nocce mesmo não o dizendo explicitamente aceitaria fazer as coisas do jeito de Marcos Ferrua e respondeu:

- O documento existe. Tivemos um pedaço dele, como amostra, e fizemos uma cuidadosa verificação de autenticidade. Usamos o pedaço para interessar um grande comprador, que aceitou a oferta. Este comprador não se enganaria. Quanto ao local aonde ele está e com quem, aí começa a confusão. Depois que o perdemos em Jerusalém não temos certeza onde está.

Não está com os palestinos, isto todo mundo agora sabe. Não está com os judeus que continuam a procura -lo desde o fiasco daquele dia em que o padre foi apagado. Isto um erro, no meu entender.

- Vocês mandaram.... - ajuntou Ferrua.

- Tudo bem, confiamos no melhor serviço secreto do mundo, eles também achavam que o padre ia levar o manuscrito para a mulher naquela noite.

- Se fossem tão bons nós não os teríamos espionado. - Outra vez, Ferrua. Nocce deu de ombros e continuou:

- Nós temos a cópia que o padre levava na bolsa, logo ele teve acesso ao original. Resta saber onde o guardou.

- Pode ter entregue ao Papa. - conjecturou Carocino. - Ficou com uma cópia. Ele era padre, não é? Acho que acreditava que podia ir para o inferno.

- Pode estar lá agora. - Interrompeu Ferrua. - E daí quer dizer que não entregou nada pra Igreja.

- Como falar com o diabo e perguntar pra ele sobre o padre não é possível, só nos restam poucas hipóteses. - Retomou Carocino. - O manuscrito original estava com o padre e ele pode ter entregue pra Igreja, ficado com ele e morrido com o segredo, ou falado pra mulher. São as possibilidades.

- Mas foi ela quem informou ao Mossad que ele levaria o original naquele dia, logo, porque faria isto se já sabia onde estava? - Perguntou Nocce.

- Nós pensamos nisto várias vezes. Tem alguma coisa errada nesta história e eu acho que foi quando nós nos fodemos. O padre não era bobo, não ia ficar por aí andando com algo que valia milhões, e ele sabia disto mais do que ninguém. Como aquela informação chegou a vocês? - Indagou Carocino.

Paolo Nocce relutava em contar mas por outro lado precisava do apoio do deputado:

- Não estou autorizado pelo Sr. Vincenzo a dizer... Mas vou confiar em vocês, e espero que compreendam as implicações caso saibam que falei... Temos alguém que estava em excelentes condições para dar esta informação. É só o que eu posso dizer.

Tanto Ferrua quanto Carocino entenderam o recado e, perceberam que eles mesmos poderiam estar sendo vigiados. Entreolharam-se e, em seguida, Ferrua continuou o raciocínio que faziam, não dando tempo para que pairasse algum constrangimento.

- Então, tá aí a origem da mancada. O cara de vocês não estava em tão boa posição assim.

- É uma possibilidade que consideramos. - Respondeu Nocce. - Então, neste caso, os judeus também foram enganados.

Ferrua imediatamente entendeu que o informante deles estava dentro da equipe israelense, e continuou:

- Então, quem deu a informação errada a eles foi a mulher. Mas porque?

Houve um silêncio que durou um minuto, mas pareciam horas até que Carocino respondeu olhando para Paolo Nocce:

- E se os judeus já sabiam onde estava o manuscrito e como rouba -lo, e que também tenham descoberto que estavam sendo espionados por nós, afinal este é o serviço deles. Daí deram uma dica propositadamente errada. O padre foi assaltado e mesmo que a gente não o tivesse matado eles o teriam feito. Poderiam estar vendo tudo naquela noite.

- Porque fariam assim de forma tão complicada. Bastava levar o manuscrito e nem precisavam apagar o padre.

- Sei lá, para botar a culpa na gente, como nós fizemos, prá incrimina -los.

- Não o Mossad. Eles não agem assim. Eles também se enganaram. Nosso contacto é muito confiável, ele confirmou o equívoco, foi a amante do padre que deu a informação errada. Não creio que pretendessem apagar o padre. Eles só fazem isto em situações muito especiais, como no caso dos árabes que mataram a delegação de Israel nas Olimpíadas de Munique. Lembram? Foram todos executados, um a um.. Realmente, cabe perguntar se ela também teria se enganado.

- Se não foi isto, então, ela e o padre queriam dar um “banho” nos judeus. Entregavam a cópia, melhor do que nada, alegariam que o padre havia entregue o original pra Roma e ficavam com ele. - Concluiu Carocino.

- Seria possível isto? - Ferrua perguntou a Nocce, que depois de pensar uns instantes falou:

- Fazer isto com o Mossad.... hum.... muito arriscado.

Carocino entusiasmou-se com a própria teoria:

- Mas é claro. Nós estamos vendo só o lado dos negócios. Os dois eram cientistas, apaixonados, com um tesouro arqueológico nas mãos. Não precisavam vender nada. Ficariam famosos só com a tradução. Eles estavam juntos e ela precisava se desligar do Mossad de algum jeito. Para os judeus, ter a prova que o manuscrito existia e uma cópia fiel já compensava o esforço. Os dois pombinhos fizeram um pacto e dariam uma volta nas suas vidas, É claro, é claro, ela sabe onde está o manuscrito!

- Neste caso, os judeus já devem ter chegado a mesma conclusão. - Nocce ponderou, e Ferrua

completou:

- Se for verdade não vão largar do pé dela.

- Ainda assim podemos seqüestra -la. Pediremos o manuscrito e o dinheiro. Pelo menos o dinheiro eles dão. Porque tem o escândalo. Poderíamos dizer que compráramos do padre uma cópia do manuscrito, e estávamos negociando o original para um grande comprador, quando os judeus souberam disto pela mulher, roubaram o original, mataram o padre e agora a mulher dele. Queima de arquivo.. Mas isto é muito arriscado, esta mulher deve estar com guarda costas até no banheiro. Temos gente de olho nela. Mas, é preciso pensar em outra saída. Caramba, estou com fome. Vamos comer? - Sugeriu Carocino.

## 26

Raquel viu-se confinada naquele pequeno apartamento, tendo de dividi-lo durante o dia com um agente do Mossad. Mesmo a noite, quando ele se retirava, ela tinha certeza que havia alguém lá fora, vigiando. Istvan Zoko mentira para ela, não era apenas uma vigilância discreta, eles a tinham como prisioneira. Raquel sabia porque. O manuscrito, eles queriam o manuscrito mais do que qualquer coisa no mundo. Estes pensamentos faziam-na ter medo, muito medo, do que poderia vir a enfrentar. Sua auto confiança deixara de existir e por conseqüência a fé no semelhante. O mundo era um lugar hostil. Pouco a pouco o desespero tomava conta de sua alma. Procurava forças pensando no filho, mas mesmo assim não se aquietava. Inerte, não conseguia pensar numa saída para aquele pesadelo. Dali a alguns dias seria levada para um destino obscuro, ficaria inteiramente à mercê de seus captores. A única garantia que tinha era que eles achavam que ela sabia onde estava o manuscrito, se eles descobrissem a verdade, sua vida não valeria mais nada. Num último esforço de vontade discou um número de telefone.

Iasmina, foi quase voando para o Alepo, chegando quase ao mesmo tempo que Raquel. Deu ordens para que Rodolfo ficasse atento, uma ordem redundante, e levou Raquel para os aposentos do irmão nos fundos do restaurante. Raquel desabou em prantos. Passaram-se muitos minutos até que ela recuperasse o controle, quando então balbuciou implorando:

- Estou desesperada, você tem de me ajudar.

D. Munira trouxe o sempre disponível suco de maracujá, em cujas propriedades calmantes começava a crer. Abraçou gentilmente Raquel e disse-lhe palavras de conforto:

- Acalme-se, você está entre amigos. Faremos o possível para ajuda -la. Tome. Tome este suco, só um pouquinho. Assim... Bom.... Agora descanse um pouco, Iasmina lhe fará companhia, não é filha?

Raquel acatou as ordens de D. Munira, reclinou-se num sofá rasgado, como notou Iasmina, e passado algum tempo recobrou a compostura e falou:

- Não posso voltar para casa, eles irão me seqüestrar, sob o pretexto de me protegerem.

Sem saber exatamente a que se referia Raquel, Iasmina disse:

- Podemos chamar polícia... - Mas foi interrompida por Raquel:

- Não! Você não os conhece. Isto não vai impedi-los. Eu sou o alvo porque eles pensam que eu tenho o manuscrito.

Iasmina sentiu-se enrubescendo ao ouvir aquilo. Buscando o máximo de suavidade na voz perguntou:

- Que manuscrito?

Raquel ficou em silêncio olhando para o vazio. Iasmina preferiu não falar nada pois anteviu uma revelação importante, apenas pensava “Vamos Raquel, fala, fala.”. E Raquel começou a falar:

- O manuscrito é a causa de tudo isto. João tinha realmente o manuscrito, mas nunca me falou aonde estava o original. Dizia que quanto menos eu soubesse mais segura estaria. Que ironia! Mas isto foi no começo do nosso romance, depois, já estávamos tão apaixonados, que ele me disse que revelaria onde colocara a relíquia. Mas não houve tempo, mataram ele antes.

Ao dizer isto começou a chorar novamente. Iasmina então resolveu intervir para tentar ordenar o pensamento de Raquel e conseguir extrair aquela história:

- Vamos por partes Raquel. Comece desde o princípio, desde que você conheceu o Pe. João, prá eu entender o que se passa:

- Conheci o João em Jerusalém. Eu estava fazendo meu doutorado em arqueologia e línguas arcaicas. João proferiu algumas conferências na Universidade. Ele sempre fazia isto, era um dos maiores estudiosos do assunto, quer dizer, línguas arcaicas, hebraico, aramaico, tudo. Ele realmente era fantástico. Podia falar fluentemente nestes idiomas e num simples olhar de um documento traduzia quase automaticamente. Além disso seus conhecimentos de história eram assombrosos. Todos gostavam dele. Dava aula com um prazer tão imenso que contagiava a gente.

Iasmina pensou, “já ‘tava apaixonada desde aí”. Raquel continuou:

- Meu contacto com ele era esporádico, mas sempre eu arrumava um jeito de aborda-lo, fazer-lhe perguntas. Mas não era só eu, todos os estudantes o procuravam para pedir orientação, sobre teses, trabalhos, enfim, ele sempre procurava atender, era uma pessoa muito generosa e prestativa. O fato de sermos patrícios facilitava as coisas, senti que ele me tratava de um jeito especial, mais atencioso e menos formal. No entanto eu sequer pensava em ter um romance com ele, nem senti que ele estava se insinuando para mim, era um homem excepcionalmente educado. Foi então que houve aquele caso dos ativistas palestinos no qual ele se envolveu sem querer. Depois ele me contou como fora, mas na época tudo que eu sabia era pelos jornais. Então, o Pe. João foi embora de Jerusalém. Aquilo provocou muita especulação entre os estudantes, pois havia a acusação de que ele estaria envolvido até com contrabando de raridades. Eu nunca acreditei nisto mas, o fato é que por este ou outro motivo, ele foi embora e eu confesso que fiquei triste. Foi quando Istvan Zoko me abordou. Primeiro me convidou para dar aulas na escola do Mossad. Eu sabia o que era aquela escola, mas não me importei, pagavam bem e muita gente da Universidade dava aulas lá, afinal eu sou professora. Fiquei todo trimestre lecionando e durante este tempo Istvan sempre me cercava de gentilezas. Nada exagerado mas eu sentia que ele procurava me agradar. Eu era sempre convidada para as recepções da escola. Hoje eu sei que aquilo tudo era uma isca. Até que me fizeram o convite para juntar-me ao Mossad. Eu seria uma analista de informações, principalmente porque dominava muitas línguas, podia viajar com meu passaporte original, e, isto só descobri depois, pois não me contaram, eu era bonita e conhecia o Padre João. Aceitei, afinal, que mal teria? Além do mais aquele emprego me facilitaria muitas outras coisas na profissão, como por exemplo, ter acesso a documentos históricos antigos, livros raros, e pessoas influentes que me permitiriam participar de equipes arqueológicas locais. Com estas fantasias e promessas na cabeça iniciei meu treinamento de agente. Foram mais três meses. Um dia, Istvan, que nunca me perdia de vista, me chamou para um encontro na sala do diretor da escola. Lá estavam algumas pessoas que não conhecia, Istvan e o diretor. Fizeram uma apresentação formal e Istvan fez um prólogo explicando o motivo da reunião, e foi então que eu soube, pela primeira vez, do manuscrito. Quando me mostraram a cópia de um pedaço, e eu pude ler com clareza do que se tratava, vi que era um assunto muito sério. Aquela cópia foi encontrada com um dos mafiosos mortos no embate que se seguiu à invasão do local onde os palestinos alegadamente traficavam armas. Pelo que se apurou não eram armas que estavam sendo vendidas, mas o manuscrito inteiro, que não foi achado, nem o dinheiro, um milhão de dólares calculava-se. Um dos palestinos escapou, ferido, tendo sido

encontrado morto em outro local. A mulher dele entregou o filho para o Padre João e desapareceu. Aí percebi que eu era o assunto ali. Bem, é uma história meio longa, mas o fato é que resolvi aceitar a missão, não naquele dia mas dois meses depois. Deveria voltar para o Rio e aproximar-me de João com o objetivo de descobrir o que ele sabia do manuscrito. O emprego na Sinagoga era uma cobertura e o apartamento foi localizado de forma que eu pudesse ficar perto da Igreja de João e do trabalho. Istvan veio depois e passou a ser meu contacto.

Iasmina e Raquel foram interrompidas por D. Munira que trazia uma bandeja cheia de comidas e suco de maracujá. Discretamente avisou a Iasmina que Rodorfo queria falar-lhe:

- Vá que eu fico com a moça.

Rodorfo encontrou com Iasmina na cozinha do restaurante e falou:

- Depois que a dona chegou, apareceram dois caras estrangeiros ali, que perguntaram pro Mateus - que era garçom - se ele tinha visto uma mulher loura, bonita e mostraram até a fotografia. O Mateus disse que não, e me deu um aviso. Eles já comeram e tão fazendo fita prá não irem embora. Dá uma olhada, tão na mesa perto da porta, são dois branquetas e um é um coroa meio careca.

Iasmina pela janela de serviço da cozinha olhou os indigitados, mas não os conhecia. Dirigiu-se pro Rodorfo e falou:

- Fica de olho neles, se por acaso fizerem qualquer coisa diferente do que um freguês faz, você me chama. Não me vá ameaçar ninguém ouviu?

Rodorfo ficou resmungando alguma coisa e acenou positivamente com a cabeça.

Quando Iasmina voltou, encontrou Raquel conversando em árabe com D. Munira que parecia deliciada:

- Oh Iasmina. Ela fala tão bem o árabe, sabe até poesia. Porque você não trouxe ela antes aqui?

Iasmina resolvera não falar nada sobre os dois suspeitos, até que Raquel terminasse de contar a história. Sugeriu então para Raquel:

- Estava pensando umas coisas e acho que o melhor lugar pra você ficar é lá em casa. O Rodorfo vai conosco, prá reforçar. Você espera aqui até a hora de fechar e então vamos. O condomínio onde moro tem segurança até demais. Mando avisar na portaria pra redobrar o cuidado com quem quer que nos procure. Minhas roupas dão em você. Você dorme no escritório, tem até banheiro, é muito confortável. Depois a gente vê o que faz.

Raquel agradeceu e após combinarem alguns detalhes Iasmina pediu-lhe que continuasse a narrativa, no que foi atendida:

- O plano funcionou mais facilmente do que eu imaginava. Procurei por João sem dar nenhuma desculpa especial, simplesmente lhe disse que estava de volta. Passamos então a nos ver regularmente. Não precisei fazer nenhum esforço para ficar na companhia de João. Eu gostava dele cada dia mais. O emprego na Sinagoga, o apartamento na Praça da Cruz Vermelha tudo se encaixava perfeitamente nesta história de amor. Na verdade eu queria ficar perto dele. Todos os nossos gostos coincidiam. Tudo nele era gentil, atencioso, maravilhoso. Quando nos conhecemos sexualmente pela primeira vez eu concluí que aquele era meu homem. Fiquei, e ainda estou perdidamente apaixonada por ele. João me amava muito e não cansava de dizer isto. Foi o que melhor eu tive na vida. E o perdi para sempre.

Iasmina se emocionou com este relato e chorou junto com Raquel, que após enxugar as lágrimas continuou o relato:

- Um dia eu decidi contar-lhe a verdade. Foi quando descobri que estava grávida. Eu não suportava mais aquela situação. Já havia falado prá Istvan do meu envolvimento com João e de

como estava constrangida com aquilo tudo, mas o que eu não havia percebido, como percebo agora, era que Istvan desde o início apostara no meu romance com João. Quando lhe falei disto apenas reforçou sua decisão de seguir adiante. Istvan é um agente muito bom, muito hábil. Disse-me que não precisava me preocupar, pois o que eles queriam saber era se o Pe. João tinha ou não conhecimento do manuscrito. Desde que eu descobrisse isto minha missão estaria encerrada, contudo foi muito claro quanto a não revelar nada para João. Eu sabia, desde o treinamento, que esta era a pior transgressão possível. Istvan sempre me lembrava que eu assumira voluntariamente um compromisso e que se não os cumprisse as conseqüências podiam não ser boas. Estas ameaças foram me deixando desesperada.

Quando eu contei pro João tudo de uma vez, a gravidez, sobre eu ser agente do Mossad tive a maior surpresa de minha vida. Ele me abraçou, me beijou, disse que me amava e que não importava nada desde que eu tivesse certeza que o amava. Eu chorei de alegria. Ele me disse que no início, quando eu o procurei, ele chegara a conjecturar sobre a possibilidade, de eu ser uma informante para Israel, depois afastara este pensamento, portanto não era uma surpresa tão grande assim, então, disse, “É verdade, eu tenho o manuscrito”. Quando ouvi estas palavras senti tanto medo que ele percebeu de imediato e me falou, “Porque está tremendo de medo. Deixe-me contar-lhe o que houve”. Eu respondi que não, não queria saber de nada, queria largar tudo. Fiquei histérica. Aquilo era demais pra mim. João me confortou como só ele sabia fazer. Então me contou.

“A mãe do Rachid me procurou, era madrugada, tinha a criança numa mão e uma sacola na outra. Estava em pânico. Deixou-me com o filho e a bagagem, não me disse o que acontecera, desapareceu no meio da noite e nunca mais deu sinal de vida. O menino estava muito assustado de modo que procurei dar-lhe algum conforto e assim nos dias subseqüentes deixei-o que ficasse comigo, em meu quarto. Na sacola havia roupas, uma pasta que depois descobri serem documentos da criança e dois embrulhos bem amarrados. Levei algum tempo pra decidir abrir os embrulhos, pois ainda achava que a mãe apareceria. Há muitos casos assim lá. Eles levam os filhos para um lugar seguro e quando acham que o perigo passou retornam para busca-los. Foi o noticiário que me chamou a atenção. Eu conhecia Samiha, ela ajudava o orfanato regularmente, prestando serviços e até mesmo com dinheiro. Sabia quem era o marido dela embora não o tivesse visto senão rapidamente uma vez ou outra. Lá estava a notícia. Vi que o caso era grave e que cedo ou tarde a polícia viria me procurar. Decidi ver o que havia nos embrulhos. Tive a maior surpresa da minha vida. Num dos pacotes havia muito dinheiro, em dólares. Quando pude contá-lo havia setecentos mil dólares. Nunca vira tanto dinheiro em minha vida assim, de uma vez. Esta foi a menor das surpresas. Achei que o outro embrulho tinha mais dinheiro e quando o abri, envolto num lenço de seda a primeira coisa que vi foram palavras escritas em aramaico. Parecia um sonho. Pus-me a traduzir ali mesmo e percebi que faltava metade da primeira página e que fora cortada recentemente. Deduzi o que acontecera. Precisava identificar que documento era aquele, pois àquela altura pensara que houvera sido roubado. A polícia não apareceu logo, de modo que tive alguns dias para pesquisar. Aquele era um documento inédito. Roubado ou não jamais constara de qualquer catálogo conhecido. Poderia ser uma fraude? Mesmo sem garantir cem por cento eu jurava que não. Então me veio a dúvida. Se não fosse roubado, aquela raridade pertencia a Samiha, e por estar desaparecida, então pertencia ao Rachid. Se eu entregasse o material à polícia com certeza eles jamais o devolveriam a ela, ou ao menino. Se eu devolvesse somente o dinheiro, que era a mesma situação, eles iam querer o manuscrito - como poderia eu saber o quanto eles sabiam?

Resolvi ocultar este assunto até ter certeza onde andava a mãe do menino e o que exatamente ocorrera. Ao ser interrogado pela polícia percebi que era o Mossad quem me interrogava, e que eles sabiam da existência do manuscrito e do dinheiro. Não foram diretos mas me deram pistas para que eu falasse, se soubesse de alguma coisa. Mas eu não falei nada do que eles queriam, pois tive certeza que os rolos de pergaminho não eram deles, muito menos o dinheiro. Os dias que se seguiram foram muito difíceis. Eu precisava colocar o garoto em segurança junto com o dinheiro e os pergaminhos. A polícia rondava o orfanato. Mande os pergaminhos para Roma, pela mala diplomática da nossa embaixada, graças às boas amizades que tinha. O dinheiro saiu pela conta de um rico comerciante árabe, numa transação que o deixou um pouco mais rico. Faltava tirar o menino de lá. Um amigo meu da Cruz Vermelha conseguiu junto ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados um “Laisser Passer” para o guri. Mande-o para cá, logo que pude. Quanto a mim, não poderia permanecer lá depois destas transações, se algo fosse descoberto seria um escândalo e eu imediatamente preso. Fui para Roma, e aí de novo tive de tomar decisões difíceis. Pelo mesmo motivo que não dei os pergaminhos para os Israelenses não poderia dá-lo para o Vaticano. Tinha de manter tudo no mais absoluto sigilo. E assim o fiz. Aleguei aos meus superiores que era arriscado continuar em Jerusalém pois poderia ser alvo de maledicências, como de fato começavam a ser ditas pela imprensa, em torno de um suposto envolvimento meu com os palestinos. Não foi difícil convencê-los. Àquela altura eu já transgredira muitas regras para voltar atrás. O manuscrito original está em local seguro e eu tenho cópias muito boas preparadas por um fotógrafo, amigo meu, que costuma fazer este tipo de trabalho com documentos raros. O dinheiro eu apliquei num banco italiano num pecúlio em nome do Rachid, de modo que sua nova família não terá problemas em mantê-lo pois recebem mensalmente uma bela quantia. Aí está. Se você quiser pode contar tudo para os Israelenses. De pouca valia terá esta operação já que mesmo que eu diga onde está o original eles não poderão obtê-lo, e o dinheiro, é do menino, não há como mudar esta situação. Mas se eles quiserem eu dou uma cópia do manuscrito, em troca de sua liberação desta tarefa. É melhor do que nada. Quando eu descobrir a quem pertence de fato este manuscrito juro que o devolverei. Quem sabe o Mossad não descobre?”

Iasmina estava estupefata com o relato. Aquilo esclarecia muita coisa. Pensou o quanto seu tio Nicolau gostaria de ter ouvido Raquel. Faltavam poucos dias para ele voltar, mas que surpresas teria. Havia algo faltando naquele relato, Iasmina perguntou:

- E o que vocês decidiram?

- Depois de alguns dias conversando e revirando todas as possibilidades achei que a sugestão dele era a melhor, exceto pelo fato de que não concordava que ele dissesse que ainda estava de posse dos pergaminhos. E argumentei, “Porque não podemos dizer que você entregou ao Vaticano? Faz sentido, você é padre. Fiel à sua Igreja.” João ficou calado e respondeu, “Padre ainda sou, mas não fiel à minha Igreja. O Vaticano acabará sabendo da história e minha carreira eclesiástica estará terminada. Além do mais tem você e nosso filho. Eu já me decidi e pedirei dispensa de meus votos religiosos. Se não me derem, estou pronto até para ser excomungado. Só não posso perde-la. Sendo assim, já não me preocupa mais outra mentira, se é para tirar-nos deste pesadelo. Diga para eles que o original está trancado no Vaticano que não o dará aos judeus, nem que seqüestrem o Papa. Um Papa você pode substituir, aqueles pergaminhos não”. Assim eu fiz, conversei com Istvan e passei-lhe a história que engendrâramos. Ele não ficou muito contente mas concordou com a proposta. De fato não poderia ter agido de outra forma. Tudo parecia tão lógico, e para ele seria uma vitória, mesmo que chegasse em Israel com uma cópia, a única cópia existente. Chegamos a comemorar, eu e João, e fazíamos tantos planos. Acertamos os detalhes e ficou combinado que no dia de São Jorge, após os festejos, que João se comprometera a ajudar, ele levaria as cópias até a

minha casa e eu as entregaria a Istvan.

Raquel neste momento foi ficando tensa, com os olhos cheios d'água, e com a voz embargada completou:

- Alguém soube do plano. Mataram João para ficar com a cópia. Seria o próprio Istvan alguém tão cruel assim, quem mais poderia saber dos nossos planos?

- Você chegou a acusa-lo?

- Não, ele mesmo jurou para mim que tinha havido um vazamento da informação. Ele acha que há alguém infiltrado no grupo, só não sabia se aqui ou em Jerusalém.

- Você acredita nele?

- Não sei. - disse Raquel já chorando. - Não sei de mais nada, não confio em mais ninguém. O que vale a minha vida agora? Oh João, meu amor, porque o tiraram de mim?

Iasmina não sabia o que dizer. Olhou de um lado para o outro dos aposentos e acabou por decidir-se a oferecer mais um copo de suco de maracujá. Vinha funcionando.

## 27

Padre Lupércio juntou todo o dossiê do Padre João, que já compunha um volume considerável, separou alguns recortes de jornais escritos em árabe, um relatório que acabara de redigir e dirigiu-se para o gabinete do Cardeal. D. Carmine já lá se encontrava. O Cardeal determinou aos seus auxiliares que não queria ser interrompido em nenhuma hipótese, aliás uma única, se o Sumo Pontífice ligasse para ele. Mandou que todos se retirassem exceto D. Carmine e Pe. Lupércio, fechou ele mesmo a porta de seu escritório e deu início a reunião:

- Rezemos o padre - nosso. Pater noster qui est in coeli... Amen. O padre Lupércio tem algo a nos dizer?

Lupércio conhecia aquele tom de voz, era sinal de problemas. D. Carmine continuava com o mesmo ar enfiado das últimas semanas, alheio aos acontecimentos e reclamando do calor. No entanto Lupércio, que o conhecia um pouco melhor agora, sabia que parte daquela atitude era artificial. D. Carmine era um verdadeiro radar. Fingia-se enfadado e desinteressado, mas devorava as notícias e relatórios com enorme apetite, mas sempre às escondidas. D. Carmine era uma pessoa dissimulada e isto não agradava Lupércio. Durante todo o tempo que estivera ali D. Carmine não acrescentou uma única informação relevante ao caso, não emitiu praticamente nenhuma opinião. Desconversava, disfarçava e ouvia. Por isso Lupércio antegozava o que viria:

- Eminência, este é o meu relatório sobre os acontecimentos dos últimos dias, inclusive as notícias da imprensa internacional. Se me permite passarei a lê-lo. - Sua Eminência aquiesceu - Pois bem...

Lupércio seguiu adiante e à medida que ia relatando os fatos registrados pela imprensa, a partir das declarações do Bispo Ortodoxo de Jerusalém, D. Carmine começou a ficar vermelho. O relato de Lupércio foi curto mas incisivo. Quando Lupércio terminou, o Cardeal dirigiu-se para D. Carmine e falou:

- Monsenhor, o quanto o Vaticano está envolvido nisto?

D. Carmine estava num beco sem saída. O Cardeal era um homem muito poderoso junto à Santa Sé; junto ao próprio Papa. A pergunta fora objetiva, o que Sua Eminência queria saber era até onde Sua Santidade fora informada das implicações do caso. D. Carmine não era um emissário papal, como a imprensa noticiava, ele era sim um emissário da Secretaria de Estado do Vaticano para acompanhar as investigações sobre a morte do Padre João. D. Carmine era também membro destacado da Escola Bíblica Católica na Síria, que, fora cursos de teologia, desenvolvia uma

respeitável atividade de pesquisa arqueológica. Por trás da Escola estava a Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja, cuja missão era tutelar o patrimônio histórico e artístico de toda a Igreja. A comissão era autônoma de modo que as suas decisões, mesmo subordinadas ao Sumo Pontífice, não necessariamente ou imediatamente, eram levadas ao Papa. O Cardeal tinha conhecimento disto e exatamente esta independência lhe veio a mente quando leu o relatório do Pe. Lupércio. D. Carmine podia mentir, ou dissimular como era sua especialidade, mas percebeu que a situação estava fora do seu controle. Tentaria ganhar tempo, mas logo entendeu que não contava mais com a simpatia do Pe. Lupércio, o que dificultaria suas manobras. Nestas horas D. Carmine tinha de se superar na arte da dissimulação. O menor problema de D. Carmine era este, o pior era que não sabia até onde o Pe. Lupércio descobrira da verdade.

- Bastante envolvido, Eminência. Este é um assunto da mais alta prioridade e seriedade, por isso fomos tão parcimoniosos em revelar seu conteúdo. Todo cuidado é pouco.

O Cardeal continuou a olhá-lo, em silêncio. O ambiente foi ficando cada vez mais tenso. Lupércio sabia como o Cardeal agia, e ficou curioso em ver como D. Carmine se safaria daquele silêncio constrangedor. D. Carmine custou a perceber que deveria continuar a falar até satisfazer o Cardeal, ou permanecer em silêncio a espera de uma decisão, que no caso, dava prá ver, seria um bilhete de volta para Roma no primeiro avião, e isto significaria o fracasso da missão. O problema de D. Carmine era revelar a verdadeira missão. O silêncio prolongava-se enquanto D. Carmine pensava no que fazer. O Cardeal olhava fixamente para o prelado italiano mantendo as mãos cruzadas sobre a mesa. Lupércio conhecia o sinal, enquanto as mãos estivessem entrelaçadas sobre a mesa a provação de D. Carmine não terminaria. D. Carmine ora buscava o olhar de Pe. Lupércio, que mirava as próprias mãos, ora voltava-se para o apunhalante olhar do Cardeal. Quanto mais tempo durava o silêncio mais difícil ia ficando para D. Carmine dizer alguma coisa. Era como ter os pensamentos devassados e expostos publicamente. Mesmo acostumado a lidar com situações difíceis, para D. Carmine, aquele homem taciturno prestes a admoestá-lo por um pecado, começou a incomodar. Fez menção de falar algumas vezes mas conteve-se. Não podia falar nada errado pois todos seus planos ruiam. Foi quando pensou isto que percebeu que o fato já ocorrera. Era evidente, o Cardeal conversara antes com Roma e estava ali apenas para testar o seu caráter. D. Carmine achou que fazia papel de idiota, tentando esconder o que já se revelara. Se assim era então só restava a ele salvar a própria reputação, e foi o que decidiu:

- Eminência, o que estou lhe dizendo é que fui instruído a agir com a maior discrição pois o que parecia uma coisa era outra e daí de equívoco em equívoco chegamos a este ponto, o que eu lamento muito, mas acho, e esta era minha pretensão, que ainda há o que salvar.

Padre Lupércio não podia deixar de admirar aquela enorme capacidade que tinha D. Carmine de falar sem dizer nada, e também a resistência em admitir os fatos diante de uma situação tão óbvia. O Cardeal não sabia tudo, mas o suficiente para perceber que D. Carmine mentia. Finalmente o enviado do Vaticano capitulou:

- Tudo começou em Damasco, quando fomos procurados por um comerciante de antiguidades que já nos conseguira muitas peças arqueológicas de valor. Ele mostrou-nos um bem conservado pedaço de pergaminho que continha inscrições em aramaico. Fizemos algumas avaliações da peça e concluímos que era autêntica, embora não pudéssemos datá-la com precisão. O mais interessante no entanto era o conteúdo das inscrições. Pela análise lingüística não havia dúvidas que tinha ligação com os manuscritos de Wadi Qumran, mais conhecidos como “manuscritos do mar morto”. O trecho traduzido continha o início de um relato apócrifo sobre a vida de um tal de Yeshu da comunidade de Qumran. Claro que se houvesse mais daquele manuscrito estaríamos interessados, mas o preço pedido era muito alto, mais a mais, queríamos garantias sobre a autenticidade do resto

daquele pedaço. Depois de muitas negociações chegou-se a um preço aceitável e foram estabelecidas as regras para a compra. Teríamos algum tempo para nos certificarmos que a peça não era um fraude, e só então pagaríamos. A data foi marcada. Para obtermos o dinheiro recorreremos às nossas fontes próprias e pessoas interessadas, muito bem escolhidas. Guardamos o maior sigilo sobre a transação. Demos conhecimento à Pontifícia Comissão de que estávamos prestes a obter um importante documento religioso mas não adiantamos sua origem nem conteúdo. Pagamos pelo pedaço uma respeitável quantia, como uma espécie de sinal. Receberíamos o resto em algumas semanas quando teríamos de desembolsar o valor total. Foi uma operação muito difícil levantar os recursos por causa do sigilo que nos obrigáramos. Claro que nos preocupava o fato de que poderia haver alguma irregularidade no modo como aquele objeto fora obtido, mas isto é quase impossível de se certificar naquela região, onde volta e meia alguém tropeça numa raridade arqueológica. Consideramos que se a peça tivesse sido roubada de alguma instituição já teria sido denunciada. Não havia nenhum sinal de que isto ocorrera, principalmente para uma raridade daquelas. Julgamos que, se não arriscássemos a compra, o pergaminho poderia cair em outras mãos, menos cuidadosas e preparadas. De fato, achamos que fora uma dádiva do Senhor que tivéssemos sido procurados primeiro, sim, porque se fosse o que estávamos pensando, qualquer outro grupo jamais se recusaria comprá-los. O tempo foi passando, a data chegou, houve adiamentos atrás de adiamentos até que desistimos de esperar pois nossos patronos já se inquietavam. Ficamos com o fragmento e achamos que outra instituição fizera oferta melhor e levava a peça. Estávamos muito tristes quando começaram os rumores sobre o desbaratamento de uma facção de ativistas palestinos onde estaria havendo uma grande transação, etc., etc., vocês já sabem disto. Depois de investigarmos o caso, principalmente com nosso antiquário, tivemos certeza de que aquele grupo tentara vender o manuscrito para a máfia americana. A surpresa maior ficou quando soubemos que era a máfia quem nos oferecera o manuscrito, portanto eles estavam intermediando a venda e obviamente deveriam estar obtendo um enorme lucro. Desde então temos procurado saber do paradeiro do manuscrito, e obviamente nossas suspeitas recaíram sobre o Pe. João, pelos motivos que vocês já sabem. Quando soubemos de sua morte atinamos logo que teria a ver com o pergaminho. Por isto estou aqui, pois precisamos saber onde está aquela peça de inestimável valor. Não é apenas pela singularidade arqueológica que representa mas, pelo que antevimos escrito e suas implicações religiosas. Talvez seja muito perturbador o que aquele manuscrito tem a revelar. Lamento se não informei adequadamente desde o início todos os detalhes de minha missão, mas pretendia fazê-lo, tão logo estivesse a par do que realmente acontecera com Pe. João. Não posso dizer o quanto o Santo Padre teria de conhecimento desta missão, mas acho que meus superiores deverão ter julgado sobre este ponto mais adequadamente do que eu.

O Cardeal continuava em silêncio mas seu semblante ficara mais fechado. Lupércio considerou o Emissário definitivamente condenado aos olhos de Sua Eminência. Se havia alguma coisa que poderia levar o Cardeal ao pecado da ira era descobrir alguém no pecado da mentira. Dito e feito. Sua Eminência pediu secamente que D. Carmine se retirasse da sala. O religioso italiano saiu o mais rápido que pode, de certo modo aliviado de não precisar mais encarar o Cardeal. Pensou, enquanto se dirigia aos seus próprios aposentos, qual o menor tempo que poderia levar para arrumar as malas e dar o fora desta calorenta e perigosa cidade.

O Cardeal, ainda envergando um semblante severo, dirigiu-se ao Padre Lupércio:

- Prepare-me para amanhã um relatório bem detalhado, inclusive com o que D. Carmine acaba de revelar. Avise a ele que o quero pela manhã outra vez aqui em meu gabinete, e tente dissuadi-lo de sair da casa paroquial.

Lupércio trancou-se em sua sala e começou a escrever febrilmente o relatório pedido. Quanto

a D. Carmine, não teria de se preocupar, desde que o avisara sobre o próximo encontro com o Cardeal ele dirigira-se à capela e rezava fervorosamente.

## 28

O detetive Adamastor chegou à delegacia bem cedo. Tivera uma noite de conversa tensa com Marcos Ferrua, "o Beißola" e o ex-advogado deste, o prestigiado Deputado Carlos Carocino. Trazia um recado para o delegado, que o recebeu acrimoniosamente:

Com redobrada cautela Adamastor repassou a conversa que tivera com os dois eminentes representantes do crime organizado, entremeando com concordâncias às invectivas do delegado contra aqueles que formaram a mais formidável conspiração que alguém já sofrera. A paranóia tem suas regras e uma delas, talvez das mais necessárias, é da inteligência não ser afetada pois, é a matéria prima das ilações dos que sofrem daquele mal. O delegado Arlindo Feijó horrorizou-se com a conversa do Adamastor, mas como um policial experiente não demonstrou isto ao detetive - inspetor, apenas disse:

- Vou pensar nisto aí e pesar as conseqüências. Dê um sinal favorável a eles mas não confirme nada.

Adamastor saiu satisfeito pois fora, assim pensava, mais fácil do que parecia. Juntou-se, no fim do expediente, ao seu colega Camello e depois de umas doses de conhaque soltou a língua, algo incorreto para um policial tarimbado:

- Camello, tem uma parada da pesada "mermo", prá gente. Olha, vou te contar porque você é meu do peito. - e apontou para o coração. - O Dr. Feijó acertou no milhar, vai levar uma grana preta, e eu também levo o meu, aliás, nós levamos, amigo, pois afinal estamos juntos nisto não é?

Camello ouviu então a trama que os mafiosos urdiam, e contavam com a colaboração do Delegado Feijó e seus dois fiéis detetives. Ao final Camello não se conteve:

- Como é que é? Tô fora. Çê tá maluco? Com toda imprensa em cima, o negócio fedendo e 'çê vai meter a mão na merda?

- Calma, meu chapa, não tem sujeira prá gente não. Nós só vamos achar, morou, achar o local depois de uma denúncia anônima. Dois zelosos agentes da lei em estrito cumprimento do dever. Aí embolsamos dez milhas cada um. Moleza. Se sujar, o Dr. Feijó é que tem de responder pois afinal é ele quem mandou a gente ir lá.

- Ô Adamastor, e se der errado? A gente não vai valer nada.

- Ó qui, ô cara, se tá com medo eu fico sozinho. Tá falado? Eu é que não vou deixar de ganhar algum com isto. Num tenho medo de macho não!

Camello percebeu que seu amigo estava bêbado, tenso e inseguro com relação ao "apronto" que acabara de revelar. Também concluiu que se mantivesse sua posição de não participar da jogada estaria em má situação, sempre sob suspeita, portanto, mudou de conduta rapidamente:

- Tá legal... seguinte, apesar de achar que é fria, você é meu amigo... conta comigo. Vamos rachar esta grana, afinal, não vamos fazer nada mesmo. Só não entendo como é que vão convencer o Dr. Arlindo a entrar nessa, ou tem muita grana em jogo ou muita política, ou os dois.

- Certo. Tem de tudo, inclusive tem prá gente. Eu já falei com ele. Pareceu relutante em princípio, aí eu falei na grana, cinqüenta mil prá ele vinte prá mim, não falei em você. Certo? Então ele disse, "Dê um sinal afirmativo mas não confirme nada". Ha! Ha! Tá no papo.

- Você confia nele?

- Nem um pouquinho assim. Ha! Ha! Ha! Mas o que ele vai fazer? Tá fodido, cara. No desespero.

Adamastor terminou a noite sendo levado para casa completamente embriagado. Camello ainda sóbrio teve soturnos pensamentos sobre aquela conversa. Concluiu que precisava de fazer alguma coisa para se livrar desta enrascada.

O Delegado Arlindo Feijó sopesou o que ouvira do Detetive Adamastor. Considerou que os mafiosos deveriam estar numa grande aflição para recorrerem àquele expediente, e que deviam ter julgado que o fiasco do caso “Cocada” o levaria a querer uma revanche. Estavam certos no geral, mas errados no particular. Feijó não abandonara as esperanças de reverter a sorte a seu favor. Aquele sentimento de que a qualquer momento teria a reparação pelas perseguições que vinha sofrendo condensou-se naquele instante. Aquela oferta era o sinal de que as coisas mudavam. Pensou, “ Estes idiotas se puseram nas minhas mãos e abriram meu caminho para a chefia de um departamento.” Assim como Ferrua e seus asseclas, Feijó também era audacioso e tinha um plano. Chamou Adamastor e em particular comunicou:

- Avisa pr’aqueles bandidos que está o.k., mas quero cinquenta na mão, agora, e mais cem depois senão, nada feito. O teu ‘çê combina com eles.

Adamastor achou que, afinal, o Dr. Feijó era um cara legal. Imediatamente procurou o Dr. Carocino e comunicou:

- ‘Tá feito por 200. O home é caro. O meu fica como o combinado. Tem que dar a metade prá ele agora.

Havia outros detalhes que Feijó exigira, para se garantir de uma traição. O que pediu o colocava no controle da situação e o deixaria bem qualquer que fosse o resultado do plano.

Carocino, que afinal não era um executivo de crimes não quis dar uma resposta imediatamente e preferiu falar com Beijola:

- Não acho muito seguro deixar que ele controle a operação.

- Ele não vai controlar nada. Se der errado ele fica com o mico e nós com o “preju”. Dos dois é melhor o “preju”. Não tentar nada é pior. Vamos arriscar . Manda a grana pro cara.

## 29

Quando Nicolau e Mariana deixaram o saguão do aeroporto, Iasmina os esperava. Festejaram-se. Durante o trajeto, Iasmina aproveitou um lapso de silêncio nas entrecortadas narrativas para comunicar:

- Tenho uma má notícia. Lamento mas preciso falar agora. O Rachid foi seqüestrado.

A notícia trouxe Mariana Salvador definitivamente para a realidade, dissipando aquela aura fantasiosa que a envolvera desde que chegara em Jerusalém. Nicolau deu um suspiro de desalento enquanto Iasmina continuava:

- Foi ontem à noite. Dois bandidos invadiram a casa de D. Fádua e levaram a criança. Deixaram instruções numa carta. O de sempre, não falar com a polícia ou a imprensa, aguardar contacto, ameaças, etc., etc. Ela apareceu lá no Alepo, desesperada junto com o “seu” Calil, o marido dela. Até a hora que eu fui pegar vocês ainda não tinha havido nenhum contacto dos seqüestradores.

Houve exclamações e resmungos de contrariedade de todos, mas na verdade cada um estava avaliando a situação para decidir o que fazer a seguir. Nicolau foi o primeiro a falar:

- Acho que o mais sensato agora é irmos para casa deixar as bagagens, relaxar um pouco da viagem e voltar a nos reunirmos dentro de algumas horas. Até lá não poderemos fazer muita coisa.

Será que a polícia já foi avisada?

Nem sonhar com isto – respondeu Iasmina – a D. Fádua e o seu Calil não querem de jeito nenhum. Mas vai ser necessário chamar a polícia, teremos de convence-los.

- Eu concordo com Nicolau. Estou fora de casa há dias, preciso ao menos falar com meus filhos.

- Sugiro que nos encontremos no Aleppo.

No Aleppo, na parte de cima do restaurante, excepcionalmente fechada para os fregueses, encontraram-se todos, inclusive D. Fádua, “seu” Calil e Raquel. Durante algumas horas foram repassadas e atualizadas todas as informações disponíveis. Iasmina e Raquel montaram um diagrama das pessoas e fatos envolvidos até ali. Concluíram que, obviamente, o seqüestro tinha a ver com o manuscrito e o dinheiro de Rachid. Faziam uma rápida avaliação de alguns daqueles personagens, quando Mariana interrompeu-as:

- Acho que estamos num caminho errado, devemos chamar a polícia que, mal ou bem, sabe lidar com estas coisas melhor do que nós.

Nicolau ponderou:

- Concordo com a Mariana mas devemos aguardar novo contacto dos seqüestradores. Talvez nos dêem alguma pista.

Nicolau não pensava nisto exatamente, mas um sexto sentido o advertia inconscientemente a aguardar.

Houve novo contacto com os seqüestradores, pelo telefone da casa de D. Fádua. Deram uma senha para a próxima chamada. D. Fádua deu-lhes o telefone e o endereço do Aleppo e pediu, instruída por Nicolau, que mandassem um sinal de que Rachid estava bem e isto foi tudo naquele dia.

No dia seguinte, até o fim da tarde nada acontecera exceto a consternação geral e as intermináveis discussões sobre o que fazer. Nicolau insistira que aguardassem mais um pouco para então chamarem a polícia. O difícil era manter a calma naquela situação:

- Vamos repassar os fatos mais uma vez para vermos se algo foi omitido... - Sugeriu Iasmina.

- Querida - Respondeu Nicolau - Já fizemos isto várias vezes hoje, não há mais nada que possamos acrescentar. Temos de aguardar, eles ainda não nos deram uma pista importante como por exemplo, o que eles querem como resgate. Ademais, pedimos uma prova que o Rachid está bem.

Todos suspiraram, o desânimo era geral. Nicolau temia apenas que houvesse algum sinal de pânico, como “botar a boca no trombone”, convocando a imprensa, que “seu” Calil ameaçara fazer.

O clima tornara-se muito tenso e Nicolau sentia que se não houvesse um fato novo logo a situação poderia tomar rumos imprevisíveis. Estes eram seus pensamentos quando o Delegado Arlindo Feijó entrou no Aleppo. Estava sozinho e aparentava calma. Sentou-se a uma mesa e ordenou ao garçom que lhe trouxesse um suco de frutas. Quando foi servido entregou um envelope ao garçom. Este dirigiu-se celeremente até D. Munira e entregou-lhe a carta. Ela abriu-a, leu seu conteúdo e ordenou ao garçom:

- Conduza aquele cavalheiro até o escritório do restaurante.

O escritório a que ela se referia era uma pequena sala anexa do segundo andar do restaurante onde ficava a administração da casa. Era um lugar muito apertado e repleto de papéis e caixas por todo lado. Ali o contador da firma lutava, uma vez por semana, contra a desorganização dos proprietários, no entanto os negócios iam bem. D.Munira ajeitou duas cadeiras onde pode e

aguardou o Delegado.

Dr. Feijó chegou ao escritório não sem antes notar o pequeno grupo que ocupava a parte superior do restaurante. Reconheceu imediatamente Iasmina, a Dr<sup>a</sup>. Mariana e Raquel. Seu aguçado senso persecutório teceu imediatamente as mais tenebrosas ilações, levando-o instantaneamente a um estado de espírito de rancor e desconfiança. Isto não o impediu de prosseguir sua missão conforme planejara. “Talvez”, pensou, “possa tirar proveito desta situação inesperada”. Cumprimentou D. Munira polida mas secamente e sem dar tempo a que a senhora falasse além das apresentações formais, encetou seu ato:

- Creio que a senhora deve estar abrigando pessoas de nomes Fádua e Calil, pais de um menino alcunhado Rachid. Gostaria de falar com eles privadamente, por favor.

D. Munira pediu licença, retirou-se e após algum tempo trouxe o casal que aparentava visível pânico. D. Fádua chorava da mesma forma que vinha fazendo a 48 horas e “seu” Calil ora enrubescia ora empalidecia, além de ofegar e suar profusamente. O Dr. Arlindo Feijó fitou-os com um ar sério mas amistoso, ao menos esforçou-se para tal, tentando disfarçar o seu sentimento real de profundo desdém pela dupla patética que o encarava. Falou-lhes da maneira mais cordial que pode:

- Senhores, eu sou o Delegado Arlindo Feijó, titular da 2<sup>a</sup> D..P. ali na Praça da República, e hoje pela manhã recebi um telefonema anônimo que me indicou um local onde poderia achar uma carta contendo instruções sobre um assunto muito sério, segundo o meu ignoto interlocutor. Eis a carta, que gostaria que lessem com a máxima atenção. Em seguida, peço que me contem o que sabem sobre este assunto. Estou aqui em caráter oficial, pois se for verdade o que aí está escrito trata-se de um crime muito sério.

A carta, lida entre soluços de D. Fádua e o resfolegar de “seu” Calil, estava escrita a máquina e em poucas linhas dizia do seqüestro do pequeno Rachid. D. Fádua já soluçava em estado de quase desespero e “seu” Calil não conseguia falar embargado pela emoção. Mesmo assim confirmaram o fato. O Delegado, vendo que não conseguiria acalma-los, chamou por D. Munira, que atendeu rapidamente. Passados alguns minutos, tendo já sido providenciado o miraculoso fresco de maracujá, e após o Delegado saber da peculiar circunstância que levava os dois desafortunados pais àquele restaurante, foi permitida a presença de Nicolau, que com sua eficiente diplomacia esclareceu a situação em parte e deixou o Delegado mais a vontade. O relato do casal não acrescentou muito ao que o policial já sabia, mas as explicações de Nicolau pareciam muito mais elucidadoras. Feijó foi inteirado dos detalhes do caso, inclusive as conjecturas sobre o paradeiro dos manuscritos:

- O Dr. Delegado pode estar se perguntando porque eu sei tanto sobre o assunto. Apresso-me em lhe explicar que, além das muitas e insondáveis coincidências que vêm ocorrendo neste “affaire”, eu sou correspondente no Brasil de um jornal palestino, o “Al Ayyam”, e como tal fui incumbido de fazer a cobertura do caso. Este episódio tem tido uma enorme repercussão por aqueles lados por todas as suas implicações políticas e culturais. Agora, com este seqüestro, não imagino o que possa acontecer.

Dr. Arlindo, nas suas mais intensas fantasias conspiratórias, jamais chegara perto de supor-se envolvido numa trama internacional. Isto lhe desencadeou uma frenética excitação mental que o fez quedar-se em silêncio contemplativo por alguns minutos após o término do relato de Nicolau. Durante aqueles minutos, que Nicolau sabiamente respeitou pois sua intuição assim recomendava, Arlindo Feijó sentiu o correspondente a uma epifania, uma revelação quase mística de que sua vida atingia a um zênite e que todos ali eram coadjuvantes do triunfo que o aguardava. “Quanto maior a glória, maior o perigo” concluiu seus pensamentos em sua lógica particular, mas falou:

- Sr. Nicolau, agradeço a sua colaboração e espero continuar contando com ela. Percebo também que o senhor tem uma grande influência sobre as pessoas envolvidas neste caso e também espero que me ajude a levar a bom termo esta lamentável situação. Devo levar este assunto aos mais altos escalões da segurança pública, mas até lá, rogo que todos mantenham a maior discrição. Como o senhor já deve ter percebido não estamos tratando com amadores, mas homens dispostos a tudo. Qualquer deslize e a vida do menino não valerá um níquel. No entanto, com a minha experiência percebo que talvez tenhamos tido uma sorte inesperada, que poderá ajudar a salvar o nosso infante.

Dr. Arlindo fez uma pausa estudada e um semblante ainda mais taciturno que o normal. Sua encenação já fazia parte de sua nova perspectiva de vida, recém-revelada. Nela, ele comandava a todos, nada poderia mais fugir ao seu controle, e embora todo cuidado fosse pouco, o destino estava traçado e não mais poderia ser mudado.

Nicolau, que não compartilhara daquele êxtase revelador, ainda assim percebia na atitude do delegado um desejo de que fosse instado a expor suas teorias, um anticlímax de suas belas idéias, por isto perguntou da forma mais respeitosa que pode:

- O Dr. nos dá então alguma esperança?

- Não posso asseverar desde já mas, esta carta que me veio às mãos é de um alcagüete.

- Isto quer dizer...

- Alguém que está por dentro da situação e não quer se envolver com ela. É muito típico, já atuei em vários casos assim. Mas é uma situação muito delicada e perigosa pois se o nosso informante se sentir ameaçado poderá se tornar um inimigo ainda pior do que os outros. Não posso revelar mais do que sei, mas tenha a certeza que não será a única informação que nos dará. Haverá de fato duas negociações aqui, uma com os seqüestradores e outra com o alcagüete, mas é absolutamente imprescindível que os bandidos não tenham a menor idéia que há um traidor entre eles. Creio que ficou claro que esta carta nunca deve ser mencionada, muito menos a minha presença. Tratarei deste caso pessoalmente e até que meus superiores dêem outras ordens, nada, absolutamente nada, deve transpirar destas paredes. Conto com a sua ajuda para esclarecer tais fatos aos pais da criança, e aos outros também. Devem aguardar que, com certeza, os meliantes farão contacto, e neste caso devo ser imediatamente informado. Os telefones serão grampeados, obviamente após autorização judicial que obterei. Mantenham ao menos duas linhas sempre desocupadas e preferencialmente em locais discretos e sem ruídos, caso não consigam, tentarei providenciar linhas adicionais, mas quanto menos gente estiver envolvida melhor. Eis meus telefones e quando forem tratar do assunto digam apenas esta senha que escrevi e aguardem que eu entro imediatamente em contacto. Não retornarei mais a este lugar a não ser em caso de extrema necessidade.

A saída do Delegado foi rápida e discreta. Voltou à mesa, pagou a conta e sumiu na rua Buenos Aires.

No fim do dia, um envelope foi deixado numa mesa no Aleppo, trazia uma foto Polaroid do Rachid segurando um jornal do dia, um bilhete mandando aguardar outro contacto e uma nova senha.

### 30

Já era o quinto dia desde o seqüestro e as negociações se arrastavam. Os bandidos ordenaram que D. Fádua levasse roupas do menino numa sacola de um determinado supermercado e aguardasse sozinha na entrada de uma estação do metrô até uma determinada hora. Não apareceram. Quando Nicolau comunicou-se com o delegado este asseverou:

- Estavam testando se vocês avisaram à polícia. Mantenham-se firmes. Houve progressos com nossa fonte. Logo, logo estaremos em posição de contra-atacar. Estamos entrando na parte mais difícil da negociação. O assunto já está sendo tratado nas mais altas esferas.

O Alepo virara o Q.G. das operações, fora feito tudo exatamente como o delegado ordenara. Rodolfo mudara-se para a casa de Iasmina, que já abrigava Raquel, e os pais de Rachid dormiam no quarto de Rodolfo. A parte de cima do restaurante fora definitivamente fechada, a título de obras, e lá se instalara Nicolau. A Dr<sup>a</sup> Mariana retornara ao trabalho buscando aparentar que tudo estava na mais perfeita normalidade, mas decidira fazer meio expediente e no resto do dia aboletava-se no Alepo. Iasmina pediu licença do trabalho e teve uma conversa com Armando que por pouco não o fez abandonar a família, ao invés, viajou com os filhos para a serra. “Dane-se a escola de vocês”, disse para as crianças, “e não me perguntem mais nada”. No íntimo pensava que ainda daria uma surra na mulher.

Nicolau mergulhara numa profunda introspecção que só esparecia quando Mariana o encontrava. Uns procuravam animar aos outros mas este efeito não funcionava com os pais de Rachid. D. Fátua mantinha o ritmo de seu pranto incólume e o “seu” Calil, por causa de um surto de hipertensão, vagava dopado da cama para o banheiro seguindo os ditames da medicação diurética. Iasmina, além de tentar acalmar Armando e as crianças pelo telefone, via-se seguida pela sombra de Rodolfo que também incorporara Raquel aos seus cuidados, por quem estava visivelmente encantado.

No fim do dia, Nicolau, cansado, recostado no colo de Mariana e tendo Iasmina ao seu lado disse:

- Alguma coisa nisto tudo não se encaixa. Este Dr. Feijó está escondendo algo, com certeza, mas o que? Está claro que ele tem contacto com os seqüestradores, mas porque?

- Qual a melhor maneira de manter a polícia fora do caso se não te -la ao seu lado? - Ponderou Mariana.

- Ele se arriscaria tanto assim? - Foi a vez de Iasmina.

- Se for verdade, isto nos dá uma certa segurança com relação ao Rachid. - Continuou Nicolau.

- Como? - Perguntaram as duas em uníssono.

- Porque ele não se arriscaria a este ponto. Quero dizer, ele talvez se permita assumir um risco calculado mas jamais confiaria totalmente sua sorte nos meliantes. Sendo um policial experiente provavelmente se colocaria numa posição de segurança. Se tudo der errado, ele se dá bem. Se tudo der certo ele se dá melhor ainda. eu o sinto muito seguro de si.

- O Dr. Arlindo é um doidivanas. - Disse Mariana. - Não foi compulsoriamente aposentado por insanidade devido aos seus contactos políticos. Sua ficha funcional é quase um prontuário médico, mas até onde sei é considerado inofensivo exceto para ele mesmo. É, prá falar como se referem a ele, e com perdão da má palavra, um babaca, contudo, o têm como honesto. Pode ser que tenha pirado de vez.

- Então a situação é pior do que imaginamos. - Concluiu Nicolau antes de adormecer.

Mariana estava contrariada e não procurava mais disfarçar. Avisou no trabalho que não viria nos próximos dias, contrariando seus hábitos de assiduidade. Resolveu começar o dia por sua correspondência antes de ler os seus compromissos agendados. Entre as cartas, ofícios, memorandos e tudo mais, chamou sua atenção um envelope simples endereçado a ela, sem selo. “Outra denúncia anônima”, pensou, e era. Mas desta vez, o conteúdo fez com que Mariana rapidamente encerrasse o expediente e fosse voando para o Alepo.

Nicolau, Iasmina, Raquel e Mariana leram e releram a carta.

- Se for verdade, podemos salvar o Rachid, mas e se for outro truque dos seqüestradores para nos testar? - Indagou Nicolau.

- E se for invenção do tal Feijó? - Acrescentou Iasmina.

- Não, acho que a melhor explicação nos foi dada pelo próprio delegado. É alguém que não quer se envolver com um assunto no qual já está comprometido. - Afirmou Mariana.

- Como você pode ter certeza disto? - Perguntou Nicolau.

- Quem escreveu esta carta praticamente só faltou assina-la. Pelos detalhes que revela ele conhece todos os envolvidos nesta trama. Digamos que seja um truque dos seqüestradores. Porque eles iriam mencionar um deputado, um conhecido mafioso, um detetive e um delegado? Para incrimina -los ? Uma manobra diversionista? Não tem lógica na atual circunstância, ademais ele antecipa o pedido de resgate. Isto é uma pista sobre sua credibilidade. Se recebermos dos contactos o mesmo pedido saberemos que nosso informante está muito próximo dos mandantes do crime. Sendo assim ele se arrisca a ser descoberto pois deve ter conhecimento das manobras do delegado. Por isso a carta foi dirigida para mim, porque ele me conhece e sabe que eu nunca iria entregar esta carta para o Dr. Arlindo.

- Forte argumento - Declarou Iasmina. - Devemos seguir sua intuição.

- Tem lógica o que você diz. - Emendou Nicolau. - Pelo menos não devemos revelar nada ao delegado, mesmo porque, se porventura tiver ele sido o autor, também saberia que você jamais lhe revelaria isto.

- Será que ele fará outro contacto? - Acrescentou Iasmina.

- Mais do que ele revelou, só se nos der o endereço do cativo, que aliás eu acho que o fará - Completou Mariana. Iasmina concluiu:

- Bem, pelo que está dito, o Rachid também está nas mãos do Dr. Feijó, e não somente dos seqüestradores. Tão logo o resgate seja pago o menino estará seguro com os asseclas do delegado, pois os bandidos se retirarão do cativo, que será “descoberto” pelo delegado que então fará pessoalmente a “libertação” do garoto.

- Isto é totalmente inverossímil! - Exclamou Nicolau. - mas não temos outra explicação. Porque você acha que ele revelará onde está o menino?

- Pelo fato de que escreveu a mão. Ele está na verdade negociando sua própria pele. Caso o bando venha a ser desbaratado ele poderá ser identificado pela perícia grafológica e isto será sua defesa. Eu conseguiria absolve -lo, desde que o Rachid fosse recuperado incólume. Por isto creio que nos dirá onde é o cativo, a não ser que não saiba.

- Então guardaremos total sigilo desta carta. - Completou Nicolau.

- Não seria o caso de procurarmos outro canal na polícia e mostrarmos a carta? - Inquiriu Iasmina.

- Arriscadíssimo - Retrucou Mariana. - Não sabemos quem mais está envolvido nesta trama, além dos nomes que nosso informante nos deu, e ele pode não saber de tudo.

Raquel fez um resumo da situação a partir de suas anotações e concluiu:

- Agora só nos resta aguardar o pedido de resgate e se houver confirmação do que prediz a carta teremos de nos preparar para uma operação muito delicada. Em primeiro lugar vamos supor que peçam o dinheiro. Isto está fora de cogitação porque não há a menor possibilidade de mexer na conta que João abriu para o menino. É uma espécie de conta tutelada que somente João poderia alterar -la ou o próprio Rachid quando completasse a maioridade. O que seus pais recebem é apenas o rendimento do pecúlio. Só nos resta portanto entregar o pergaminho verdadeiro, mas não sabemos onde ele está, logo, teremos de blefar. Precisaremos ganhar tempo para que durante a transação,

antes que eles descubram o engodo, Rachid seja resgatado e isto só será possível se soubermos o local do cativo. Mesmo assim não se faz uma operação desta sem contar com um bom número de pessoas qualificadas. De qualquer modo precisamos de ajuda.

As conjecturas de Raquel trouxeram às mentes de todos a gravidade da situação. Passaram a analisar que tipo de ajuda precisariam e como obtê-la, parecia um beco sem saída.

Nicolau por fim apresentou uma idéia:

- Sabemos agora, se a carta for verdadeira, quem matou João e roubou a cópia do documento, portanto, todos os outros suspeitos, israelenses, palestinos e católicos estão na mesma situação. Todos querem o documento original, mas como isto não é possível, talvez se contentem com uma cópia. Podemos negociar a ajuda deles em troca da cópia, ou seja, diremos aos seqüestradores que daremos o original em troca do Rachid e da cópia. Ficamos com o menino e damos uma cópia para cada grupo que nos ajudar. Para isto no entanto precisaremos contar-lhes toda a verdade e rezar para que aceitem a barganha.

A proposição foi discutida e rediscutida várias vezes, pesando-se os prós e os contras, até que finalmente concluiu-se que não havia outra coisa melhor a fazer. Decidiram dividir as tarefas de contactar cada grupo. Nicolau procuraria os padres sírios, Raquel os israelenses e Iasmina os católicos. Decidiu-se que Mariana não deveria se expor e ficaria encarregada de zelar para que o informante não tivesse dificuldade de encontrar o caso quisesse revelar o local do cativo. Por isto ela deveria seguir sua rotina normal de trabalho para que não transparecesse qualquer suspeita de que algo diferente estaria ocorrendo, ademais, ela poderia controlar pessoalmente sua correspondência.

## 31

Raquel dirigiu-se ao seu apartamento escoltada por Rodolfo. Algum tempo depois Istvan Zoko chegou. O encontro dos dois foi tenso, principalmente quando Istvan percebeu a presença daquele gigante mal encarado. Raquel e Istvan conversavam em hebraico e ela teve alguma dificuldade em convence-lo de que Rodolfo não perturbaria os dois:

- A não ser que ele me julgue em perigo. - Acrescentou Raquel, com uma certa ironia.

Raquel expôs a situação e mostrou cópia da carta anônima, e antes que fizesse qualquer proposição Istvan tomou a palavra:

- Eu entendo perfeitamente a sua situação, e creia que jamais me passou pela cabeça fazer-lhe nenhum mal ou deixar que o fizessem. Agora você tem idéia do tipo de gente que está envolvida nisto. Até onde eu sei esta carta é absolutamente verossímil. Estamos preocupadíssimos com a sua segurança. Este assunto, por tudo que representa e pode desencadear, tornou-se prioridade para o nosso governo. Esta operação é no momento uma das mais preocupantes. Pois bem, há algo que você deve saber. Descobrimos uma infiltração na operação, e foi esta falha trágica que provocou a morte do Pe. João. Um dos nossos agentes trabalhava para a máfia e foi ele quem avisou-os que o padre entregaria os originais do manuscrito. Por isso decidiram rouba-lo e mata-lo. Este nefasto elemento já foi neutralizado mas infelizmente não a tempo de impedi-lo de perpetrar mais uma maldade. Achávamos que você seria o alvo de um possível seqüestro porque, como agora viemos a saber, este meliante, para tentar corrigir a besteira que fez, confirmou que você tinha a posse dos originais. Confesso que a princípio isto também me passou pela cabeça, mas apenas como conjectura. As informações desta carta complementam o que já sabíamos. Creio que a situação é perigosíssima pois os mafiosos estão em grandes apuros.

- Eu tenho uma proposta. - Interrompeu Raquel.

Istvan olhou aquela belíssima mulher e deu um curto suspiro. “É claro, minha querida, que tu tens um plano, fostes treinada para isto”, pensou, mas apenas fez um sinal para que ela prosseguisse.

Raquel explicou o plano detalhadamente, de modo que Istvan Zoko agora sentia-se outra vez recompensado pela confiança de sua mais linda agente. A reunião terminou com o acerto dos detalhes para a operação e pedidos de desculpas pelo passado, por ambas as partes.

Rodorfo cochilava na poltrona quando Raquel o chamou para irem embora.

## 32

O Pe. Lupércio dedicara aqueles dias para melhorar o relatório sobre o caso do Pe. João, tendo em vista o desenrolar dos acontecimentos. Os jornais palestinos divulgaram o relato do Bispo Ignatius e imediatamente uma avalanche de notícias e versões desabou na imprensa internacional. Devido a este fato sensacional começaram a chegar no Rio de Janeiro correspondentes dos mais diversos jornais do mundo, além, é claro, dos periodistas locais. “Ao menos”, pensou, “livrei-me de D. Carmine”, que fora despachado para Roma indo diretamente para um claustro no próprio Vaticano. O Cardeal passou a ser instruído diretamente pela Santa Sé, mais exatamente pelo próprio Papa. Por consequência, ao invés de um enviado papal havia agora uma verdadeira equipe de religiosos para investigarem o assunto. Havia a vantagem de ter diminuído a sua responsabilidade na condução do processo. Os padres sírios foram contactados e buscou-se aplinar as arestas decorrentes da embrulhada em que o caso se transformou. A desconfiança mútua era muito grande e levaria algum tempo até que fosse dissipada. De todos os jornalistas que teve de atender, o único que ele não queria por perto era exatamente o que mais tempo se plantava na sua ante-sala, Cleto Peixoto. Estimulado pelo sucesso que obtivera suas reportagens e agora valorizado pelo editor, que começava a acreditar na tese de um complô internacional, Cleto praticamente se mudara para o Palácio São Joaquim, sede do Arcebispado no Rio de Janeiro, e não largava o pé de Lupércio. Anotava diligentemente os nomes de todos que entravam no Palácio, até dos carteiros, e mesmo não conseguindo entender os jornalistas estrangeiros tentava conversar com eles sabe-se lá de que modo. Ainda assim, nenhuma notícia nova apareceu naqueles dias, para o sossego do Pe. Lupércio.

Cleto Peixoto sentia-se um tanto desamparado pois desde que Nicolau desaparecera misteriosamente e Iasmina tornara-se evasiva aos seus assédios quase nada conseguira de concreto que merecesse uma reportagem. A situação mudou quando chegaram as publicações internacionais com as declarações do Bispo Ignatius, que de resto Cleto não tinha a menor idéia de quem ou de onde era. Menezes, seu editor, no entanto, ficara impressionado com a coincidência das declarações e as informações que Cleto trouxera anteriormente. “Este rapaz é muito sortudo ou finge-se de bobo”, pensou. decidiu deixa-lo exclusivamente neste caso intuindo que ainda tiraria proveito disto.

Quando Iasmina foi até ao Palácio São Joaquim encontrar-se com Pe. Lupércio a primeira pessoa que encontrou foi Cleto Peixoto. Conversaram rapidamente tendo Iasmina dito a ele que fora ali a serviço para entregar alguns documentos relativos à perícia, “mera rotina”, declarou. Cleto Peixoto, apesar de tudo, estava melhorando muito seu desempenho como repórter, visto que não acreditou em nada que Iasmina lhe dissera, mas fingiu ter-lo feito.

Quando, horas depois, Iasmina retirou-se rapidamente, Cleto percebeu que havia algo no ar, pois além do tempo desmesurado que ela gastara para entregar apenas alguns documentos, desvencilhara-se dele com uma certa impaciência. Teve certeza de sua intuição quando viu chegar, algum tempo depois, a tropa de religiosos que passara a frequentar o Palácio desde que D. Carmine escafedera-se. Quando os estrangeiros retiraram-se, já tarde, Cleto estava exausto, mas decidiu

que deveria falar com Iasmina ainda aquele dia. Por isto foi direto para o Aleppo, que encontrou fechado. Voltaria pela manhã bem cedo.

Iasmina contactara Pe. Lupércio e após trocarem algumas palavras ao telefone dirigira-se imediatamente para o Palácio São Joaquim. O encontro com Cleto na ante-sala deixou-a nervosa pois o que menos queria era um repórter trapalhão seguindo-a, mas assim que começou a conversa reservada com Lupércio, esqueceu-se do episódio, coisa que não deveria ter feito. Ela foi direto ao assunto que a trouxera. Fez um breve relato da situação e mostrou a carta anônima. Lupércio estava atônito, mas antes que pudesse mesmo raciocinar no que fazer Iasmina revelou-lhe o plano para resgatar Rachid e completou:

- Não há um minuto a perder . Assim que recebermos o pedido de resgate, coisa que estamos esperando a qualquer momento, e se dermos sorte de obtermos a localização do cativo, entraremos em ação, com vocês nos ajudando ou não. Sabemos que é uma ação arriscadíssima mas não vislumbramos outra alternativa.

Deixou os telefones de contacto e as senhas correspondentes não dando tempo para que Lupércio contra-argumentasse. Polidamente o padre pediu-lhe um tempo para dar a resposta, ao menos até o fim do dia. Despediram-se em grande ansiedade. Tão logo Iasmina retirou-se Lupércio pediu uma reunião urgente com o Cardeal e repassou-lhe as informações. Logo após, chamados pelo próprio Cardeal chegaram os prelados papais.

A nova situação foi discutida sob clima tenso, por fim o Cardeal encarregou Lupércio de contactar Iasmina logo cedo, recomendando:

- Devemos ter certeza que a história desta senhora é verdadeira. Caso se confirme, voltaremos a analisar o que fazer em seguida.

Lupércio sentiu-se no limite de suas possibilidades. Pensou, para se consolar, que aquilo era uma prova para sua fé, portanto, ao recolher-se, redobrou suas orações.

Nicolau foi recebido acrimoniosamente pelos padres sírios. Soube que seu encontro com o Bispo Ignatius fora comunicado a eles, mas o efeito não parecia positivo. Ao longo da conversa pode perceber que havia um certo ciúme pelo fato do chefe da Igreja Síria ter sabido dos detalhes do caso no Rio de Janeiro pelo jornalista. Nicolau gastou toda sua diplomacia para contornar o mal-entendido. Quando sentiu que o clima estava mais ameno, soltou a bomba sobre eles. Foram necessárias muitas horas e vários telefonemas internacionais para se dirimirem as desconfianças e se chegar a um consenso. Os sírios iriam ajudar. Estavam de fato consternados com a desdita de Rachid.

Nicolau sentindo-se muito cansado voltou tarde para o Aleppo, e, por sorte, percebeu, sem ser visto, Cleto Peixoto à porta do restaurante. Teve de esperar escondido que o jornalista se retirasse, mas anteviu os problemas que se seguiriam.

### 33

Ao se reencontrarem no restaurante e repassarem as últimas notícias do dia o desânimo abateu-se sobre todos. Nenhum contacto. Nicolau deu o tom soturno ao comunicar:

- O Cleto Peixoto estava em frente ao restaurante quando cheguei, mas não me viu. Creio que amanhã teremos uma visita sua bem cedo. Temos de despista-lo e mantê-lo longe daqui, só que no momento não consigo pensar em nada.

Houve um silêncio constrangedor na sala. Todos pensavam. Por fim Mariana falou:

- Talvez não seja tão ruim assim este fato... - Todos olharam para ela com curiosidade de saber como explicaria aquela assertiva - Se soubermos divulgar informações em nosso favor, para ganharmos tempo e darmos cobertura à nossa operação de resgate.

Houve um alvoroço passando pelas mentes cansadas de todos. Havia um certo quê nas palavras de Mariana que fazia sentido. Ela continuou:

- Não vamos despista -lo, mas contar-lhe uma história que nos beneficie. Os seqüestradores irão ler os jornais e se dermos a isca certa eles poderão engoli-la e facilitar nosso trabalho. Não sou particularmente favorável a utilizar a boa fé das pessoas para tirar proveito mas no caso não poderia haver justificativa maior.

- Um engodo... - falou Nicolau em voz baixa. - É uma possibilidade a pensar, mas o que diríamos para ele?

- Isto inclui o nosso informante incógnito. - Exclamou Iasmina. - Talvez esteja precisando de um empurrão para revelar o que falta.

Raquel, que consultava suas notas, levantou-se e falou:

- A única coisa que poderia fazer -los se precipitar seria a possibilidade de perderem a condição de obter o dinheiro ou o manuscrito. O dinheiro não poderão conseguir, mas o manuscrito, que obviamente pensam estar em minha posse, certamente é o objetivo principal, portanto, o alvo inicial do seqüestro era eu, como não conseguiram, levaram o Rachid. O delegado sabe que eu estou aqui e portanto tem a certeza que cederei cedo ou tarde a localização do documento, para salvar o menino. Agora, vamos supor que soubessem da minha saída iminente do país, digamos, contra minha própria vontade, certamente tentariam acelerar as negociações. Podemos plantar esta incerteza entre eles e o Cleto Peixoto cairia como uma luva para dar credibilidade ao boato.

- Parece muito boa esta idéia mas não vejo porque acreditariam num obscuro jornalista carioca. - Interrompeu Nicolau.

Raquel revelou o que Istvan contara a ela sobre o espião da Máfia entre os agentes israelenses, o que provocou um comentário sarcástico de Nicolau:

- Esta turma já foi melhor. Desculpe-me Raquel pela ironia. - Apressou-se em consertar.

- Sem problemas, Nicolau, eu também acho, mas é por aí que podemos ir. Os mafiosos ainda não sabem que o agente duplo foi descoberto e ele, se não colaborar agora, não completará o próximo aniversário. Estando desesperado lutará pela própria vida e fará o que lhe mandarem. Com sorte, se o Rachid for salvo, poderá escapar da pena de morte. Ele plantará a informação que queremos entre os mafiosos, e Cleto Peixoto dará um furo de reportagem descobrindo a trama dos israelenses para me tirarem do país. Tenho certeza que Istvan topará a parada.

Houve outro interregno silencioso na sala, até que Nicolau falou:

- É isto aí. Eu me encarrego do Cleto. Agora vamos acertar direitinho a história e o que faremos a seguir.

### 34

Cleto ficou surpreso quando foi recebido por Nicolau, mais ainda com as coisas que ouviu do veterano jornalista. Fez todas as anotações que pode e saiu voando para o endereço que obtivera. Quando abriu-se a porta da "Milev - Representações Comerciais", o próprio Istvan Zoko recepcionou Cleto. O jornalista estava um tanto confuso para identificar exatamente quem era seu interlocutor, pois Nicolau não lhe esclarecera porque alguém do governo de Israel iria contactá-lo através de um outro jornalista, mas, "enfim" pensou, "este assunto está tão embaralhado mesmo, e eu não posso desperdiçar esta chance". Istvan Zoko fez um breve relato da situação, a qual

acrescentou mais dúvidas ao jornalista. Percebendo o fato, Istvan foi direto:

- Senhor Cleto, anote aí. Eu sou um representante especial do governo de Israel designado para acompanhar o caso do roubo dos manuscritos e, como já foi noticiado pelos jornais, contávamos com a colaboração da Dr<sup>a</sup> Raquel na tentativa de localização da raridade. Infelizmente os acontecimentos trágicos que se seguiram interromperam as buscas. Agora, tememos pela vida de nossa especialista pois há interesses criminosos envolvidos com o assunto. Tudo o que queremos é reivindicar uma relíquia religiosa que tem importância especial para nosso povo, mas jamais colocaríamos em risco a vida de alguém. Estou lhe dando este depoimento para não deixar dúvidas quanto ao interesse do governo de Israel. Por isto recomendamos à Dr<sup>a</sup> Raquel que fique em local seguro até que possamos ter certeza que não corre perigo. Portanto, em momento algum, caso a Dr<sup>a</sup> Raquel decida-se por nossa proteção, poderá se aventar a hipótese que tenha sido por algum constrangimento físico e moral, ademais ela está grávida e é nossa obrigação dar-lhe tranquilidade para ter o filho em paz. No momento ela se encontra entre amigos. Talvez saia do país ou não, ainda não sabemos.

Cleto saiu do encontro diretamente para a redação. Baticou freneticamente no computador e ao terminar praticamente invadiu a sala do editor para lhe mostrar o texto. Menezes leu pausadamente a matéria e pensou que realmente avaliara mal o rapaz. Em seguida falou:

-Vai para a primeira página. Deixa o título comigo. Parabéns colega. – Levantou-se e apertou a mão do jornalista. Era sincero o que dizia, mas ainda havia a sensação de que não estava totalmente convicto desta opinião. “Será a primeira vez neste negócio que me engano sobre alguém”, pensou. No dia seguinte saiu na primeira página:

**“Judeus querem levar a mulher do padre assassinado”.**

Durante este dia, enquanto Istvan Zoko enrolava Cleto Peixoto dizendo-lhe meias verdades, pois afinal, havia realmente um plano para esconder Raquel, o Padre Lupércio encontrava-se com os pais de Rachid, na Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia, na rua da Alfândega. Iasmina estava presente conforme combinara. A conversa foi rápida, mas o suficiente para que Lupércio vislumbrasse que mais tarde, com o Cardeal e os padres investigadores do Vaticano, teria uma sessão de atormentadas decisões. O plano de Iasmina era na opinião de Lupércio uma jogada desesperada, tendo tudo para dar errado, mas, a crer no que via e ouvia, não conseguia imaginar algo melhor, exceto que, se fosse ele o Cardeal, despacharia todos os enviados papais de volta para o Vaticano e fecharia o Palácio São Joaquim. Foi com estes pensamentos encontrar-se com o Cardeal e seus acólitos da Santa Sé, mas não teve coragem de expor o que realmente pensava. Fez uma descrição minuciosa da situação, do plano mirabolante em que estavam prestes a se meter e aguardou as conclusões. Foram horas a fio de discussões, consultas a Roma e orações. O Cardeal, cansado e irritado encerrou a reunião mandando todos voltarem no dia seguinte pela manhã:

- Vamos orar para que Deus nos ilumine. - Concluiu.

No dia seguinte, logo após a missa, Lupércio abriu a reunião apresentando o jornal com a matéria de Cleto Peixoto. O efeito foi devastador. Na recepção do Palácio os jornalistas já aglomeravam-se querendo saber a opinião da Igreja, e o telefone não parava de tocar. Eram párocos, bispos e autoridades exigindo que houvesse uma resposta àquela infâmia. Lupércio, no fundo de seu pensamento, fantasiava uma fuga, deixando para trás o hábito, a Igreja e recolhendo-se incógnito à beira do ribeirão de sua cidade natal, pescando lambaris. Quando instado pelos presentes a apresentar sua opinião, principalmente pelo Cardeal, que obviamente não conseguia mais controlar os nervos, Lupércio falou já convicto que não escaparia de sua provação e, já que era este o caso, então mergulharia de vez nesta insanidade:

- Não temos nenhum controle sobre o que irá acontecer, muito menos estamos em condições de nos afastarmos do caso. Não podemos em nenhuma hipótese revelar o que sabemos do seqüestro do menino. O plano o qual querem que apoiemos tem tudo para dar errado. Neste caso, que Deus nos livre, se não tivermos ajudado, seremos impiedosamente acusados de omissão. Se der certo, que Deus queira, e não tivermos ajudado, também seremos impiedosamente acusados de omissão. Logo, só temos um caminho, ajudar. Há uma coisa que podemos fazer e que talvez ajude a ganhar tempo até que, pela graça do Senhor, se descubra o local do cativo do menino. A Santa Sé deve, pelos canais que D. Carmine revelou-nos, oferecer imediatamente uma recompensa milionária pelos manuscritos. Isto reforçará a crença dos bandidos que a tal de Raquel possui a peça. Esta reportagem praticamente diz que os israelenses estão com a mão na massa, como se fala. Talvez precipite o pedido de resgate, e mesmo force o informante anônimo a revelar o cativo. O mais, só Deus sabe... - terminou sua fala em um longo suspiro.

Seguiu-se uma balbúrdia de opiniões e invectivas contra e a favor. Alguém lembrou que a imprensa aguardava uma opinião da Igreja sobre a matéria jornalística daquela manhã. Lupércio, enquanto se deblaterava a esmo na sala, redigiu um comunicado.

O Cardeal aceitou falar com a imprensa e distribuiu o comunicado:

“Abominamos a forma sensacionalista como este delicado assunto vem sendo tratado. Respeitamos antes de tudo a vida que nos foi agraciada por Deus. Queremos que esta jovem possa ter o seu filho em paz, protegida e amparada, por seus familiares e amigos. Não acreditamos que haja qualquer fundamento nas declarações publicadas, e confiamos em nossas autoridades públicas para resguardar a incolumidade desta pessoa. A igreja católica fará todo esforço para que seja respeitado o direito desta mãe de escolher o seu caminho.”

O resto do dia passou numa febril atividade de atender aos chamados telefônicos e despistar os jornalistas. O Cardeal teve um mal estar e recolheu-se aos seus aposentos. Os investigadores do Vaticano ficaram acertando com Lupércio os detalhes do “plano maluco”, como eles mesmos chamaram. No fim do dia a Santa Sé confirmou que faria a sua parte e avisou que mais enviados chegariam no dia seguinte. Lupércio, exausto dormiu como estava e desistiu de rezar.

O delegado Feijó, a contra-gosto, encontrou-se secretamente com Carlos Carocino. A antipatia era mútua, mas Carocino disfarçava como podia, ao contrário do policial. Foi uma conversa tensa. Carocino falou:

- Podemos pedir o resgate. Queremos o manuscrito. Sabemos que a judia o tem e que ela vai ser retirada do país. Devemos agir o mais rápido possível.

Dito isto, retirou do bolso um roteiro que pôs-se a ler, dando os detalhes de como se daria a transação. Ao terminar a leitura, após um breve silêncio, Arlindo Feijó contra - argumentou:

- Espero que vocês tenham certeza do que estão pedindo. Quanto à operação eu me encarregarei de planeja -la e lhe informarei dos detalhes.

Carlos Carocino ficou enrubescido como um tomate maduro, o que não passou despercebido ao delegado, para sua grande satisfação. Arlindo sabia com quem estava tratando e não pretendia ficar tutelado, por isso antes que o deputado meliante pudesse falar, acrescentou:

- Vamos deixar claro o seguinte, as coisas serão feitas ao meu modo quando se tratar da troca. Vocês terão o que querem e eu o meu. Ademais estou lhe informando que devido aos riscos desta operação serei obrigado a cobrar um ágio adicional de trezentos mil dólares, adiantados. Não há barganha nisto e nem pensem em mudar o rumo das coisas. Vocês lucrarão milhões, e pelo que é estou até pedindo pouco. Creio que já falamos o bastante.

Arlindo levantou-se e saiu do local, deixando o político atônito. Quando o delegado já ia longe Carocino teve um ataque de fúria e quebrou alguns móveis. Convocou seus associados

imediatamente. Já de madrugada, aos berros e bêbado foi ouvido pelos demais bandidos:

- Eu ia dar um tiro naquele filho da puta, ali mesmo. Meganha de merda!

Marcos Ferrua, o beçola, juntou-se à indignação do comparsa e já fazia planos para eliminar o tira. Foi Paolo Nocce quem serenou os ânimos:

- Vamos fazer o que ele quer.

- Qual é ? - rebarbou Ferrua - Este cara vai tentar nos enganar, tá na cara. Vamos acabar com isto agora.

- Vocês fiquem quietos - asseverou Nocce em tom ameaçador - o que ele quer é mais dinheiro. As coisas estão indo bem. Eu já lhes falei que sabemos que a peça está com a mulher e dependemos deste delegado maluco pra meter a mão na relíquia. Se o assustarmos e ele cair fora toda operação desmorona. Se é dinheiro que ele quer, daremos. Vamos fazer o que ele está planejando, depois veremos...

Carlos Carocino apesar de indignado conteve sua raiva e ouviu Paolo Nocce:

- Nosso informante confirmou o que saiu no jornal.

- Isto é uma fria, porra. - Foi a vez de Beçola falar - O cara já falhou uma vez.

- O cara não falhou - retrucou Nocce acrimoniosamente - Aquela informação, de que o padre iria entregar o manuscrito, saiu errada daqui. Desta vez ele nos deu documentos irrefutáveis. Os judeus vão levar a mulher, e tem mais, será uma operação legal, com o consentimento dela. Até o momento ninguém falou no seqüestro. Eles já sabem, é claro, mas não passaram a informação adiante. Querem levar a mulher antes de pedirmos o resgate pois não vai dar pra segurar o segredo muito tempo. Assim que a levarem a bomba estoura e então nos ferramos. Deram garantias a ela que pagarão o que pedirmos para resgatar o menino. De qualquer modo a moça tá nas mãos deles e muito assustada, fará o que mandarem pois teme pelo próprio filho. Vamos forçar a barra. É tudo ou nada.

A palavra de Paolo Nocce foi definitiva, apesar da insubmissão de Beçola. Puseram-se a preparar seus próprios planos quando, no final do dia, veio outra informação. Paolo comunicou-a:

- Não há tempo a perder. Os compradores já fizeram o contacto e estão dispostos a pagar o que for pelo manuscrito. O prêmio dobrou. É preciso mais algum argumento ou vocês estão satisfeitos ? Alguma dúvida ? Não? - completou em tom irônico - então mexam-se.

A tensão no Alepo era enorme. Nenhuma notícia de Rachid nas últimas 24 horas. Nenhum contacto com o Delegado Feijó e os jornais rondando por toda parte a procura de Raquel, que se instalara definitivamente no restaurante, dividindo os aposentos de Rodolfo com os pais do menino. Mariana mantinha seu ritmo de trabalho à duras penas pois fazia dupla jornada, indo do trabalho ao Alepo de onde saía muito tarde. Os contactos com o mundo lá fora só se dava através do telefone por meio de senhas e contra senhas, evitando-se ao máximo o uso do telefone. D Munira e “seu” Elias procuravam manter o restaurante funcionando como podiam, mas já despertava curiosidade nos empregados a movimentação anômala daquelas pessoas. Tudo poderia desandar se houvesse qualquer vazamento de informações. Naquela noite já completavam dez dias desde que Rachid fora seqüestrado e tudo dependia agora de um plano desesperado. O desânimo era evidente e a esperança o único lenitivo que restava. Ao reunirem-se, como de hábito, no fim do dia, as conversas eram apenas de mútuo apoio e reafirmação da fé que tudo terminaria bem. Foi-se mais um dia de cão.

Pela manhã um agente de Istvan Zoko deixou sobre uma mesa uma mensagem. Raquel a leu e repassou-a aos companheiros de infortúnio:

- A máfia teve a confirmação da minha viagem. Agora é rezar para que engulam a isca.

Estas notícias deram maior alento a todos, mas a ansiedade aumentou. Iasmina estava

particularmente nervosa pois seu marido continuava furioso e mal falava com ela pelo telefone. O dia passava numa lentidão exasperante. Ao anoitecer, quase na hora do Alepo fechar, o Delegado Arlindo Feijó apareceu. Foi imediatamente conduzido ao andar superior e pediu para falar a sós com Raquel. Ao encontra-la foi direto ao assunto:

- Estamos fechando o cerco, e achamos que é iminente o pedido de resgate. No entanto, a notícia de que você sairia do país pode atrapalhar as operações. Tudo leva a crer que pedirão como resgate os tais manuscritos. Pois bem eu preciso saber qual é sua intenção com referência a esta possibilidade já que nossos planos de ação dependem disto., portanto responda-me com a verdade, você realmente está de posse deste material ?

Raquel confirmou num sussurro.

- E pretende dá-lo em troca do menino se assim o exigirem ?

Raquel acenou afirmativamente com a cabeça. O delegado suspirou e continuou:

- Tentaremos prender os meliantes na ocasião da entrega e resgatar o menino e a relíquia, mas devo lhe dizer que se for o caso daremos total prioridade ao garoto, quer dizer, se eu tiver que optar, sacrificarei o manuscrito. Compreendeu bem não é ?

Raquel então falou:

- Entendo tudo, claro, sem dúvida.

- Muito bem, agora só nos resta esperar. Eis aqui a nova senha. Tão logo os seqüestradores façam contacto ligue-me imediatamente e repita apenas a senha, e eu saberei que houve o pedido.

O delegado levantou-se para ir embora mas antes de partir deu uma última recomendação:

- Tenha tudo pronto caso eles peçam o manuscrito como resgate pois não teremos muito tempo para agir.

Raquel sentiu um misto de alívio e repugnância com a entrevista, mas só desabafou quando achou que o delegado estava bem longe:

- Que sujeito vil e asqueroso!

Todos se solidarizaram com invectivas ainda mais contundentes. Até que Nicolau falou:

- Chega de xingamentos. Vamos pensar no que fazer. Está claro que logo haverá um contacto. Precisamos nos preparar. Apesar de tudo o delegado é nossa única chance de reavermos o Rachid, caso nosso informante secreto não nos revele onde é o cativo.

- Mas a máfia vai perceber o logro e talvez não haja tempo para nada. - Iasmina exclamou em tom angustiado.

- Eu sei, - continuou Nicolau - mas penso que o delegado não vai querer um homicídio em suas costas. Ele já deve saber, ou sempre soube, onde o menino está. Imagino, e Deus queira que eu esteja certo, que ele protegerá o Rachid pois é sua garantia de que sairá incólume deste episódio. Vou ser mais claro. Para ele tanto faz que haja ou não um manuscrito, desde que se credite a ele o sucesso da liberação do menino. Que história iríamos contar a a partir do momento que a criança estiver a salvo? Que provas temos do envolvimento dele no seqüestro? Se falarmos alguma coisa teríamos até de provar que houve um seqüestro, já que não procuramos a polícia. Se ficarmos calados ele ao menos vai embolsar um bom dinheiro. Desta forma, para o delegado, é fundamental que o Rachid apareça são e salvo. Ele veio aqui apenas se certificar de que há realmente um manuscrito, ou seja, ele comeu a nossa isca junto com seus asseclas. Bem, esta é a pior das hipóteses. A melhor será se soubermos de antemão onde está o cativo.

- E se a máfia só devolver o Rachid quando tiver certeza que está de posse do original? - perguntou Iasmina.

- A máfia não pretende devolver o menino. - emendou Raquel, e continuou. - Nicolau tem razão, se o delegado fizer o jogo deles estará perdido. Eles estão apostando no tudo ou nada. O

fato de terem procurado o delegado é sinal que tinham poucas opções. Quando mataram o João tinham certeza que levariam o material autêntico, da mesma forma que agora, portanto não vão hesitar em repetir a violência. Acredito mesmo que pretendam eliminar o delegado, e ele sabe disto. Só espero que este policial seja ao menos competente para salvar a própria pele, e isto implica em salvar o Rachid.

- Que situação absurda ! - exclamou Iasmina. - Vamos ficar olhando o delegado e os bandidos jogarem gato e rato com a vida do menino ? Que tal se exigirmos algo como salvaguarda de que o Rachid será salvo ? Por exemplo, só entregamos o manuscrito depois de liberarem o garoto ficando um de nós como refém. Eu me ofereço para isto.

- Neste caso jogariam gato e rato com a sua vida, e com a do menino. - interrompeu Nicolau - Com o risco de termos dois reféns em vez de um. Mas o que você falou faz sentido. Talvez devêssemos de maneira sutil pressionar o delegado. Ocorreu-me que ele está ciente, como o mundo todo, que pretendem levar Raquel do país, e uma conversa de Istvan Zoko com o delegado poderá fazê-lo ficar mais zeloso em relação à segurança do menino. Afinal ele não é idiota ao ponto de não perceber que o Mossad sabe do seqüestro. A questão é saber se Istvan topará fazer isto.

- Istvan já se revelou, portanto não faz sentido manter a cobertura que tinha. Acertamos que exigiremos no resgate que a máfia devolva o que foi roubado do João, da qual serão feitas cópias para cada interessado. Podemos tentar que ele convença o delegado que o Mossad, muito a contragosto, e isto não está longe da verdade, concordou que eu entregue o manuscrito verdadeiro em troca da cópia apenas para evitar uma celeuma internacional, e que qualquer deslize o delegado será responsabilizado. É uma boa história. Pode surtir efeito. Falarei com Istvan, mas não posso garantir que concorde. De qualquer modo Istvan já deve estar na cola do delegado.

Istvan Zoko concordou com o plano de Raquel com tanta facilidade que ela começou a desconfiar que ele sabia de algo importante que ela desconhecia. De certo modo a intuição de Raquel estava correta. Istvan não sabia de nada em particular, mas sua experiência e também sua intuição, o fizera compreender que subestimara a inteligência de João, ou melhor, foi apenas a partir do momento que Istvan percebeu que gostava de Raquel além do que jamais se imaginara gostando de alguém, que pode entender o comportamento do Padre. João tentara de toda sorte proteger seu amor, assim como Istvan fazia agora. O que fizera João apaixonar-se por Raquel o fizera esconder dela o destino do manuscrito. Ele rompeu com sua igreja para salvar a própria fé. Ele nunca entregara a relíquia ao Vaticano. Ele não queria que semelhante patrimônio da humanidade fosse exclusivo de uma única confissão religiosa. E não queria conquistar o amor de Raquel em troca de velharias.

Enquanto Raquel falava Istvan Zoko confirmava sua revelação, faltava muito pouco para que ele se apaixonasse por ela. “ Ao diabo com este manuscrito, minha querida, eu faço qualquer coisa para agrada-la”, pensou despudoradamente, mas falou:

- Como você já deve ter imaginado, estamos seguindo o delegado. Tipo estranho este. Descobrimos assim o bando da máfia e para nossa surpresa demos de cara com Paolo Nocce. Daí não foi difícil chegar ao cabeça da operação, Dom Vincenzo Provenzano, um capo da costa leste americana ligado à máfia siciliana. Voilà ! Mais algumas investigações e fechamos o circuito que nos leva ao nosso agente duplo. Este Paolo é um homem muito perigoso e um dos executivos mais sanguinários de Dom Vincenzo, o que não é boa notícia para o pequeno Rachid. Estamos empenhados em tentar descobrir o cativo mas até o momento não temos nenhuma pista. O delegado parece estar agindo sozinho, o que é um tanto incomum numa operação desta. Um dos detetives de sua delegacia, um tal de Adamastor, tido como o protegido do Dr. Feijó, embora conste que está de férias, não pode ser localizado. Talvez seja o outro homem envolvido. Seria ele o

alcagüete secreto? Toda esta operação é meio atípica para os padrões da máfia. A turma daqui é um tanto conspícua e afoita, o que para nós é favorável. Falam muito e se expõem demais. Aí é que está o estranho. Eles parecem não saber onde fica o cativo, o que nos fez pensar que esta parte da operação ficou sob o controle de Paolo Nocce, mas pelo que você me relata e pelo que apuramos, o delegado parece tranqüilo quanto a este ponto. Tenho duas hipóteses: ou o delegado compartilha com a máfia o controle do cativo ou não. Neste segundo caso é possível que o informante nunca venha a saber a sua localização, e é esta a pior de todas as situações porque este mafioso não hesitará em executar o menino. Na primeira hipótese alguém de confiança do delegado está neste momento convivendo com um matador da máfia na guarda do menino, e será alvo junto com o Rachid. Pode ser o tal detetive que espero seja esperto o suficiente para perceber o risco que corre. É com estas informações que falarei com o delegado. Há uma chance de que surta algum efeito.

Istvan despediu-se de Raquel e ficou olhando ela sair. Suspirou e tentou afastar de seus pensamentos algumas fantasias perturbadoras, pensando, “Istvan, é uma senhora grávida”.

Quando o delegado chegou ao trabalho encontrou um cartão em sua mesa. Reconheceu o nome de Istvan Zoko e isto o deixou um tanto desconcertado. Pensou e repensou se deveria atendê-lo e decidiu-se afirmativamente mais por curiosidade, e também uma intuição sombria. Não deveria descuidar de nenhum ponto de seu plano e Istvan não constava dele. Tinha de saber do que se tratava.

Istvan foi conduzido à sala do delegado e com toda diplomacia se apresentou, tentando dar um ar amistoso ao encontro. O Dr. Arlindo respondeu secamente e disse:

- Estou lhe escutando.

- Sr. Delegado, vou direto ao assunto. Sabemos o que está acontecendo e isto não deve ser surpresa para o senhor, um policial experiente. Posso dizer um colega? Sim, porque também sou um policial a bem da verdade. Mas minha missão é muito especial e difícil, ainda mais nestas circunstâncias. Pois bem, os nomes escritos neste papel - e adiantou uma folha de papel ofício na qual constavam os nomes dos mafiosos - são de gente do tipo que conhecemos como “barra pesada”, daqueles que não se pode confiar em hipótese nenhuma. Pela natureza do meu trabalho estou a par do que eles são capazes de fazer e lhe digo da minha profunda preocupação. Para falar claro, tenho ordens e meios para neutralizá-los imediatamente, o que não o faço devido à situação atual. Cedo ou tarde esta pendência será resolvida, por mim ou por outro colega. Sei que o senhor está no controle da situação e confio no seu discernimento e competência, mas, estas são pessoas muito, muito perigosas, e se quiser posso lhe relatar mais detalhes que corroborariam o que digo. Ora, nosso único interesse, e digo nós, falando pelos meus superiores, é evitar que este “embrulho” traga algum prejuízo físico a uma de nossas colaboradoras e a uma criança inocente. Se isto não bastasse, paira sobre este caso uma ameaça potencial de desencadear uma crise diplomática de conseqüências imprevisíveis, o que certamente ninguém quer. Este é o motivo pelo qual estamos abrindo mão de abiscoitar algo precioso para nossa cultura, algo de valor inestimável, tanto que justificou meu deslocamento e de outros para cá. Mas não queremos que tal sacrifício seja em vão. Em resumo, se as coisas não derem certo, no rumo que esperamos, terei de intervir de forma radical, seja para corrigir algum desvio de rota ou para, digamos, cobrar, olho por olho, dente por dente, algum dano irreparável. Longe de mim, que o senhor pense, tratar-se de uma ameaça, mas estas são as regras deste jogo, e não foram feitas aqui, e não dependem de mim. Para todos os efeitos, não faremos absolutamente nada que possa interferir nas suas decisões, somos meros espectadores, mas me tranqüilizaria se soubesse que o senhor entende a complexidade do caso. Não quero roubar mais o seu tempo. Já terminei e estou a sua disposição para qualquer esclarecimento

que esteja nas minhas possibilidades de lhe dar.

O delegado Arlindo Feijó estava suando muito apesar do ar refrigerado de sua sala. Pensou em matar aquele gringo ali mesmo, mas preferiu perguntar:

- Vocês têm me seguido?

- Sim.

- Até onde vocês já foram?

- Bem longe.

- Eu poderia acabar com sua raça agora mesmo, aqui.

- Certamente, mas não duraria até o anoitecer.

- Eu acho que o senhor é um louco ou um babaca.

- Nem um nem outro, sou um agente de segurança do estado de Israel. Não trabalho sozinho e não tenho de prestar contas de nada.

- O que me garante o que o senhor está afirmando?

- Não há garantias delegado. Há fatos, e nós os conhecemos e podemos usa -los do jeito que acharmos melhor. Não estou lhe pedindo nada nem lhe oferecendo, apenas esclarecendo algumas coisas para dar outra perspectiva ao assunto.

- Não acredito em nada do que está me falando, o senhor está blefando e me deixando irritado. Não sei qual é sua intenção mas vou fingir que não ouvi nada para não ter de apelar prá ignorância. Creio que o senhor deve dar o fora daqui já, se ainda quiser garantir sua saúde. A minha paciência acabou. Some!

Istvan Zoko levantou-se e sem dizer mais nada escafedeu-se da sala. Intimamente teria preferido meter um par de balas no delegado. Mais intimamente ainda achou-se ridículo. Em toda sua carreira jamais tivera de fazer um papel tão idiota. Pensava no que o levava a ir até este ponto, e veio Raquel em sua mente. Seu coração acelerou de raiva e paixão enquanto pensava, “ Esta mulher está me perturbando o juízo”. Procurou se consolar achando que, afinal, o que fizera era moralmente justo, e poderia até funcionar.

E funcionou, embora pelos meandros peculiares da mente do delegado Feijó. A reação que tivera com o espião judeu, pondo-o para correr, agradara o ego do policial. Sentia-se reconfortado com a própria autoridade. Agira com firmeza, pensava, a altura da importância de seus planos. Considerou intimamente que estava no controle da situação e isto reforçou sua convicção de que precisava demonstrar ousadia e destemor redobrados daqui para frente. Isto o levou a outro pensamento, de que teria de ser impiedoso na conclusão desta jornada. Sentiu-se forte e perspicaz. Considerou que estava na hora de impor sua vontade. Ligou para Adamastor de um telefone público.

Adamastor estava recluso no cativado desde o dia do seqüestro, tomando conta de Rachid. Dividia esta tarefa com um mafioso italiano que não sabia uma palavra em português, mesmo porque raramente falava alguma coisa. O menino passava a maior parte do dia dormindo, sedado com tranqüilizantes. Adamastor nunca se ausentava do local, o mesmo acontecendo com o tal de Giglio. Os contactos eram feitos por telefone celular, tendo cada um o seu. Nunca chamavam para fora, apenas recebiam as ligações. Cada um tinha seu código particular de senhas. Os contactos externos eram feitos pelo detetive Camello, que periodicamente visitava o cativado por brevíssimos instantes, e por outro carcamano que agia do mesmo modo. Havia alguns esquemas de segurança que Adamastor combinara com o delegado e com Camello. Um deles, para uma situação de emergência, dependia de um chamado e uma senha específica, ou decorrido certo tempo sem nenhum contacto. Nestes casos deveria abandonar o cativado com o menino e eliminar o mafioso. “Certamente que este comedor de macarrão tem um plano igual”, pensava Adamastor. Por tal

circunstância, o clima dentro da casa de subúrbio, que fora escolhida como cativo, era o pior possível. Os dois carcereiros quase não dormiam e se vigiavam constantemente. No último contacto do delegado foi passada a senha que significava alerta total, a operação entrava na reta final. Adamastor preparou-se então para isto, o que significava usar intensamente estimulantes químicos. “Se este veado deste italiano mijar um milímetro fora do caco vai levar bala”, pensava, desejando mesmo que precisasse fazer isto. Camelo passou no cativo de madrugada para pegar uma foto polaroid de Rachid segurando o jornal do dia. Era a prova de que o menino estava vivo e bem.

Ao entardecer, o Dr. Arlindo Feijó encontrou-se com o Deputado Carocino na Igreja do Sagrado Coração, na Tijuca. Conversaram em voz baixa poucas palavras e o Dr. Feijó recebeu o dinheiro que pedira. Deixou um envelope com instruções para o parlamentar. Quando este abriu o envelope, em sua casa, na presença dos comparsas, leu-se em voz alta:

- “As instruções serão deixadas no restaurante pela manhã. Uma hora e meia antes avisarei para vocês ande se dará a entrega. Uma hora antes a família deve ser avisada. Após duas horas da entrega, a encomenda será liberada, sob minha custódia”.

Depois de alguma discussão, após a leitura das instruções, Paolo Nocce resumiu:

- Eu vou receber o material. Não haverá tempo para uma verificação mais detalhada da peça, portanto arriscaremos. O primeiro a ser rifado é o delegado, para isto o Beiçola vai pôr alguém no rastro do tira; melhor que sejam dois. Vamos botar uns quatro caras na cobertura. Neste momento o Giglio liquida o detetive que está no cativo e o menino. Vai ficar um para avisar -lo, ao meu sinal. Não pode haver erro. Vamos ter de agir sem sabermos em que terreno se dará a ação. Muito bem, amanhã bem cedo vamos deixar o “breakfast” no restaurante. Va bene. Andiamo, cada um sabe o que fazer.

Istvan Zoko encontrou-se, a noite, com Raquel no Aleppo. Comentou rapidamente a visita que fizera ao Delegado, e em seguida entregou a ela um pacote e explicou:

- Fizemos uma montagem com cópias em pergaminho de antigos documentos, conforme você orientou. Estão muito boas. Não dá pra enganar um especialista mas não creio que eles tenham um disponível. Provavelmente irão comparar com a cópia que têm, por isto embaralhamos as páginas. Espero que eles nunca tenham posto o olho neste tipo de documento. De qualquer modo levarão algum tempo para perceberem a fraude. Estarão sob pressão. Não creio que façam esta checagem no local. Isto nos dará algumas horas para agirmos. De qualquer modo, minha querida, se der certo ou não, pode ter certeza de que eles vão se arrepender. Avise-me imediatamente de qualquer novidade.

Raquel, depois que Istvan retirou-se, junto com seus amigos verificou o pacote e comentou:

- Estes caras são bons mesmo. A menos que haja alguém entre eles que conheça aramaico ou que tenha visto o original, vão levar muito tempo para perceber a falsificação, se perceberem.

## 35

Durante todos estes dias a maior dificuldade fora despistar Cleto Peixoto. Invariavelmente ele rondava o Aleppo, ligava para Iasmina ou procurava Nicolau. Percebera que algo diferente estava acontecendo. Quando as instruções para o resgate foram entregues no restaurante, Cleto estava lá. Sentado à mesa, pode ver a chegada da Dr<sup>a</sup> Mariana, de Iasmina, do padre Lupércio, de Istvan Zoko e do padre Jorge com seu inseparável companheiro Mehri. Cleto mal continha-se para segui-los apenas não o fazendo por temor a Rodorfo que postou-se ao pé da escada que dava para o segundo andar do restaurante, fechado para obras. Ao menos que todos aqueles personagens estivessem fazendo um mutirão para reformar o Aleppo, algo importante devia estar acontecendo. Foi então que

Nicolau veio ao seu encontro e falou:

- Meu caro amigo, tenho algo muito importante a lhe contar mas antes preciso que me prometa que fará tudo o que eu mandar ou terei de coloca -lo sob a proteção do Rodorfo pelas próximas 24 horas.

Cleto jurou por todos os santos que obedeceria Nicolau, menos por convicção religiosa e mais pela ameaça de ter de conviver sob a guarda de Rodorfo.

- Então me acompanhe. - completou Nicolau.

No andar de cima do Alepo Cleto encontrou um ambiente de grande consternação e nervosismo. Antes que os circunstantes começassem tão importante reunião, num canto da sala, Nicolau e Iasmina relataram da forma mais concisa e clara possível o que estava acontecendo. Cleto ficou tão nervoso quanto todos ali e antes que desse por si já havia sido servido pela D. Munira do indefectível suco de maracujá. Nicolau terminou a peroração dizendo-lhe:

- A história é sua desde que mantenha-se conosco até o fim. Eis porque se não concordar terei de pedir a Rodorfo que o guarde até que tudo termine. Sei que pode estar pensando, “Ah., mas isto é cárcere privado”, e é, ou melhor, será, se for necessário. Para situações extraordinárias, soluções extremas. Não tenho outra alternativa. Se o assunto vier à tona antes do resgate, os bandidos, e aí incluo o delegado Feijó, matarão o menino.

Cleto, entre uma golada e outra de suco, voltou a jurar que jamais trairia a confiança deles. Disse isto olhando de soslaio para Rodorfo. No fundo de seu coração ele sinceramente não pretendia arredar o pé daquele local até o desenlace final. Ainda mais no fundo, viu uma sala no jornal com seu nome na porta.

- Então comecemos a reunião. - dirigiu-se Nicolau para todos os presentes.

Todos os últimos eventos foram repassados até que Istvan resumiu a situação:

- Dependemos agora de um milagre, a localização do cativado antes da operação de entrega do material pedido. Mesmo considerando que o delegado fará tudo para proteger o garoto, os mafiosos envolvidos não terão piedade, portanto, devemos formar um grupo que ficará pronto para agir a partir de agora, caso recebamos a informação do local de prisão do Rachid. Sugiro que alguns de meus homens mais o Sr. Nicolau, pela facilidade da língua, pois a maioria deles não fala português, componham este comando. Eles foram treinados para enfrentar qualquer situação de violência. Os demais darão cobertura a Raquel e Iasmina durante a transação.

Todos concordaram.

- Acho que devemos nos separar agora porque o delegado deve aparecer a qualquer momento e não seria conveniente que se deparasse com este grupo. - Iasmina falou.

- É certo isto, embora o combinado tenha sido que ligaríamos para ele. - complementou Raquel.

Foram acertados os detalhes finais e, um a um, saíram do restaurante. Por via das dúvidas Nicolau pediu que Cleto fosse com Iasmina e Rodorfo. Em seguida o Dr. Feijó foi contactado.

Cleto, Rodorfo e Iasmina foram para casa dela. Armando havia voltado com as crianças depois de grandes discussões telefônicas. Embora ainda muito contrariado não pode deixar de preocupar-se com os acontecimentos e estava revoltado com o seqüestro do garoto. Pela sua própria índole conciliatória e por amor a Iasmina, Armando resignava-se com seu destino. Admirava o despreendimento dela embora o considerasse inconseqüente. Preferia que sua mulher fosse menos ativa profissionalmente ou que ao menos procurasse outro emprego. Com estes pensamentos tormentosos Armando reencontrou a mulher e lhe dedicou seu carinho. Fecharam-se no quarto do casal e acertaram suas diferenças no calor de seus corpos. Mais tarde após o almoço, enquanto todos conversavam trivialidades Armando chamou Rodorfo no escritório do amplo

apartamento. Trancou a porta e falou-lhe:

- Vou lhe pedir um favor, que sei nem precisava falar, mas farei assim mesmo. Quero que fique grudado com Iasmina, não perca ela de vista nunca, e se for o caso não hesite em usar isto. - Armando abriu uma caixa e retirou dela uma pistola, vários pentes de munição, algumas caixas de balas e uma cartucheira. - É uma automática 7.65, novinha em folha, testada e azeitada. Está em meu nome. Experimente a cartucheira. Ela é para ser usada sob a camisa. Você usa mesmo estas camisões largos, não será notada. Você sabe usar uma destas, não sabe?

Rodorfo fez que sim com a cabeça, segurou a arma e com destreza armou e desarmou o equipamento. Ajeitou a cartucheira no corpo, andou de um lado a outro do escritório e voltou a empunhar a arma. Por fim exclamou:

- É uma belezinha. Sempre quis ter uma assim. Devia dar uns tiros prá experimentar, mas não vai dar né?

Armando sentiu uma ponta de arrependimento de ter dado a pistola para Rodorfo, mas pensou, “os fins justificam os meios”. Voltaram para o convívio dos outros. Combinaram que Armando ficaria com as crianças em casa até que tudo se resolvesse. Depois disto sentaram-se e Iasmina relatou para Cleto, com detalhes todos os eventos ocorridos até aquele momento. Foi quando Cleto percebeu e falou:

- Então vocês me usaram este tempo todo.

- E você a nós. - emendou Iasmina.

- É, de um certo modo. Mas diga-me, e se der algo errado, o que vocês vão fazer?

- Será uma tragédia, mas nem penso nisto. Vai dar tudo certo. Você terá sua história e nós nossas memórias e o Rachid vivo. Só espero que não poupe o delegado, aquele patife.

- Ah. Pode deixar comigo. Vou fritar-lo e meu editor vai babar de alegria, ele adora meter o pau na polícia. Mas, porque um monte de velharia vale tanto dinheiro e desperta tanto interesse? O que está escrito nestes - consultou suas notas - “manuscritos de Qumram ou do mar morto”?

Iasmina dispôs-se a contar o que sabia, fruto de longas conversas com Raquel.

- A história de como eles foram achados eu já contei, mas o que contém é um mistério, pois não puderam ainda ser traduzidos, coisa que o Padre João iria fazer com Raquel. Pelo que pude entender são escritos da época de Jesus, sobre ele ou de alguém que poderia ter sido ele. Contam a vida dele na comunidade, os rituais religiosos e as crenças. Seria, digamos, a origem do cristianismo. Tem um valor histórico inestimável, mas também traz revelações que podem contrariar os dogmas religiosos tanto dos cristãos quanto dos judeus. E aí é que a coisa complica, como sempre, pela religião. Prá ser mais direta, se realmente este manuscrito revela a vida de Jesus e isto puder ser provado irrefutavelmente, ele terá sido apenas mais um homem santo da época, e não o filho de Deus. Agora você imagina o que isto poderia provocar de confusão. Mas são apenas hipóteses já que ninguém leu os manuscritos, ainda. Só que, agora, não se sabe onde o padre botou o original. Mesmo que se traduza a cópia somente o original dará credibilidade ao texto, ainda mais porque será possível calcular quando foi escrito, pelo exame do material.

- O que será que o padre fez com o original? - perguntou Armando um tanto fascinado com a história.

- Raquel jura que não sabe, e eu acredito nela. Pode ter sido entregue ao Vaticano, o que eu acho pouco provável, aliás Raquel concorda comigo neste ponto. Há o fotógrafo que copiou o original, mas não sabemos quem é tal pessoa e muito menos onde mora. Talvez no futuro se possa investigar, mas tampouco ele deve saber do paradeiro do manuscrito. Pode estar aqui no Rio de Janeiro ou fora do país. Eu tenho um palpite. Acho que está trancado no cofre de algum banco estrangeiro, mas o Padre João levou este segredo com ele.

- Pelo que você contou do itinerário do padre quando saiu de Jerusalém só pode estar na Europa. É só descobrir por onde ele andou, pelo passaporte talvez. - Ajuntou Armando.

- É, mas em que banco? Ele pode ter alugado um cofre por, digamos, 20 anos, tinha dinheiro para isto, mas é um começo. Talvez surja alguma correspondência do banco, mas mesmo assim há um problema, quem herdou os direitos do padre?

- O filho dele com Raquel, ora. - Cleto exclamou.

- Só que o filho ainda não nasceu e o pai está morto. Teria de se provar que o filho é dele mesmo. Até aí não haveria dificuldades técnicas com os testes atuais, mas o país onde está o banco ou seja lá o que for, teria de reconhecer a prova e nem sempre isto é assim tão fácil, ainda mais em se tratando de semelhante relíquia.

- Pelo visto - falou Armando - este manuscrito vai ficar mais dois mil anos guardado.

A tertúlia estendeu-se ainda um tanto. Anoteceu e aos poucos a ansiedade foi crescendo. Nada de contacto com os seqüestradores, desde que deixaram a mensagem no Alepo, pela manhã.

O Delegado Arlindo Feijó dirigiu-se para o Alepo imediatamente após receber o comunicado de Raquel. Lá reuniu-se separadamente com os pais do menino, quando deu-lhes garantias que resgataria a criança sã e salva, e com Raquel. Ela mostrou-lhe o manuscrito forjado e escutou-o, tentando manter sua indignação sob controle:

- Estamos para descobrir o local do cativo a qualquer momento, posso lhe garantir. Tudo que você deve fazer é seguir estritamente as instruções que certamente eles darão. Avise-me imediatamente com todos os detalhes, grave a conversa. Toda a minha equipe está preparada desde já. Faça tudo certo e deixe o resto por nossa conta. Logo o menino estará com seus pais e os bandidos presos. Não têm como escapar eu lhe garanto.

Quando o delegado se retirou sentiu uma enorme satisfação com seu próprio desempenho. Repassou mentalmente seu plano e não encontrou nenhuma falha. Dali dirigiu-se até o local que escolhera para realizar a entrega do manuscrito, o estacionamento do Museu de Carmem Miranda no parque do Flamengo, a beira da Av. Rui Barbosa, em frente ao morro da viúva. A noite era um local ermo e mal iluminado, freqüentado por mendigos e sem policiamento. Marcou mentalmente as posições em que todos ficariam e ensaiou discretamente andando pelo local como desfecharia o golpe final. Sorriu intimamente antegozando seu sucesso. Olhou o céu, percebeu que estava nublado e pensou, “se chover será melhor ainda”. Continuou sua inspeção agora pensando na versão que veicularia à imprensa. “Um policial persistente que descobre por sua própria investigação um complô internacional e o desbarata com sua equipe de homens dedicados. O menino é resgatado e também uma relíquia religiosa. Na refrega os mafiosos são mortos e um conhecido parlamentar é preso como cúmplice. Não poderia ser melhor. Ah, tentam incrimina-lo, mas isto é apenas uma manobra de bandidos desesperados. Há depoimentos de pessoas ligadas ao menino, declarando-o envolvido? Ora, são pessoas ameaçadas pela máfia. Porque não avisou seus superiores? Só tivemos certeza do caso em cima da hora e precisávamos agir logo.”

Feijó ainda perambulou pelo local algum tempo até que decidiu que era tempo de dar início à maior operação de sua vida. Teria um longo tempo até a madrugada, hora que decidira marcar para proceder o resgate.

O padre Lupércio juntou o batalhão de agentes do Vaticano na arquidiocese. O Cardeal continuava indisposto e sob tratamento médico. “Cagaço”, pensou, cada vez mais intimamente violando seu voto sacerdotal de obediência. Estava agora no comando, por ordem do próprio Cardeal. Na reunião, que se estendeu até depois do almoço, Lupércio deu-lhes os detalhes da

situação e avaliaram as possíveis conseqüências. Dom Giotto, o chefe dos tiras da Santa Sé ao final declarou:

- É primordial que esta mulher Raquel seja protegida de todas as formas, pois somente ela deve saber onde estão os originais, e é absolutamente imprescindível obter-se a cópia dos manuscritos. Por outro lado não poderemos de nenhuma maneira ficar expostos, no caso de alguma coisa dar errado, o que é mais do que provável. Devido a este fato somente o padre Lupércio participará pessoalmente da operação para não por em risco nossa discricção.

Lupércio aceitou aquela decisão com a aparente resignação que se espera de um sacerdote, mas, ao término da reunião, na capela da arquidiocese, contrito em suas orações, pediu perdão a Deus pelas blasfêmias que pensara. Quando terminou suas preces, já de volta ao seu gabinete, teve a sensação que não pertencia mais àquela vida religiosa. Vestiu-se com roupas leigas, guardou a batina com cuidado, olhou-se no espelho e gostou como se viu. “Por que não?”, pensou, “Por que não?”.

O irmão Jorge e o irmão Merhi confabularam com o superior da Igreja de São Nicolau sobre o que deveriam fazer. Não levou muito tempo para concluírem da inutilidade da participação deles, dito pelo superior:

- Só nos interessa o original, que nos pertence de direito. Iríamos nos arriscar muito para obter uma cópia. Não devemos fazer outra coisa senão observar e aguardar. Ficaremos aqui orando por todos. E exclamou:

- Que Deus nos ajude.

Todos responderam:

- Amém.

## 36

Já eram duas horas da manhã do 13º dia desde o seqüestro quando o telefone tocou no Alepo. Ninguém estava dormindo. Deixaram que o sinal soasse três vezes e Raquel atendeu, ligando imediatamente o gravador. Uma voz falou:

- Quem está falando aqui é o marido da D. Margarida, queria falar com a patroa, - esta era a senha correta.

- A patroa não está, mas ela me pediu para anotar o recado - esta era a contra senha correta.

- Então eu volto a ligar mais tarde. - e desligou. Era o procedimento combinado. Logo em seguida o telefone soou outra vez.

- D. Margarida? - a senha..

- Sim, é a patroa. - a contra senha.

- Preste atenção pois não vou repetir. Vá até o Museu da Carmem Miranda, no morro da viúva, sozinha no carro.

- Museu da Carmem Miranda no morro da viúva, sozinha no carro.

- Qual é o seu carro?

- Um Peugeot cinza Placa KBN 2455.

- Um Peugeot cinza Placa KBN 2455. No estacionamento do museu procure uma camionete preta da marca Ford com a placa LAP 4436.

- Uma camionete preta, da marca Ford de placa LAP 4436.

- Estacione de frente para ela, com os faróis apagados e acenda a luz interna.

- Estacione de frente para ela com os faróis apagados e acendo a luz interna.

- Não desça do carro em hipótese nenhuma. Aguarde o tempo que for.

- Não desço do carro em hipótese nenhuma e aguardo o tempo que for.
  - Alguém surgirá na janela do motorista e perguntará pela encomenda da D. Lourdes.
  - Alguém surgirá na janela do motorista e perguntará pela encomenda da D. Lourdes.
  - Você entregará a encomenda.
  - Eu entrego a encomenda.
  - A pessoa lhe dará um papel com as instruções que deve seguir após.
  - A pessoa me dará um papel com as instruções que devo seguir.
  - Siga as instruções ao pé da letra.
  - Sigo as instruções ao pé da letra.
  - Esteja lá às 3 horas em ponto.
  - Estarei lá as três horas em ponto.
  - No meu relógio são duas horas e quinze minutos. Acerte o seu.
  - No seu relógio são duas horas e quinze minutos. Acertei o meu.
- O telefone foi desligado.

A ansiedade era tanta que Raquel desatou a chorar. O clima de consternação propagou-se e ouviam-se soluços por todo Alepo. Nicolau enxugava as próprias lágrimas tentando manter a compostura a muito custo. Mariana Salvador soluçando baixinho murmurava:

- Meu Deus, porque o informante não liga. Pobre Rachid.

- Temos de avisar ao delegado e aos outros, não temos muito tempo. - Nicolau falou já mais controlado.

Aquilo funcionou como um alerta. Imediatamente procedeu-se à rotina planejada. Avisaram a Iasmina que se encarregou de avisar aos outros, de tal forma que o telefone do Alepo não ficasse ocupado. Ninguém pensava em como todas aquelas pessoas iriam para o local sem chamar a atenção, apesar de terem combinado alguns procedimentos de segurança, como estacionarem longe e se dirigirem a pé, da forma mais sorrateira possível. Não haveria tempo para combinarem nada. Ainda assim Nicolau tentou lembrar os procedimentos previstos:

- Os homens de Istvan a esta altura já estão se dirigindo para lá. Irão checar o local e marcarão um ponto de encontro o mais seguro possível. Nós devemos seguir já, no caminho saberemos a resposta. Não esqueça as instruções, estão escritas aqui. Cadê o pacote? O telefone celular? Eu vou com você e Mariana nos segue.

A despedida no Alepo foi marcada por nova seção de choros. D.Fádua soluçava convulsivamente enquanto tentava falar coisas ininteligíveis. O seu Calil chorava mansamente, entorpecido pelos remédios que vinha tomando em doses cada vez maiores. Nicolau preocupava-se com o estado de Raquel, mas a moça parecia controlar-se, embora ele estivesse a beira de um colapso nervoso. Os carros rodaram pela rua Buenos Aires, debaixo da chuva e dos trovões que desde o início da madrugada abatiam-se sobre a cidade. Circularam até a avenida Presidente Vargas e rumaram para o parque do Flamengo. Não seguiam muito rápido tanto por precaução que ocorresse algum imprevisto como pelo fato da chuva ter aumentado consideravelmente. Quando entraram na pista do aterro, passando pelo obelisco da Av. Rio Branco, o telefone celular de Mariana tocou. Ela freiou o carro, piscou os faróis em cima do Peugeot de Raquel e atendeu. Uma voz falou:

- O cativo é em Manguinhos. na rua Benito Viana 135. Vou repetir Manguinhos. rua Benito Viana 135.

- Manguinhos. Rua Benito Viana 135.

- Isto mesmo.

A ligação foi desfeita. Mariana procurou sua agenda e anotou o endereço. Neste momento

Nicolau bateu no vidro da janela. Ela, aos prantos, falava com ele sem perceber que com o vidro levantado não se escutava nada. Nicolau abriu a porta e ouviu-a contar o que ocorrera. Ele correu para o carro de Raquel e gritou:

- O cativoiro! Temos o endereço do cativoiro!

A chuva aumentou ainda mais e Nicolau estava completamente ensopado. Raquel já inteiramente no controle de suas emoções gritou com ele:

- Me dá o endereço. Temos de avisar Istvan.

Nicolau correu de volta para o carro de Mariana mas ela já descera e com um papel na mão entregou-o a Raquel dizendo:

- O endereço. Aqui está o endereço. Avisa pro Istvan.

Raquel completou a ligação, que não estava muito boa, mas conseguiu falar:

- Temos o endereço do cativoiro, anota aí. Manguinhos. Rua Benito Viana 135. Procura no mapa... Estamos na pista principal do aterro, logo depois do obelisco. .. Ok. - desligou o aparelho e falou. Eles já estão quase no local. O ponto de encontro é em frente à Fundação Getúlio Vargas. Vamos logo. Nicolau fica debaixo da passarela em frente ao Museu de Arte Moderna que eles vêm pega -lo para irem pro cativoiro. Mariana avisa Iasmina e segue para lá.

Antes que eles pudessem argumentar qualquer coisa Raquel fechou a porta e pôs o carro em movimento. Mariana correu para seu carro a fim de avisar aos outros. Nicolau seguiu Mariana e entrou no carro. as ligações pelo celular pioravam consideravelmente a cada relâmpago que caía cada vez com mais frequência. A chuva já era torrencial acompanhada agora de fortes rajadas de vento. Finalmente conseguiu um contacto e repassou as informações. Ligou o carro e arrancou, para frear logo em seguida. Nicolau olhou para ela e num lapso exclamou:

- A passarela! Oh Meu Deus! - abriu a porta do carro e despencou-se noite adentro em meio à tormenta tropical. Mariana gritou-lhe boa sorte e partiu. Nicolau fez o percurso o mais rápido que pode e abrigou-se debaixo da passarela procurando prestar atenção aos raros carros que passavam. A pista estava alagada até a metade de forma que Nicolau já tinha água pelas canelas. Notou que debaixo da ponte habitava uma pequena comunidade de mendigos.

Em frente à Fundação Getúlio Vargas Istvan encontrou Raquel, Iasmina, Cleto Peixoto, Rodorfo, o padre Lupércio e Mariana. O irmão Jorge ainda não aparecera. Não havia tempo a perder. Istvan falou:

- Meus homens já foram para o local. Três foram encontrar Nicolau. Temos apenas quinze minutos. Vou com Raquel até a praça Tamandaré e de lá sigo a pé. Vocês façam o mesmo mas não se aproximem do estacionamento, fiquem aos pares e não tentem nada. Apenas avisem pelo celular se notarem algo estranho. Desliguem o som do aparelho, fiquem apenas com o sinal luminoso ou de vibração. Vamos Raquel.

Iasmina ficou com Rodorfo e Cleto acompanhou Lupércio. Mariana preferiu aguardar o irmão Jorge, argumentando que ele chegando atrasado poderia aventurar-se sozinho pondo em risco a operação. Todos concordaram neste ponto. Na praça Tamandaré se separaram. Iasmina e Rodorfo seguiram pela pista do aterro, Cleto e Lupércio pela Av. Rui Barbosa. Havia algumas pessoas abrigando-se da chuva nas entradas dos prédios. Nada suspeito, mesmo para aquela hora da madrugada. Se algo parecia estranho eram aquelas duplas caminhando sob chuva forte e ventania aparentemente despreocupadas por estarem sem guarda-chuvas ou capas.

Às três horas em ponto Raquel estacionou seu carro em frente ao local combinado e procedeu conforme as instruções.

A chuva e o vento estavam tão violentos que mal se enxergava a alguns metros, exceto quando o clarão dos relâmpagos iluminava o céu, parecendo um imenso “flash” fotográfico,

registrando passo a passo o cenário e os protagonistas daquele enredo dramático.

Raquel aguardava.

Os três agentes de Istvan que foram ao encontro de Nicolau procuravam dirigir o mais rápido que podiam, mas a avenida do aterro do Flamengo estava quase alagada e com pouca visibilidade de tal forma que correr era impossível. Além do tempo que levaram para andar alguns quilômetros tiveram de parar debaixo da passarela e dois deles saltaram para procurar Nicolau. Foi a conta de impedirem que o jornalista fosse assaltado pelos indigentes que lá se abrigavam. Ao verem os agentes armados fugiram em meio ao aguaceiro deixando Nicolau em mangas de camisa. Não havia tempo para comentários. Retornaram à viatura e com muita dificuldade ultrapassaram uma verdadeira lagoa que se formara naquele trecho da avenida. Nicolau ordenou:

- Sigam pelo viaduto da perimetral e assim pegamos a avenida Brasil. Enquanto isto vou verificar no mapa onde fica esta rua.

O carro corria perigosamente por cima do viaduto espalhando água por todo lado. Nicolau não encontrava a rua. O tempo foi passando e chegaram à avenida Brasil. Tudo alagado. Tiveram de reduzir a velocidade a tal ponto que alguém a pé, correndo, iria mais rápido. Finalmente Nicolau achou o local no mapa:

- Vamos em frente, é na favela de manguinhos. Pegamos o viaduto adiante e retornamos pela Leopoldo Bulhões, eu aviso quando chegarmos nele.

Lentos como uma carroça conseguiram subir o viaduto e ao descerem do outro lado o carro chafurdou num alagamento e parou. A água atingiu a metade da porta e o veículo começou a flutuar sendo arrastado. A situação era desesperadora. Nicolau gritou:

- Fora do carro, vamos a pé. Se está ruim para nós está ruim para eles também. Esta merda vai afundar!

Os três tiveram de sair pela janela e a muito custo subiram pela rampa do viaduto. Não havia como passar, nem mesmo a pé. Ficaram debaixo da chuva atônitos, impotentes e paralisados sem saber o que fazer. andavam de um lado a outro procurando uma solução que não existia. Foi quando a luz da cidade apagou.

Dentro do Museu de Carmem Miranda o delegado Feijó, por uma janela, perscrutava o estacionamento. Viu o carro de Raquel estacionar. O momento estava chegando. Virou-se para o detetive Camelo e falou:

- Assim que aparecerem para pegar a muamba liga pro Adamastor enquanto nós entramos em ação.

Camelo empunhou o telefone celular enquanto olhava pela janela. A visibilidade era péssima. O Dr. Feijó chamou os outros quatro policiais que levava e ordenou:

- Quando eu der o sinal vocês vão. Eu e o Camelo daremos cobertura.

A tempestade alcançava sua máxima fúria agora, com o vento uivando pelos cantos do museu e balançando freneticamente as árvores. Camelo não conseguia ligação. Os trovões se seguiam cada vez mais frequentes e fortes. O delegado, num destes clarões viu nitidamente alguém se aproximar do carro de Raquel. Era a hora. Empunhando sua arma ordenou:

- É agora!

Quando saíram pela porta lateral, a luz da cidade apagou.

Raquel estava tremendo de frio e de medo. Pôs sua pistola debaixo da coxa direita, engatilhada. Tentava ver pelo vidro embaçado do carro o que estaria acontecendo. Controlava o

pânico como podia mas começou a sentir-se enjoada e tonta. Se ninguém aparecesse logo ela dificilmente se controlaria. Foi quando a luz da cidade apagou. Raquel sentiu-se tão amedrontada que não percebeu quando a porta de seu carro abriu e ela foi puxada com força para fora. Alguém lhe deu uma gravata e a arrastava para longe do carro. Sua pistola caiu e ela não tinha nem forças nem nervos para tentar reagir. Apenas se debatia. Na escuridão ouviu uma voz lhe dizendo:

- Fica quieta!

Ela conhecia aquela voz ! Quando a ouviu repetir a ordem entendeu porque fora abduzida com tanta facilidade. Era Rodolfo. Somente uma pessoa com aquela força poderia te-la carregado daquele jeito. Não respondeu e parou de se debater. Alguns metros depois, Rodolfo liberou-a do abraço e falou:

- Tá podendo andar ? Então vamos correr. - segurou-a pela mão e puxou-a com vigor. Raquel aos tropeços correu o mais rápido que pôde. Não olhou para trás, mas ouvia nitidamente o tiroteio.

Dentro da caminhonete Paolo Nocce e Marcos Ferrua, o Beißola, viram Raquel estacionar e seguir exatamente como ordenaram. Imediatamente Beißola ligou o celular e distribuiu ordens para seus asseclas que rodeavam o estacionamento. Virou-se para o banco de trás do veículo e falou com um dos comparsas:

- Vamos esperar um pouco até que a turma se posicione, aí você vai lá e faz o serviço. Repete aí.

- Pego o pacote e apago ela.

- É isso aí, simples. Não tem como errar, morou ?

- É isso aí.

- Deixa o babaca do delegado conosco. Este meganha é mesmo uma figurinha, aí. Dá prá acreditar ?

Os minutos foram passando e pairou um silêncio dentro da caminhonete. Beißola batucava no painel com uma certa ansiedade. Até que falou:

- Que que tá havendo ? Já deviam ter chamado. - Olhou o celular e checkou a bateria. - estes putos não conseguem nem ligar o telefone, porra ! - limpou o vidro do carro com a mão e aproximou-se dele. Neste momento um relâmpago iluminou toda área. Beißola gritou:

- Caralho, tem alguém lá fora ! Vai logo porra !

O bandido do banco de trás abriu a porta e pulou fora do carro. Ferrua o seguiu. Mal deram dois passos quando as luzes da cidade se apagaram.

Os homens de Istvan estavam rastejando em direção ao veículo dos bandidos. Tinham identificado os seguranças dos meliantes e se preparavam para o ataque quando a cidade ficou às escuras. Houve uma hesitação inicial mas ao ouvirem o barulho da porta da caminhonete se abrir avançaram sobre eles. Não havia mais ordem alguma na operação. O tiroteio começou não se sabe por onde. Quando os clarões da tormenta iluminavam a cena podia-se ver a correria de um lado para outro. O pipocar das armas recrudescia quando a natureza ligava suas luzes. Quem se mexia virava alvo. Todos gritavam tentando identificar os companheiros. Era uma balbúrdia. Ouviram-se alguns gemidos de dor. Passos correndo batendo em retirada. Seguiu-se um silêncio entrecortado pelo uivo do vento e pelas bategas. Istvan gritou para seus homens recuarem até o ponto de encontro. Vieram todos. Ele deu novas ordens:

- Vamos avançar de novo por trás do carro dos bandidos. Quero que procurem Raquel. Faremos duas colunas flanqueando o carro. Vamos lá.

Adamastor sentou-se na sala da casa em uma poltrona de onde podia ver a porta do quarto de Rachid e o mafioso sentado à mesa. Abriu uma revista de mulheres nuas e disfarçadamente botou a arma no colo. Percebera que o tipo estava agitado. A cada trovão que desabava o carcamano parecia mais nervoso. Adamastor não desgrudava o olho dele. Teria de esperar que o seu telefone vibrasse em seu bolso. Seria o sinal. Feijó lhe dera ordens expressas que eliminasse o cara. Sem testemunhas. Fazer como eles faziam. O detetive ao longo daqueles dias desenvolvera tal antipatia pelo italiano que mal esperava a hora de apaga-lo. Porque tinha de esperar tanto? Repassou o plano pela cabeça. Se ligassem era porque tudo dera certo. Se não ligassem até uma hora da última chamada, deveria proceder da mesma forma e sumir como garoto. Se qualquer coisa diferente acontecesse igualmente fazer o mesmo. Então porque estas alternativas se no fim tudo ia dar no mesmo? Enquanto pensava foi vendo seu parceiro aumentar a ansiedade. Mal escondia seu desassossego, e aquilo começava a dar nos nervos de Adamastor. Pensou, “seria este caso a tal coisa diferente que justificaria mandá-lo logo pro inferno?”. Neste ponto as suas conjeturas foram interrompidas por um formidável trovão que sacudiu a casa. Estupefacto, Adamastor viu o mafioso gritar como uma criança e se abaixar sob o tampo da mesa. Instintivamente empunhou a arma mas estava claro que aquilo não era uma manobra de despiste. O bandido segurava a cabeça entre as mãos e tapava os ouvidos. Adamastor se levantou com a arma ao longo do corpo e dizia para si mentalmente, “Meu cacete, o cara se caga de medo de trovão. Era só o que faltava”. Percebendo o ridículo que fizera Giglio levantou-se rapidamente e tentou se recompor. Quando se atirara no chão sua arma caíra da cintura. Num gesto rápido abaixou-se para pegá-la. Nunca conseguiu fazê-lo. Adamastor acertou-lhe dois tiros. Giglio caiu sobre a arma e não mais se mexeu.

O detetive certificou-se que havia mesmo matado o meliante e imediatamente foi até o quarto de Rachid. O menino dormia e nem se agitara com os tiros. Vestiu-lhe como pode um casaco e carregou-o para o carro. Quando o pôs no banco de trás o garoto acordou. Adamastor lhe disse:

- Fica tranqüilo garoto, vou leva-lo para casa.

Rachid ainda meio tonto perguntou:

- Vou ver minha mãe?

- Vai sim, daqui a pouco.

A chuva estava fortíssima e o carro de Adamastor se arrastava pela rua esburacada. Virou prá cá e prá lá até sair na Leopoldo Bulhões. Virara um rio a rua. Subiu com o carro na calçada e seguiu em frente. As luzes da rua se apagaram e mais adiante sentiu que estava sendo arrastado. O rio Faria Timbó transbordara e a torrente o havia pegado. Não conseguindo controlar o carro gritou pro guri:

- Vamos sair desta merda. Pula pela janela!

Rachid era um garoto esperto e já passara por muitas situações aflitivas apesar da pouca idade. Antes mesmo que Adamastor o orientasse ele já se pusera com o corpo para fora da janela. Sentiu medo e refugou. Adamastor empurrou-o. Rachid foi colhido pela correnteza e jogado num monte de entulho que se formara contra um muro da rua. Agarrou-se como pode àquela ilhota providencial.

Adamastor, muito maior que o menino, teve dificuldade para mover-se dentro do veículo, que não parava de rodar a esmo e ia sendo puxado celeremente para o interior do rio. Quando o detetive conseguiu botar o corpo pela janela o carro foi tragado pela corrente e sumiu levando consigo seu motorista.

No Museu de Carmem Miranda o tiroteio cessara. Na escuridão, alguém cambaleante atravessou a Av. Rui Barbosa e caiu junto ao meio fio, a alguns metros de Lupércio, que aos

primeiros tiros abrigara-se na portaria de um prédio. Era Paolo Nocce, mortalmente ferido, que buscara evadir-se carregando uma sacola. Lupércio não sabia quem era aquela pessoa mas seu instinto de sacerdote o fez correr até o moribundo. Por entre os clarões dos relâmpagos divisou o semblante inerte do mafioso. Num gesto automático o Padre fez o sinal da cruz na testa de Paolo enquanto murmurava a oração dos mortos. A bolsa, ainda segura pela mão do defunto, flutuava, puxada pelo redemoinho que se formara a beira do bueiro por sobre o qual o cadáver jazia. Lupércio retirou-a e na luz intermitente das faíscas que cortavam o céu viu seu conteúdo. Era a cópia dos manuscritos. Aquilo o fez sentir-se enormemente triste. Lembrou-se do Padre João, que morrera por causa daqueles papéis. “Quanta desgraça por tão pouco”, pensou. A tristeza rapidamente transformou-se em indignação e quando daí passou à raiva suas mãos, como num moto próprio, desfolharam o pacote e, página por página, foram sendo atiradas ao vórtice da cloaca.

### 37

Quando o dia amanheceu a cidade estava um caos. A chuva parara mas o dia continuava cinzento. As rádios anunciavam os estragos da noite e pedia-se aos habitantes que evitassem sair de casa. O transporte coletivo funcionava precariamente e os telefones, como de hábito, emudeceram em muitos bairros. As águas baixaram e podia-se ver lama e sujeira por toda parte. Os sons das sirenes dos veículos de socorro entrecortavam o ar. Nicolau e seus companheiros puderam então avaliar a situação em que se encontravam. O carro estava inutilizado e se viam cercados de água, lixo e lama por todos os lados. “E agora ?” pensou, “E agora?”. Um dos agentes, consternado percebendo a tristeza de Nicolau passou-lhe as mãos sobre os ombros e falou:

- Vamos sair daqui. Não há nada que possamos fazer.

Nicolau entendeu o gesto amistoso, suspirou, olhou em volta e respondeu:

- Vamos subir pelo viaduto e tentar chegar até a Fundação Oswaldo Cruz, aquele castelo na beira da avenida. Lá certamente obteremos ajuda.

Os carros-patrolha começaram a chegar ao Museu de Carmem Miranda com grande estardalhaço. Em pouco tempo o local fervilhava de policiais. Havia já uma aglomeração de pessoas na rua, na sua maioria moradores dos prédios em volta. A cena era dantesca. Havia um corpo na calçada e outros cinco espalhados pelo pequeno parque. Algum policial gritou:

- Tem um vivo, aqui. Chama a ambulância.

O carro de Raquel e a caminhonete dos bandidos estavam crivados de perfurações de balas. O sangue em volta dos corpos diluía -se nas poças criadas pela chuva.

Pouco antes de amanhecer, logo após a refrega, juntaram-se a Mariana Salvador, pois o irmão Jorge nunca apareceu, no ponto de encontro em frente à Fundação Getúlio Vargas, Rodolfo, Iasmina e Lupércio. Este falou:

- Cleto ficou por lá. Disse que não quer perder nenhum detalhe dos acontecimentos. Não houve jeito de convence-lo a vir.

Todos se abraçaram numa celebração por estarem vivos. Lupércio fez uma pequena e discreta oração. Ao terminar a prece perguntou:

- E o Rachid ? Temos de saber dele, e de Nicolau e os outros. Onde está Istvan ? Acho que houve muitos mortos.

- Vamos voltar para o Alepo. - Comandou Iasmina. - Aqui não há nada que possamos fazer.

O clima no restaurante era de euforia e consternação. D. Fádua e seu Calil dormiam sob o efeito de doses cavalares de tranqüilizantes:

- Eu dilui quase meio frasco no suco. - Explicou D. Munira.

- Os telefones estão mudos, inclusive os celulares. - Afirmou Raquel.

O Alepo era dotado de gerador próprio de modo que havia luz. O grupo juntou-se ao redor de uma mesa e cada um contou o que passara. D. Munira, ajudada por “seu” Elias e Rodolfo, o herói do dia, providenciavam alimentos para todos. “Seu Elias”, que não escondia a satisfação por Rodolfo e Iasmina estarem sãos e salvos, repetia, a cada relato que escutava:

- O Alepo não abre hoje. Vocês nasceram de novo.

Já amanhecera quando Armando chegou com as crianças. Ao ver Iasmina não pode conter as lágrimas. Juntou-se ao grupo e comeu vorazmente os manjares da sogra. Após um par de horas apareceu Istvan. Estava visivelmente nervoso embora procurasse disfarçar. Não precisou ser instado a contar a sua versão, e começou dizendo:

- Conseguimos um contacto com Nicolau e os rapazes. Não conseguiram chegar ao cativo. Estão trazendo Nicolau. Não vou poder ficar com vocês por muito tempo, a situação vai complicar muito assim que a polícia começar a ter idéia do que houve. Temos de deixar o país. Um dos nossos quebrou o braço numa queda, na correria. Agora não há mais nada a fazer senão rezar para que o Rachid esteja vivo. Devemos esperar pelo pior, lamento dizer. O delegado foi atingido, talvez esteja morto. Não pude identificar mais ninguém, mas houve muitas mortes. Não fomos atingidos por pura sorte. Nunca participei de nada igual, e olha que já lutei em duas guerras. A ação de Rodolfo foi perfeita, se ele não tivesse agido daquela forma Raquel teria sido morta. Se ele quiser eu o recuto. Que tal Rodolfo ?

Rodolfo não tinha escutado mas se o tivesse não teria respondido. Para ele aquelas quase mataram sua irmã e a amiga. Não gostava deles.

Algum tempo depois chegou Nicolau. Repetiu-se a cena anterior de emoção e lágrimas. Istvan despediu-se de todos. Antes falou com Raquel em particular:

- Espero revê-la em outras circunstâncias. Dê-me uma chance de mostrar-lhe quem realmente sou. De qualquer modo Raquel, eu gosto muito de você. Há algo mais, você está dispensada de qualquer obrigação conosco.

Raquel abraçou-o ternamente e Istvan partiu.

A mesa abrigou Nicolau que ansiava por algo quente. Munira serviu-o com um café fumegante quando telefone do Alepo tocou. Todos gritaram em uníssono:

- O telefone !

D Munira atendeu e após alguns segundos gritou:

- O Rachid, o Rachid ! Foi encontrado, está vivo !

Seguiu-se uma algazarra de júbilo. Correram para acordar os pais do menino. Em vão. O suco de maracujá aditivado de D. Munira não perderia o efeito tão cedo. A polícia estava trazendo o garoto. D Munira explicava eufórica:

- Ele foi achado pelos moradores de uma favela, num monte de entulho. Louvado seja Deus !

Quando Rachid chegou o ambiente era de festa total, com direito inclusive a música e bebidas. “Seu Elias” repetia:

- Nem hoje nem amanhã o Alepo abre. Vocês nasceram de novo.

Cleto Peixoto varou o dia atrás da notícia. Anotou cada detalhe e quando se deu por satisfeito correu para o jornal. Entrou na redação como um bólido indo direto escrever a história. Menezes, o editor, foi avisado pelo contínuo da chegada do jornalista:

- O cara parece que foi atropelado por um caminhão. Está com uma aparência medonha.

- Deixa ele lá. Tenho de fechar as matérias sobre a chuva. Depois falo com ele. Deve ter se

metido numa baita de uma farra.

Mais tarde, considerando que a edição estava pronta, mandou chamar Cleto. Quando o periodista entrou na sala, o Menezes teve de concordar com o contínuo. O aspecto de Cleto era péssimo o que o fez dizer:

- Caramba. Por onde você andou ? Numa guerra ?
- Pode apostar. Está pronto para ouvir ?
- Sou todo ouvidos.

- Prá começar, o delegado Arlindo Feijó está em coma, com um tiro na cabeça, e se escapar com vida vai virar um vegetal. Paolo Nocce, um mafioso da pesada, foi morto ontem de madrugada no aterro do Flamengo, o famigerado meliante Marco Ferrua, o beíçola, protetor do eminente deputado Carlos Carocino foi baleado e morto na mesma refrega; mais dois bandidos o acompanharam pro além; junto partiu um policial da 4ª D.P., amiguinho do delegado. O detetive Adamastor, braço direito do Dr. Feijó foi achado dentro do carro no fundo do Faria Timbó. Um italiano mafioso ligado ao Paolo Nocce foi morto a tiros numa casa na favela de manguinhos. Um bando de espiões judeus saiu do país esta tarde num avião fretado com rumo ignorado. Agora pouco os santinhos do Vaticano se escafederam. A Raquel, a mulher do padre, estava no fogo cruzado desta madrugada e o menino Rachid foi achado num monte de entulho na favela de manguinhos. Apenas um detalhe. Eu vi tudo. Eu estava lá. Taí a história toda. - E colocou com todo cuidado as laudas sobre o colo do Menezes.

O experiente jornalista pôs-se a ler o material, e antes do meio da narrativa pulou as páginas com sofreguidão. Levantou-se, saiu da sala e gritou:

- Para tudo. Vamos mudar a primeira página.

Voltou para a sala deu um tapa nas costas de Cleto e falou:

- Meu chapa, pela primeira vez na vida eu me enganei num julgamento. Você é ótimo. Deixa a manchete comigo. Vai prá casa descansar. Amanhã volta aqui pra gente comemorar. Tenho de tomar cuidado contigo agora, senão você rouba o meu lugar.

Virou as costas e zuniu para a redação. No dia seguinte já tarde, quando Cleto acordou e imediatamente foi verificar a capa do seu jornal, estava lá, em letras garrafais, uma tripla manchete:

**“ESPIÕES JUDEUS MATAM MAFIOSOS ASSASSINOS DO PADRE ”.**  
**“POLICIAL BALEADO TRABALHAVA PARA OS BANDIDOS”**  
**“VIÚVA DO PADRE PARTICIPOU DO TIROTEIO”**

Não podia ser melhor. Cleto pensou, “A Raquel não vai gostar muito”.

### 38

Alguns dias depois Iasmina chamou Raquel no Alepo. Soube que a amiga partiria em breve do país para ter o filho em lugar tranqüilo perto da família e longe do escândalo que pipocava nas páginas policiais. Foi então que Iasmina falou:

- Tenho uma coisa para você. A D. Elvira, você se lembra? A empregada da igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia, ela me procurou e me deu esta caixa pra entregar a você. Disse que o padre confiara a ela que a guardasse e só a entregasse a ele. Quando o padre João morreu ela ficou sem saber o que fazer. Pensou muito e chegou a conclusão que ela lhe pertence porque, afinal, você vai ter um filho do João. Aí está. Tem uma chave. ‘Tá aqui. Eu não abri, mas juro que estou morrendo de curiosidade de saber o que tem dentro. Só lhe peço um favor. Se achar conveniente

me diz depois o que é.

Raquel confraternizou com a amiga mas não abriu a caixa senão em casa. Havia documentos, cartas, fotos e um contrato escrito em italiano do aluguel de um cofre no Banco della Città de Roma., junto com uma chave e uma procuração plenipotenciária, de prazo indefinido, passada por João, no consulado da Itália no Rio de Janeiro, em favor de Raquel Frömen Weissen. Ela chorou de saudades.

Meses se passaram.

Iasmina um dia, recebeu uma carta. Era de Raquel e vinha de Roma. Tinha poucas linhas contando da saudade que sentia. Junto uma foto. Era de uma página de documento de aparência antiga escrito em alfabeto hebraico. Aquela visão incendiou a imaginação de Iasmina.

Mais tarde, na cama, com Armando, ela falou:

- Lembra que você prometeu que faríamos uma viagem de lua de mel, só nós dois?

- Claro que lembro.

- Pois eu acho que 'tá na hora de realizarmos isto.

- Sério ? Eu adoraria.

- Pois eu sei onde podemos ir.

- Onde ?

- Roma. A cidade eterna. Mais romântico impossível.

Armando abraçou a mulher, beijou-a e disse:

- Maravilha. Combinado. - E dormiu pensando que, afinal, Iasmina estava tomando juízo.

---

**FIM**